

LIVRO V

DEFINIÇÕES

- [LIÇÃO 1 - Cinco Sentidos do Termo "Princípio". A Definição Comum de Princípio](#)
- [LIÇÃO 2 - As Quatro Classes de Causas. Várias Causas do Mesmo Efeito. Causas Podem Ser Causas Uma das Outras. Contrários Têm a Mesma Causa](#)
- [LIÇÃO 3 - Todas as Causas Reduzidas a Quatro Classes](#)
- [LIÇÃO 4 - O Significado Próprio de Elemento; Elementos nas Palavras, Corpos Naturais e Demonstrações. Usos Transferidos de "Elemento" e Sua Base Comum](#)
- [LIÇÃO 5 - Os Cinco Sentidos do Termo Natureza](#)
- [LIÇÃO 6 - Quatro Sentidos do Termo Necessário. Seu Primeiro e Próprio Sentido. Coisas Imóveis, Embora Necessárias, São Isentas de Coerção](#)
- [LIÇÃO 7 - Os Tipos de Unidade Acidental e de Unidade Essencial](#)
- [LIÇÃO 8 - O Sentido Primário de Uno. Uno no Sentido de Completo. Uno como Princípio do Número. As Maneiras Pelas Quais as Coisas São Unas. As Maneiras Pelas Quais as Coisas São Muitas](#)
- [LIÇÃO 9 - DIVISÃO DO ENTE EM ACIDENTAL E ESSENCIAL. OS TIPOS DE ENTE ACIDENTAL E DE ENTE ESSENCIAL](#)
- [LIÇÃO 10 - Significados de Substância](#)
- [LIÇÃO 11 - As Maneiras Pelas Quais as Coisas São as Mesmas Essencial e Acidentalmente](#)
- [LIÇÃO 12 - Vários Sentidos de Diverso, Diferente, Semelhante, Contrário e Diverso em Espécie](#)
- [LIÇÃO 13 - As Maneiras Pelas Quais as Coisas São Anteriores e Posteriores](#)
- [LIÇÃO 14 - Vários Sentidos dos Termos Potência, Capaz, Incapaz, Possível e Impossível](#)
- [LIÇÃO 15 - O Significado de Quantidade. Suas Espécies. O Essencialmente e o Acidentalmente Quantitativo](#)
- [LIÇÃO 16 - Os Sentidos da Qualidade](#)
- [LIÇÃO 17 - Os Sentidos do Relativo](#)
- [LIÇÃO 18 - Os Sentidos de Perfeito](#)

- [LIÇÃO 19 - Os Sentidos de Limite, de "Segundo o Qual", de "Em Si Mesmo" e de Disposição](#)
- [LIÇÃO 20 - Os Significados de Disposição, de Posse, de Afecção, de Privação e de "Ter"](#)
- [LIÇÃO 21 - Os significados de "Vir de Algo", Parte, Todo e Mutilado](#)
- [LIÇÃO 22 - Os Significados de Gênero, de Falso e de Acidente](#)

LIÇÃO I - Cinco Sentidos do Termo "Princípio". A Definição Comum de Princípio

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 1012b 34-1013a 23

“ 403. Em um sentido, o termo princípio [início ou ponto de partida] significa aquilo a partir do qual alguém move algo primeiro; por exemplo, no caso de uma linha ou de uma jornada, se o movimento é a partir daqui, este é o princípio, mas se o movimento é na direção oposta, isto é algo diferente. Em outro sentido, princípio significa aquilo a partir do qual uma coisa melhor vem a ser, como o ponto de partida do ensino; pois algumas vezes não é a partir do que é primeiro ou do ponto de partida da coisa que se deve começar, mas a partir daquilo a partir do qual se aprende mais prontamente. Novamente, princípio significa aquela coisa primeira inerente a partir da qual algo é trazido à existência, como a quilha de um navio e o fundamento de uma casa, e como alguns supõem que o coração seja o princípio nos animais, e outros o cérebro, e outros qualquer outra coisa do tipo. Em outro sentido, significa aquela coisa primeira não inerente a partir da qual algo vem a ser; e aquilo a partir do qual o movimento e a mudança naturalmente primeiro começam, como uma criança vem de seu pai e mãe, e uma briga de linguagem abusiva. Em outro sentido, princípio significa aquilo segundo cuja vontade as coisas móveis são movidas e as coisas mutáveis são mudadas; nos estados, por exemplo, o poder principesco, magistral, imperial ou tirânico são todos princípios. E assim também as artes, especialmente as artes arquitetônicas, são chamadas de princípios. E aquilo a partir do qual uma coisa pode ser primeiramente conhecida também é chamado de princípio daquela coisa, como os postulados das demonstrações. E as causas também são faladas no mesmo número de sentidos, pois todas as causas são princípios.

404. Portanto, é comum a todos os princípios serem a primeira coisa a partir da qual uma coisa ou é, ou vem a ser, ou é conhecida. E destes, alguns são

intrínsecos e outros extrínsecos. E por esta razão a natureza é um princípio, e também o é um elemento, e a mente, o propósito, a substância e a causa final; pois o bem e o mal são os princípios tanto do conhecimento quanto do movimento de muitas coisas.

COMENTÁRIO

Princípio

751. Agora deve-se notar que, embora um princípio e uma causa sejam o mesmo em sujeito, eles diferem em significado; pois o termo princípio implica uma ordem ou sequência, enquanto o termo causa implica alguma influência sobre o ser da coisa causada. Ora, uma ordem de prioridade e posterioridade é encontrada em coisas diferentes; mas de acordo com o que é primeiro conhecido por nós, a ordem é encontrada no movimento local, porque esse tipo de movimento é mais evidente aos sentidos. Além disso, a ordem é encontrada em três classes de coisas, uma das quais está naturalmente associada à outra, i.e., quantidade contínua, movimento e tempo. Pois na medida em que há prioridade e posterioridade na quantidade contínua, há prioridade e posterioridade no movimento; e na medida em que há prioridade e posterioridade no movimento, há prioridade e posterioridade no tempo, como é afirmado no Livro IV da *Física*. Portanto, porque um princípio é dito ser o que é primeiro em qualquer ordem, e a ordem que é considerada segundo prioridade e posterioridade na quantidade contínua é primeiro conhecida por nós (e as coisas são nomeadas por nós na medida em que são conhecidas por nós), por esta razão o termo princípio, propriamente considerado, designa o que é primeiro em uma quantidade contínua sobre a qual o movimento passa. Daí ele diz que um princípio é dito ser "aquilo a partir do qual alguém move algo primeiro", i.e., qualquer parte de uma quantidade contínua a partir da qual o movimento local começa. Ou, segundo outra leitura, "Alguma parte de uma coisa a partir da qual o movimento primeiro começará"; i.e., alguma parte de uma coisa a partir da qual ela primeiro começa a ser movida; por exemplo, no caso de uma linha e no de qualquer tipo de jornada, o princípio é o ponto a partir do qual o movimento começa. Mas o ponto oposto ou contrário é "algo diferente ou outro", i.e., o fim ou termo. Deve-se notar também que um princípio de movimento e um princípio de tempo pertencem a esta classe pela razão já dada.

752. Mas porque o movimento nem sempre começa do ponto de partida de uma quantidade contínua, mas daquela parte a partir da qual o movimento de cada coisa começa mais prontamente, ele dá, portanto, um segundo significado de princípio, dizendo que falamos de um princípio de movimento de outra maneira "como aquilo a partir do qual uma coisa melhor vem a ser", i.e., o ponto a partir do qual cada coisa começa a ser movida mais facilmente. Ele torna isso claro por um exemplo; pois nas disciplinas não se começa sempre a aprender a partir de algo que é um começo em sentido absoluto e por natureza, mas a partir daquilo a partir do qual se "é capaz de aprender" mais prontamente, i.e., a partir daquelas coisas que são mais bem conhecidas por nós, embora às vezes sejam mais remotas por sua natureza.

753. Ora, este sentido de princípio difere do primeiro. Pois no primeiro sentido, um princípio de movimento recebe seu nome do ponto de partida de uma quantidade contínua, enquanto aqui o princípio de quantidade contínua recebe seu nome do ponto de partida do movimento. Daí, no caso

daqueles movimentos que são sobre quantidades contínuas circulares e não têm ponto de partida, o princípio é também considerado o ponto a partir do qual o corpo móvel é melhor ou mais adequadamente movido segundo sua natureza. Por exemplo, no caso da primeira coisa movida [a primeira esfera], o ponto de partida está no leste. O mesmo é verdade no caso de nossos próprios movimentos; pois um homem nem sempre começa a se mover do início de uma estrada, mas às vezes do meio ou de qualquer termo a partir do qual lhe seja conveniente começar a se mover.

754. Ora, da ordem considerada no movimento local, chegamos a conhecer a ordem em outros movimentos. E por esta razão temos os sentidos de princípio baseados no princípio da geração ou vir a ser das coisas. Mas isso é tomado de duas maneiras; pois é ou "inerente", i.e., intrínseco, ou "não inerente", i.e., extrínseco.

755. De primeiro modo, então, um princípio significa aquela parte de uma coisa que é primeiro gerada e a partir da qual a geração da coisa começa; por exemplo, no caso de um navio, a primeira coisa a vir a ser é a base ou quilha, que é em certo sentido o fundamento sobre o qual toda a superestrutura do navio é erguida. E, similarmente, no caso de uma casa, a primeira coisa que vem a ser é o fundamento. E no caso de um animal, a primeira coisa que vem a ser, segundo alguns, é o coração, e segundo outros, o cérebro ou algum outro membro do corpo. Pois um animal é distinguido de um não animal pela razão da sensação e do movimento. Ora, o princípio do movimento parece estar no coração, e as operações sensoriais são mais evidentes no cérebro. Daí aqueles que consideravam um animal do ponto de vista do movimento sustentavam que o coração é o princípio na geração de um animal. Mas aqueles que consideravam um animal apenas do ponto de vista dos sentidos sustentavam que o cérebro é este princípio; contudo, o primeiro princípio da sensação também está no coração, mesmo que as operações dos sentidos sejam completadas no cérebro. E aqueles que consideravam um animal do ponto de vista da operação, ou segundo algumas de suas atividades, sustentavam que o órgão que está naturalmente disposto para aquela operação, como o fígado ou alguma outra parte semelhante, é a primeira parte que é gerada em um animal. Mas segundo a visão do Filósofo, a primeira parte é o coração porque todos os poderes da alma são difundidos por todo o corpo por meio do coração.

756. De um segundo modo, chama-se princípio aquilo a partir do qual se inicia o processo de geração de uma coisa, mas que está fora dela. Isso fica claro no caso de três classes de coisas. A primeira é a dos entes naturais, nos quais se diz que o princípio de geração é aquilo a partir do qual o movimento naturalmente se inicia nas coisas que ocorrem por meio do movimento (como aquelas que ocorrem por alteração ou por algum tipo semelhante de movimento; por exemplo, diz-se que um homem se torna grande ou branco); ou aquilo a partir do qual uma mudança completa se inicia (como no caso das coisas que não resultam de movimento, mas que vêm a ser apenas por mutação). Isso é evidente no caso da geração substancial; por exemplo, uma criança vem de seu pai e de sua mãe, que são seus princípios, e uma briga, de palavras insultuosas, que incitam as almas dos homens à discórdia.

757. A segunda classe em que isso se torna claro é a dos atos humanos, sejam éticos ou políticos, nos quais se chama princípio aquilo por cuja vontade ou intenção outros são movidos ou mudados. Assim, aqueles que detêm poder civil, imperial ou mesmo tirânico nos Estados são ditos ocupar os lugares principais; pois é por sua vontade que todas as coisas ocorrem ou são postas em movimento nos Estados. Diz-se que têm poder civil aqueles que são colocados no comando de

ofícios particulares nos Estados, como juízes e pessoas desse tipo. Diz-se que têm poder imperial aqueles que governam a todos sem exceção, como os reis. E detêm poder tirânico aqueles que, pela violência e desrespeito à lei, mantêm o poder real em suas mãos para seu próprio benefício.

758. Ele apresenta como terceira classe as coisas feitas pela arte; pois também as artes, de modo semelhante, são chamadas princípios das coisas artificiais, porque o movimento necessário para produzir um artefato se origina da arte. E dessas artes, as arquitetônicas, que "derivam seu nome" da palavra princípio, ou seja, as chamadas artes principais, são ditas princípios em grau máximo. Pois por artes arquitetônicas entendemos aquelas que governam as artes subordinadas, como a arte do navegador governa a arte da construção naval, e a arte militar governa a arte da equitação.

759. Novamente, à semelhança da ordem considerada nos movimentos externos, uma certa ordem pode também ser observada em nossas apreensões das coisas, e especialmente na medida em que nosso ato de entender, ao proceder dos princípios às conclusões, guarda certa semelhança com o movimento. Portanto, de outro modo, chama-se princípio aquilo a partir do qual uma coisa é primeiramente conhecida; por exemplo, dizemos que "postulados", i.e., axiomas e suposições, são princípios das demonstrações.

760. As causas também são ditas princípios nesses modos, "pois todas as causas são princípios". Pois o movimento que termina no ser de uma coisa começa a partir de alguma causa, embora não seja designada causa e princípio sob o mesmo ponto de vista, como foi apontado acima (750).

761. **Portanto, é** (404).

Em seguida, ele reduz todos os sentidos mencionados de princípio a um que é comum. Diz que todos os sentidos anteriores têm algo em comum, na medida em que se chama princípio aquilo que vem primeiro (1) ou em relação ao ser de uma coisa (como a primeira parte de uma coisa é dita princípio) ou (2) em relação ao seu vir a ser (como o primeiro motor é dito princípio) ou em relação ao seu conhecimento.

762. Mas, enquanto todos os princípios concordam no aspecto mencionado, eles diferem, no entanto, porque alguns são intrínsecos e outros extrínsecos, como fica claro acima. Portanto, a natureza e o elemento, que são intrínsecos, podem ser princípios — a natureza como aquilo a partir do qual o movimento se inicia, e o elemento como a primeira parte na geração de uma coisa. "E mente", i.e., intelecto, e "propósito", i.e., a intenção de um homem, são ditos princípios como extrínsecos. Novamente, "a substância de uma coisa", i.e., sua forma, que é seu princípio de ser, é chamada princípio intrínseco, já que uma coisa tem ser por sua forma. Novamente, de acordo com o que foi dito, aquilo em vista do que algo vem a ser é dito um de seus princípios. Pois o bem, que tem o caráter de fim no caso da busca, e o mal, no caso da fuga, são princípios do conhecimento e do movimento de muitas coisas; isto é, todas aquelas que são feitas em vista de algum fim. Pois no âmbito da natureza, no dos atos morais e no dos artefatos, as demonstrações fazem uso especial da causa final.

LIÇÃO 2 - As Quatro Classes de Causas. Várias Causas do Mesmo Efeito. Causas Podem Ser Causas Umas das Outras. Contrários Têm a Mesma Causa

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2: 1013a 24-1013b 16

“ 405. Em um sentido, o termo causa significa aquilo a partir do qual, como algo intrínseco, uma coisa vem a ser, como o bronze de uma estátua e a prata de uma taça, e os gêneros destes. Em outro sentido, significa a forma e o padrão de uma coisa, i.e., a expressão inteligível da quiddidade e seus gêneros (por exemplo, a razão de 2:1 e o número em geral são a causa de um acorde de oitava) e as partes que estão incluídas na expressão inteligível. Novamente, aquilo a partir do qual começa o primeiro começo da mudança ou do repouso é uma causa; por exemplo, um conselheiro é uma causa, e um pai é a causa de um filho, e, em geral, um fazedor é uma causa da coisa feita, e um cambiador, uma causa da coisa mudada. Além disso, uma coisa é causa na medida em que é um fim, i.e., aquilo em vista do qual algo é feito; por exemplo, a saúde é a causa de andar. Pois se somos perguntados por que alguém deu um passeio, respondemos "para estar saudável"; e ao dizer isso, pensamos ter dado a causa. E tudo o que ocorre no caminho para o fim sob o movimento de outra coisa é também uma causa. Por exemplo, a redução, a purgação, os medicamentos e os instrumentos são causas da saúde; pois todos estes existem em vista do fim, embora difiram entre si na medida em que alguns são instrumentos e outros são processos. Estes, então, são quase todos os modos como as causas são mencionadas.

406. *E, como há vários sentidos em que as causas são mencionadas, acontece que há muitas causas da mesma coisa, e não de modo accidental. Por exemplo, tanto o fazedor de uma estátua quanto o bronze são causas de uma estátua não sob qualquer outro aspecto, mas na medida em que é uma estátua. Contudo, não são causas do mesmo modo, mas uma como matéria e a outra como fonte de movimento.*

407. *E há coisas que são causas umas das outras. A dor, por exemplo, é causa da saúde, e a saúde é causa da dor, embora não do mesmo modo, mas uma como fim e a outra como fonte de movimento.*

408. *Além disso, a mesma coisa é às vezes a causa de contrários; pois aquilo que, quando presente, é a causa de alguma coisa particular, isso, quando ausente, às vezes culpamos pelo contrário. Assim, a causa da perda de um navio é a ausência do piloto, cuja presença é a causa da segurança do navio. E ambos — a ausência e a presença — são causas moventes.*

COMENTÁRIO

As quatro causas

763. Aqui o Filósofo distingue os vários sentidos em que o termo causa é usado; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, enumera as classes de causas. Segundo (783), expõe os modos das causas (“Agora os modos”).

Quanto à primeira parte, faz duas coisas. Primeiro, enumera as várias classes de causas. Segundo (777), reduz-lhes a quatro (“Todas as causas”).

Quanto à primeira parte, faz duas coisas. Primeiro, enumera as diferentes classes de causas. Segundo (773), esclarece certas coisas sobre as classes de causas (“E visto que”).

Diz, portanto, primeiro, que em um sentido o termo causa significa aquilo a partir do qual uma coisa vem a ser e é “algo intrínseco”, i.e., algo que existe dentro da coisa. Isso é dito para distingui-la de uma privação e também de um contrário; pois diz-se que uma coisa vem de uma privação ou de um contrário como de algo que não é intrínseco; por exemplo, o branco é dito vir do preto ou do não-branco. Mas uma estátua vem do bronze e um cálice da prata como de algo que é intrínseco; pois a natureza do bronze não é destruída quando uma estátua vem a ser, nem a natureza da prata é destruída quando um cálice vem a ser. Portanto, o bronze de uma estátua e a prata de um cálice são causas no sentido de matéria. Ele acrescenta “e os gêneros destes”, porque se a matéria é a espécie de algo, também é seu gênero. Por exemplo, se a matéria de uma estátua é bronze, sua matéria também será metal, composto e corpo. O mesmo vale para outras coisas.

764. Em outro sentido, causa significa a forma e o padrão de uma coisa, i.e., seu exemplar. Esta é a causa formal, que se relaciona com uma coisa de duas maneiras. (1) De um modo, apresenta-se como a forma intrínseca de uma coisa, e nesse aspecto é chamada de princípio formal de uma

coisa. (2) De outro modo, apresenta-se como algo extrínseco a uma coisa, mas é aquilo à semelhança do qual ela é feita, e nesse aspecto um exemplar também é chamado de forma de uma coisa. É nesse sentido que Platão considerava as Ideias como formas. Além disso, porque é a partir de sua forma que cada coisa deriva sua natureza, seja de seu gênero ou de sua espécie, e a natureza de seu gênero ou de sua espécie é o que é significado pela definição, que expressa sua quiddidade, a forma de uma coisa é, portanto, a expressão inteligível de sua quiddidade, i.e., a fórmula pela qual sua quiddidade é conhecida. Pois, embora certas partes materiais sejam dadas na definição, ainda assim é da forma de uma coisa que provém a parte principal da definição. A razão pela qual a forma é uma causa, então, é que ela completa a expressão inteligível da quiddidade de uma coisa. E assim como o gênero de uma matéria particular também é matéria, de modo semelhante os gêneros das formas são as formas das coisas; por exemplo, a forma do acorde de oitava é a proporção de 2:1. Pois quando duas notas estão entre si na proporção de 2:1, o intervalo entre elas é uma oitava. Portanto, a dualidade é sua forma; pois a proporção de 2:1 deriva seu significado da dualidade. E porque o número é o gênero da dualidade, podemos, portanto, dizer de modo geral que o número também é a forma da oitava, na medida em que podemos dizer que o acorde de oitava envolve a proporção de um número para outro. E não apenas a definição inteira está relacionada com a coisa definida como sua forma, mas também as partes da definição, i.e., aquelas que são dadas diretamente na definição. Pois, assim como animal bípede capaz de andar é a forma do homem, também o são animal, capaz de andar e bípede. Mas às vezes a matéria é dada indiretamente na definição, como quando a alma é dita ser a atualidade de um corpo físico orgânico tendo vida potencialmente.

765. Em um terceiro sentido, causa significa aquilo a partir do qual provém o primeiro começo da mudança ou do repouso, i.e., uma causa motora ou eficiente. Ele diz “da mudança ou do repouso”, porque o movimento e o repouso que são naturais são remetidos à mesma causa, e o mesmo é verdadeiro para o movimento e o repouso que resultam da força. Pois aquela causa pela qual algo é movido para um lugar é a mesma pela qual é feito repousar ali. “Um conselheiro” é um exemplo desse tipo de causa, pois é como resultado de um conselheiro que o movimento começa naquele que age segundo seu conselho para salvaguardar algo. E de modo semelhante, “um pai é a causa de um filho”. Nesses dois exemplos, Aristóteles toca nos dois princípios de movimento dos quais todas as coisas vêm a ser, a saber, o propósito no caso de um conselheiro e a natureza no caso de um pai. E, em geral, todo fazedor é causa da coisa feita e todo transformador é causa da coisa transformada.

766. Além disso, deve-se notar que, segundo Avicena, há quatro modos de causa eficiente, a saber, perfectiva, dispositiva, auxiliar e consultiva.

Diz-se que uma causa eficiente é perfectiva na medida em que causa a perfeição final de uma coisa, como aquele que induz uma forma substancial nas coisas naturais ou formas artificiais nas coisas feitas pela arte, como um construtor induz a forma de uma casa.

767. Diz-se que uma causa eficiente é dispositiva se não induz a forma final que aperfeiçoa uma coisa, mas apenas prepara a matéria para essa forma, como aquele que talha madeiras e pedras é dito construir uma casa. Essa causa não é propriamente dita a causa eficiente de uma casa, porque o que ela produz é apenas potencialmente uma casa. Mas ela será mais propriamente uma causa eficiente se induzir a disposição última sobre a qual a forma segue necessariamente; por

exemplo, o homem gera o homem sem causar seu intelecto, que provém de uma causa extrínseca.

768. E diz-se que uma causa eficiente é auxiliar na medida em que contribui para o efeito principal. No entanto, difere da causa eficiente principal porque a causa eficiente principal age para seu próprio fim, enquanto uma causa auxiliar age para um fim que não é seu próprio. Por exemplo, aquele que assiste um rei na guerra age para o fim do rei. E esta é a maneira pela qual uma causa secundária está disposta para uma causa primária. Pois, no caso de todas as causas eficientes que estão diretamente subordinadas umas às outras, uma causa secundária age por causa do fim de uma causa primária; por exemplo, a arte militar age por causa do fim da arte política.

769. E uma causa consultiva difere de uma causa eficiente principal na medida em que especifica o fim e a forma da atividade. Esta é a maneira pela qual o primeiro agente que age pelo intelecto se relaciona com todo agente secundário, seja ele natural ou intelectual. Pois, em todo caso, um primeiro agente intelectual dá a um agente secundário seu fim e sua forma de atividade; por exemplo, o arquiteto naval dá estas ao construtor naval, e a primeira inteligência faz o mesmo para tudo no mundo natural.

770. Além disso, a este gênero de causa reduz-se tudo o que faz algo ser de qualquer maneira, não apenas quanto ao ser substancial, mas também quanto ao ser accidental, que ocorre em todo tipo de movimento. Por isso, ele diz não apenas que o fazedor é a causa da coisa feita, mas também que o transformador é a causa da coisa transformada.

771. Em um quarto sentido, causa significa o fim de uma coisa, i.e., aquilo por causa do qual algo é feito, como a saúde é a causa do caminhar. E visto que é menos evidente que o fim é uma causa, dado que ele vem a ser por último (razão pela qual essa causa foi negligenciada pelos primeiros filósofos, como foi apontado no Livro I (1771)), ele dá, portanto, uma prova especial de que um fim é uma causa. Pois perguntar por que ou por qual razão é perguntar sobre uma causa, porque quando nos perguntam por que ou por qual razão alguém caminha, respondemos propriamente respondendo que ele o faz para ser saudável. E quando respondemos dessa maneira, pensamos que estamos declarando a causa. Portanto, é evidente que o fim é uma causa. Além disso, não apenas a razão última pela qual um agente age é dita ser um fim com respeito àquelas coisas que a precedem, mas tudo o que é intermediário entre o primeiro agente e o fim último também é dito ser um fim com respeito aos agentes precedentes. E, da mesma forma, aquelas coisas das quais o movimento surge nas coisas subsequentes são ditas ser causas. Por exemplo, entre a arte da medicina, que é a primeira causa eficiente nesta ordem, e a saúde, que é o fim último, há estes intermediários: a redução, que é a causa mais próxima da saúde naqueles que têm um excesso de humores; a purgação, por meio da qual a redução é realizada; “drogas”, i.e., medicina laxante, por meio da qual a purgação é realizada; e “instrumentos”, i.e., os instrumentos pelos quais a medicina ou as drogas são preparadas e administradas. E todas essas coisas existem por causa do fim, embora uma delas seja o fim de outra. Pois a redução é o fim da purgação, e a purgação é o fim dos purgativos. No entanto, esses intermediários diferem entre si porque (1) alguns são instrumentos, i.e., os instrumentos por meio dos quais a medicina é preparada e administrada (e a própria medicina administrada é algo que a natureza emprega como instrumento); e (2) alguns — purgação e redução — são processos, i.e., operações ou atividades.

772. Ele conclui, então, que “estas são as maneiras como as causas são mencionadas (405)”, ou seja, as quatro maneiras; e acrescenta “quase todas” por causa dos modos de causas que ele apresenta abaixo. Ou ele também acrescenta isso porque as mesmas classes de causas não são encontradas pela mesma razão em todas as coisas.

773. E uma vez que (406).

Em seguida, ele indica certos pontos que decorrem das coisas ditas acima sobre as causas, e há quatro deles. O primeiro é que, já que o termo causa é usado em muitos sentidos, pode haver várias causas de uma coisa, não acidentalmente, mas propriamente. Pois o fato de haver muitas causas de uma coisa acidentalmente não apresenta dificuldade, porque muitas coisas podem ser acidentes de algo que é a causa própria de algum efeito, e todas essas podem ser ditas causas acidentais desse efeito. Mas que haja várias causas próprias de uma coisa torna-se evidente pelo fato de que as causas são mencionadas de várias maneiras. Pois o fabricante de uma estátua é uma causa própria e não uma causa acidental de uma estátua, e o bronze também o é, mas não da mesma maneira. Pois é impossível que haja muitas causas próprias da mesma coisa dentro do mesmo gênero e na mesma ordem, embora possa haver muitas causas, desde que (1) uma seja próxima e outra remota; ou (2) nenhuma delas seja por si mesma uma causa suficiente, mas ambas juntas. Um exemplo seriam muitos homens remando um barco. Agora, no caso em questão, essas duas coisas são causas de uma estátua de maneiras diferentes: o bronze como matéria e o artista como causa eficiente.

774. E há (407).

Em seguida, ele estabelece o segundo fato que pode ser extraído da discussão anterior. Ele diz que também pode acontecer que quaisquer duas coisas sejam causa uma da outra, embora isso seja impossível na mesma classe de causa. Mas é evidente que isso pode acontecer quando as causas são mencionadas em sentidos diferentes. Por exemplo, a dor resultante de um ferimento é causa de saúde como causa eficiente ou fonte de movimento, enquanto a saúde é causa da dor como fim. Pois é impossível que uma coisa seja tanto causa quanto algo causado. Outro texto afirma isso melhor, dizendo que “o exercício é a causa da aptidão física”, ou seja, da boa disposição causada pelo exercício moderado, que promove a digestão e elimina humores supérfluos.

775. Agora, deve-se ter em mente que, embora quatro causas sejam dadas acima, duas delas estão relacionadas entre si, e o mesmo ocorre com as outras duas. (1) A causa eficiente está relacionada à causa final, e (2) a causa material está relacionada à causa formal. A causa eficiente está relacionada à causa final porque a causa eficiente é o ponto de partida do movimento e a causa final é seu término. Há uma relação semelhante entre matéria e forma. Pois a forma dá o ser, e a matéria o recebe. Portanto, a causa eficiente é causa da causa final, e a causa final é causa da causa eficiente. A causa eficiente é causa da causa final na medida em que faz a causa final ser, porque, ao causar movimento, a causa eficiente produz a causa final. Mas a causa final é causa da causa eficiente, não no sentido de que a faz ser, mas na medida em que é a razão da causalidade da causa eficiente. Pois uma causa eficiente é causa na medida em que age, e age apenas por causa da causa final. Portanto, a causa eficiente deriva sua causalidade da causa final. E forma e matéria são causas mútuas do ser: a forma é causa da matéria na medida em que dá o ser atual à matéria, e a matéria é causa da forma na medida em que sustenta a forma no ser. E digo que ambas juntas são causas do ser, seja em sentido absoluto ou com alguma qualificação.

Pois a forma substancial dá o ser absolutamente à matéria, enquanto a forma accidental, na medida em que é forma, dá o ser em sentido qualificado. E a matéria às vezes não sustenta uma forma no ser em sentido absoluto, mas segundo ela é a forma desta coisa particular e tem ser nesta coisa particular. É o que acontece no caso do corpo humano em relação à alma racional.

776. Além disso, a mesma coisa (408).

Em seguida, ele dá a terceira conclusão que pode ser extraída da discussão anterior. Ele diz que a mesma coisa pode ser a causa de contrários. Isso também pareceria difícil ou impossível se estivesse relacionada a ambos da mesma maneira. Mas é a causa de cada um de maneira diferente. Pois aquilo que, quando presente, é a causa de algo particular, quando ausente “culpamos”, ou seja, responsabilizamos, “pelo contrário”. Por exemplo, é evidente que, por sua presença, o piloto é a causa da segurança de um navio, e dizemos que sua ausência é a causa da perda do navio. E para que alguém não pense que isso deve ser atribuído a diferentes classes de causas, assim como os dois anteriores, ele acrescenta, portanto, que ambos podem ser reduzidos à mesma classe de causa — a causa motriz. Pois o oposto de uma causa é a causa de um efeito oposto na mesma linha de causalidade em que a causa original era a causa de seu efeito.

LIÇÃO 3 - Todas as Causas Reduzidas a Quatro Classes

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2: 1013b 16-1014a 25

“ 409. Todas as causas mencionadas enquadram-se em uma das quatro classes que são mais evidentes. Pois os elementos das sílabas, a matéria das coisas feitas pela arte, o fogo e a terra e todos esses elementos dos corpos, as partes de um todo e as premissas de uma conclusão são todas causas no sentido daquilo de que as coisas são feitas. Mas dessas, algumas são causas como sujeito, por exemplo, partes, e outras como essência, por exemplo, o todo, a composição e a espécie, enquanto a semente, o médico, o conselheiro e, em geral, todo agente são todos fontes de mudança ou de repouso. Mas as outras são causas como fim e bem de outras coisas. Pois aquilo para cujo fim outras coisas vêm a ser é o maior bem e o fim das outras coisas. E não faz diferença se dizemos que é um bem ou um bem aparente. Essas, então, são as causas, e este é o número de suas classes.

410. Ora, os modos das causas são muitos, mas tornam-se menos quando resumidos. Pois as causas são mencionadas em muitos sentidos; e daquelas que pertencem à mesma classe, algumas são anteriores e outras posteriores. Por exemplo, tanto o médico quanto aquele que possui uma arte são causas de saúde, e tanto a razão de 2:1 quanto o número são causas do acorde de oitava; e sempre aquelas classes que contêm singulares. Além disso, uma coisa pode ser causa no sentido de um acidente, e as classes que os contêm; por exemplo, em um sentido, a causa de uma estátua é Policleto e, em outro, um escultor, porque é accidental que um escultor seja Policleto. E os universais que contêm acidentes são causas; por exemplo, homem é a causa de uma estátua, e até mesmo geralmente animal, porque Policleto é um homem e um animal. E das causas accidentais, algumas são mais remotas e outras mais próximas do que outras. Assim, o que é branco e o que é musical poderiam ser ditos causas de uma estátua, e não apenas Policleto ou homem. Além disso, além de todas essas, isto é, tanto causas próprias quanto causas accidentais, algumas são ditas causas em potência e algumas em ato, como um construtor e alguém que está construindo. E as distinções que foram feitas aplicar-se-ão igualmente aos efeitos dessas causas, por exemplo, a esta estátua, ou a uma estátua, ou a uma imagem em geral, ou a este bronze, ou ao bronze, ou à matéria em geral. E o mesmo se aplica aos efeitos accidentais. Além disso, causas próprias e accidentais

podem ser mencionadas juntas, de modo que a causa de uma estátua pode ser referida como nem Policleto nem um escultor, mas o escultor Policleto. Mas, embora todas essas variedades de causas sejam seis, cada uma é mencionada de duas maneiras; pois as causas são singulares ou genéricas; próprias ou acidentais, ou genericamente acidentais; ou são mencionadas em combinação ou separadamente; e, novamente, são causas ativas ou potenciais. Mas elas diferem neste aspecto: que causas ativas, isto é, causas singulares, existem ou deixam de existir simultaneamente com seus efeitos, como este que cura com esta pessoa que está sendo curada, e como este construtor com esta coisa que está sendo construída. Mas isso nem sempre é verdade para causas potenciais; pois o construtor e a coisa construída não deixam de existir ao mesmo tempo.

COMENTÁRIO

Quatro modos de causas

777. Aqui o filósofo reduz todas as causas às classes de causas mencionadas acima (409), dizendo que todas as coisas que são chamadas causas enquadram-se em uma das quatro classes mencionadas acima. Pois “elementos”, isto é, letras, são ditas causas de sílabas; e a matéria das coisas artificiais é dita sua causa; e fogo e terra e todos os corpos simples desse tipo são ditas causas de compostos. E partes são ditas causas de um todo, e “premissas”, isto é, proposições previamente estabelecidas das quais conclusões são extraídas, são ditas causas da conclusão. E em todos esses casos, causa tem um único aspecto formal segundo o qual causa significa aquilo a partir do qual uma coisa é produzida, e este é o aspecto formal da causa material.

778. Deve-se notar que se diz que as proposições constituem a matéria de uma conclusão, não por existirem sob tal forma, ou segundo sua força (pois assim teriam antes o aspecto formal de uma causa eficiente), mas em referência aos termos de que são compostas. Pois uma conclusão é constituída pelos termos contidos nas premissas, ou seja, pelos termos maior e menor.

779. E, daquelas coisas de que algo é composto, algumas são como um sujeito, por exemplo, as partes e as outras coisas mencionadas acima, enquanto outras são como a essência, por exemplo, o todo, a composição e a espécie, que têm o caráter de uma forma pela qual a essência de uma coisa se completa. Pois deve-se ter em mente que (1) às vezes uma coisa é a matéria de outra em sentido absoluto (por exemplo, a prata de um cálice), e então a forma correspondente a tal matéria pode ser chamada de espécie. (2) Mas às vezes muitas coisas tomadas em conjunto constituem a matéria de uma coisa; e isso pode ocorrer de três maneiras. (a) Pois às vezes as coisas são unidas meramente por sua disposição, como os homens em um exército ou as casas em uma cidade; e então o todo tem o papel de uma forma que é designada pelo termo exército ou cidade. (b) E às vezes as coisas são unidas não apenas pela disposição, mas também pelo contato e um vínculo, como é evidente nas partes de uma casa; e então sua composição tem o papel de uma forma. (c) E às vezes a alteração das partes componentes é adicionada ao acima, como ocorre no caso de um composto; e então o próprio estado composto é a forma, e isso é ainda um tipo de composição. E a essência de uma coisa é derivada de qualquer um desses três — a

composição, espécie ou todo — como se torna claro quando um exército, uma casa ou um cálice são definidos. Assim, temos duas classes de causa.

780. Mas a semente, o médico e o conselheiro, e em geral todo agente, são chamados causas por uma razão diferente, a saber, porque são as fontes de movimento e repouso. Portanto, esta é agora uma classe diferente de causa por causa de um aspecto formal diferente de causalidade. Ele coloca a semente nesta classe de causa porque é de opinião que a semente tem poder ativo, enquanto o fluido menstrual da mulher tem o papel de matéria da prole.

781. Há um quarto aspecto formal de causalidade na medida em que algumas coisas são ditas causas no sentido do fim e bem de outras coisas. Pois aquilo para o qual algo mais vem a ser é o maior bem "e o fim" de outras coisas, ou seja, é naturalmente disposto a ser seu fim. Mas porque alguém poderia levantar a objeção de que um fim nem sempre é um bem, uma vez que certos agentes às vezes estabelecem desordenadamente um mal como seu fim, ele então responde que não faz diferença para sua tese se falamos do que é bom sem qualificação ou de um bem aparente. Pois quem age o faz, propriamente falando, por causa de um bem, pois é isso que ele tem em mente. E alguém age por causa de um mal acidentalmente, na medida em que lhe ocorre pensar que é bom. Pois ninguém age por causa de algo tendo o mal em vista.

782. Além disso, deve-se notar que, embora o fim seja a última coisa a surgir em alguns casos, ele é sempre anterior em causalidade. Por isso é chamado de "causa das causas", porque é a causa da causalidade de todas as causas. Pois é a causa da causalidade eficiente, como já foi apontado (775); e a causa eficiente é a causa da causalidade tanto da matéria quanto da forma, porque através de seu movimento faz com que a matéria seja receptiva à forma e faz a forma existir na matéria. Portanto, a causa final é também a causa da causalidade tanto da matéria quanto da forma. Daí, naqueles casos em que algo é feito por um fim (como ocorre no reino das coisas naturais, no das questões morais e no da arte), as demonstrações mais fortes são derivadas da causa final. Portanto, ele conclui que as anteriores são causas, e que as causas são distinguidas nesse número de classes.

783. **Agora os modos** (410).

Em seguida, ele distingue entre os modos das causas. E as causas são distinguidas em classes e em modos. Pois a divisão das causas em classes é baseada em diferentes aspectos formais de causalidade e, portanto, é equivalentemente uma divisão baseada em diferenças essenciais, que constituem espécies. Mas a divisão das causas em modos é baseada nas diferentes relações entre causas e coisas causadas e, portanto, pertence àquelas causas que têm o mesmo aspecto formal de causalidade. Um exemplo disso é a divisão das causas em causas próprias e acidentais, e em causas remotas e próximas. Portanto, esta divisão é equivalentemente uma divisão baseada em diferenças acidentais, que não constituem espécies diferentes.

784. Ele diz, portanto, que há muitos modos de causas, mas que estes são encontrados em menor número quando "resumidos", ou seja, quando reunidos sob uma mesma cabeça. Pois embora causas próprias e causas acidentais sejam dois modos, eles ainda são reduzidos a uma mesma cabeça na medida em que ambos podem ser considerados do mesmo ponto de vista. O mesmo é verdadeiro para os outros modos diferentes. Pois muitos modos diferentes de causas são ditos, não

apenas com referência às diferentes espécies de causas, mas também com referência a causas da mesma espécie, ou seja, aquelas que são reduzidas a uma classe de causa.

785. (1) Pois uma causa é dita anterior e outra posterior; e as causas são anteriores ou posteriores de duas maneiras: (1) De uma maneira, quando há muitas causas distintas que estão relacionadas entre si, uma das quais é primária e remota, e outra secundária e próxima (como no caso das causas eficientes, o homem gera o homem como causa próxima e posterior, mas o sol como causa anterior e remota); e o mesmo pode ser considerado no caso das outras classes de causas. (2) De outra maneira, quando a causa é numericamente uma e a mesma, mas é considerada segundo a sequência que a razão estabelece entre o universal e o particular; pois o universal é naturalmente anterior e o particular posterior.

786. Mas ele omite a primeira maneira e considera a segunda. Pois na segunda maneira o efeito é o resultado imediato de ambas as causas, ou seja, da causa anterior e da posterior; mas isso não pode acontecer na primeira maneira. Daí ele diz que a causa da saúde é tanto o médico quanto aquele que possui uma arte, que pertencem à classe da causa eficiente: aquele que possui uma arte como causa universal e anterior, e o médico como causa particular, ou especial, e posterior. O mesmo é verdadeiro para a causa formal, pois esta causa também pode ser considerada de duas maneiras; por exemplo, para um acorde de oitava, "dobro", ou a razão de 2:1, ou o número dois, é uma causa formal como uma que é especial e posterior, enquanto número, ou a razão de um número para outro ou para a unidade, é como uma causa universal e anterior. E desta maneira também "sempre aquelas classes que contêm singulares", ou seja, universais, são ditas causas anteriores.

787. (2) As causas são distinguidas de outra maneira na medida em que uma coisa é dita causa própria e outra causa accidental. Pois assim como as causas próprias são divididas em universais e particulares, ou em anteriores e posteriores, também o são as causas accidentais. Portanto, não apenas as próprias causas accidentais são chamadas assim, mas também as classes que as contêm. Por exemplo, um escultor é a causa própria de uma estátua, e Policleto é uma causa accidental na medida em que ele é, por acidente, um escultor. E assim como Policleto é uma causa accidental de uma estátua, de maneira semelhante todos os universais "que contêm acidentes", ou seja, causas accidentais, são ditos causas accidentais, por exemplo, homem e animal, que contêm sob si Policleto, que é um homem e um animal.

788. E assim como algumas causas próprias são próximas e outras remotas, como foi apontado acima, também é o caso com as causas accidentais. Pois Policleto é uma causa mais próxima de uma estátua do que o que é branco ou o que é musical. Pois um modo accidental de predicação é mais remoto quando um acidente é predicado de um acidente do que quando um acidente é predicado de um sujeito. Pois um acidente é predicado de outro apenas porque ambos são predicados de um sujeito. Daí, quando algo pertencente a um acidente é predicado de outro, como quando algo pertencente a um construtor é predicado de um músico, este modo de predicação é mais remoto do que aquele em que algo é predicado do sujeito de um acidente, como quando algo pertencente a um construtor é predicado de Policleto.

789. Agora, deve-se ter em mente que uma coisa pode ser dita causa accidental de outra de duas maneiras: (1) de uma maneira, do ponto de vista da causa; porque tudo que é accidental a uma

causa é ele mesmo chamado de causa accidental, por exemplo, quando dizemos que algo branco é a causa de uma casa. (2) De outra maneira, do ponto de vista do efeito, ou seja, na medida em que uma coisa é dita causa accidental de outra porque é accidental ao efeito próprio. Isso pode acontecer de três maneiras:

A primeira é que a coisa tem uma conexão necessária com o efeito. Assim, o que remove um obstáculo é dito ser um movente accidentalmente. Isso é o caso quer esse acidente seja um contrário, como quando a bile impede o frescor (e assim a escamônia é dita produzir frescor accidentalmente, não porque causa frescor, mas porque remove o obstáculo que impede o frescor, ou seja, a bile, que é seu contrário); ou mesmo se não é um contrário, como quando um pilar impede o movimento de uma pedra que repousa sobre ele, de modo que aquele que remove o pilar é dito mover a pedra accidentalmente.

De uma segunda maneira, algo é accidental ao efeito próprio quando o acidente está conectado com o efeito nem necessariamente nem na maioria dos casos, mas raramente, como a descoberta de um tesouro está conectada com cavar o solo. É desta maneira que a fortuna e o acaso são ditos causas accidentais.

De um terceiro modo, as coisas são accidentais para o efeito quando não têm conexão, exceto talvez na mente, como quando alguém diz que é a causa de um terremoto porque um terremoto ocorreu quando ele entrou em casa.

790. [Divisão cruzada de tudo] E, além da distinção de todas as coisas em causas em si mesmas ou causas próprias e causas accidentais, há uma terceira divisão das causas, na medida em que algumas coisas são causas potencialmente e outras atualmente, isto é, ativamente. Por exemplo, a causa da construção é um construtor em estado de potência (pois isso designa seu hábito ou ofício), ou aquele que está realmente construindo.

791. E as mesmas distinções que se aplicam às causas podem aplicar-se aos efeitos dos quais essas causas são as causas. Pois os efeitos, sejam particulares ou universais, podem ser divididos em anteriores e posteriores, assim como um escultor pode ser chamado de causa desta estátua, que é posterior; ou de uma estátua, que é mais universal e anterior; ou de uma imagem, que é ainda mais universal. E, similarmente, algo é a causa formal deste bronze particular; ou do bronze, que é mais universal; ou da matéria, que é ainda mais universal. O mesmo pode ser dito dos efeitos accidentais, isto é, das coisas produzidas por acidente. Pois um escultor que é a causa de uma estátua também é a causa da pesadez, brancura ou vermelhidão que estão nela como acidentes provenientes da matéria e que não são causados por este agente.

792. (3) Novamente, ele dá uma quarta divisão das causas, a saber, a divisão em causas simples e causas compostas. Uma causa é dita simples (a) quando, por exemplo, no caso de uma estátua, apenas a causa própria é considerada, como um escultor, ou quando apenas uma causa accidental é considerada, como Póliclito. Mas uma causa é dita composta quando ambas são tomadas juntas, por exemplo, quando dizemos que a causa de uma estátua é o escultor Póliclito.

793. (b) Há, além disso, outra maneira pela qual as causas são ditas compostas, isto é, quando várias causas agem juntas para produzir um efeito, por exemplo, quando muitos homens agem

juntos para remar um barco, ou quando muitas pedras se combinam para constituir a matéria de uma casa. Mas ele omite esta última maneira porque nenhuma dessas coisas, tomada em si mesma, é a causa, mas sim uma parte da causa.

794. E, tendo apresentado esses diferentes modos de causas, ele expõe seu número, dizendo que esses modos de causas são seis em número, e que cada um deles tem duas alternativas, resultando em doze. Pois esses seis modos são (1-2) singulares ou genéricos (ou, como ele os chamou acima, anteriores e posteriores); (3-4) próprios ou acidentais (aos quais também se reduz o gênero do acidente, pois o gênero ao qual um acidente pertence é uma causa accidental); e, novamente, (5-6) compostos ou simples. Ora, esses seis modos são ainda divididos por potência e atualidade e, assim, são doze em número. Ora, a razão pela qual todos esses modos devem ser divididos por potência e atualidade é que potência e atualidade distinguem a conexão entre causa e efeito. Pois as causas ativas são, ao mesmo tempo, particulares e deixam de existir juntamente com seus efeitos; por exemplo, este ato de curar cessa com este ato de recuperar a saúde, e este ato de construir com esta coisa sendo construída; pois uma coisa não pode estar sendo realmente construída a menos que algo esteja realmente construindo. Mas as causas potenciais nem sempre deixam de existir quando seus efeitos cessam; por exemplo, uma casa e um construtor não deixam de existir ao mesmo tempo. Em alguns casos, no entanto, acontece que, quando a atividade da causa eficiente cessa, a substância do efeito cessa. Isso ocorre no caso daquelas coisas cujo ser consiste no vir a ser, ou cuja causa não é apenas a causa de seu vir a ser, mas também de seu ser. Por exemplo, quando a iluminação do sol é removida da atmosfera, a luz deixa de ser. Ele diz "causas singulares" porque os atos pertencem a coisas singulares, como foi dito no Livro I desta obra (21).

LIÇÃO 4 - O Significado Próprio de Elemento; Elementos nas Palavras, Corpos Naturais e Demonstrações. Usos Transferidos de "Elemento" e Sua Base Comum

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 3: 1014a 25-1014b 15

“411. O princípio inerente do qual uma coisa é primeiramente composta e que não é divisível em outra espécie é chamado de elemento. Por exemplo, os elementos de uma palavra são as partes das quais uma palavra é composta e nas quais ela é finalmente dividida e que não são mais divididas em outras palavras especificamente diferentes delas. Mas se forem divididas, suas partes são semelhantes, como as partes da água são água; mas isso não é verdade para a sílaba. Similarmente, as pessoas que falam dos elementos dos corpos significam as partes componentes nas quais os corpos são finalmente divididos e que não são divididas em outros corpos especificamente diferentes. E se tais partes são uma ou muitas, eles as chamam de elementos. E, similarmente, as partes dos diagramas são chamadas de elementos e, em geral, as partes das demonstrações; pois as demonstrações primárias que estão contidas em muitas outras demonstrações são chamadas de elementos das demonstrações; e tais são os silogismos primários que são compostos de três termos e procedem através de um termo médio.

412. *As pessoas também usam o termo elemento em sentido transferido para qualquer coisa que seja una e pequena e útil para muitos propósitos; e por essa razão, qualquer coisa que seja pequena e simples e indivisível é chamada de elemento. Daí segue-se que as coisas mais universais são elementos, porque cada uma delas, sendo una e simples, é encontrada em muitas coisas, seja em todas ou na maioria delas. E para alguns, a unidade e o ponto parecem ser princípios. Portanto, uma vez que o que é chamado de gêneros é universal e indivisível (pois seu caráter formal é uno), alguns homens chamam os gêneros de elementos, e estes mais do que a diferença, pois um gênero é mais universal. Pois onde a diferença está presente, o gênero também se segue, mas a diferença nem sempre está presente onde o gênero está. E em todos esses casos, é comum que o elemento de cada coisa seja o componente primário de cada coisa.*

COMENTÁRIO

Elemento

795. Aqui ele distingue os diversos sentidos do termo *elemento*, e a esse respeito faz duas coisas. Primeiro, apresenta os diferentes sentidos em que o termo *elemento* é empregado. Segundo (807), indica o que todos têm em comum ("E em todos esses").

Quanto ao primeiro, faz duas coisas. Primeiro, explica como o termo *elemento* é usado em seu sentido próprio; e segundo (802), como é usado em sentidos transferidos ("As pessoas também usam").

Primeiro, oferece uma espécie de descrição do elemento, da qual se podem colher as quatro notas contidas em sua definição. A primeira é que o elemento é uma causa no sentido daquilo a partir do qual uma coisa vem a ser; e disso fica claro que o elemento é colocado na classe da causa material.

796. A segunda é que um elemento é o princípio a partir do qual algo primeiramente vem a ser. Pois o cobre é aquilo a partir do qual uma estátua vem a ser, mas ainda não é um elemento porque possui alguma matéria a partir da qual ela vem a ser.

797. A terceira é que um elemento é inerente ou intrínseco; e por essa razão, difere de tudo que é de natureza transitória a partir do que uma coisa vem a ser, seja uma privação, um contrário ou a matéria sujeita à contrariedade e à privação, que é transitória; por exemplo, quando dizemos que um homem músico vem de um homem não músico, ou que o músico vem do não músico. Pois os elementos devem permanecer nas coisas das quais são os elementos.

798. A quarta é que um elemento possui uma espécie que não é divisível em espécies diferentes; e assim um elemento difere da matéria prima, que não possui espécie, e também de todo tipo de matéria que é capaz de ser dividida em espécies diferentes, como o sangue e coisas desse tipo.

Portanto, ele diz, como primeira nota, que um elemento é aquilo do qual uma coisa é composta; como segunda, que é aquilo do qual uma coisa é "primeiramente" composta; como terceira, que é "um princípio inerente"; e como quarta, que é "não divisível em outra espécie".

799. Ele ilustra essa definição de elemento com quatro casos nos quais usamos o termo elemento. Pois dizemos que as letras são os elementos de uma palavra porque toda palavra é composta delas, e delas primariamente. Isso é evidente pelo fato de que todas as palavras são divididas em letras como coisas últimas; pois o que é último no processo de dissolução deve ser primeiro no processo de composição. Mas as letras não são divididas em outras palavras especificamente diferentes. No entanto, se fossem divididas de alguma forma, as partes resultantes seriam "semelhantes", i.e., especificamente as mesmas, assim como todas as partes da água são água. Ora, as letras são divididas de acordo com a quantidade de tempo necessária para pronunciá-las, na medida em que uma letra longa requer dois períodos de tempo, e uma curta, um. Mas, embora as partes em que as letras são assim divididas não difiram como as espécies de palavras, esse não é o caso de uma sílaba; pois suas partes são especificamente diferentes, uma vez que os sons que uma vogal e uma consoante produzem, dos quais uma sílaba é composta, são especificamente diferentes.

800. Ele dá como segundo exemplo os corpos naturais, certos dos quais também chamamos de elementos de outros. Pois aquelas coisas nas quais todos os compostos são finalmente dissolvidos são chamadas de seus elementos; e, portanto, são as coisas das quais corpos desse tipo são compostos. Mas aqueles corpos que são chamados de elementos não são divisíveis em outros corpos especificamente diferentes, mas em partes semelhantes, como qualquer parte da água é água. E todos aqueles que defenderam um tal corpo no qual todo corpo é dissolvido e que é, ele próprio, incapaz de ser dividido, disseram que há um único elemento. Alguns disseram que era a água, outros o ar, e outros o fogo. Mas aqueles que postularam muitos desses corpos também disseram que há muitos elementos. Deve-se ter em mente que, quando se estabelece na definição de elemento que um elemento não é divisível em espécies diferentes, isso não deve ser entendido das partes nas quais uma coisa é dividida numa divisão quantitativa (pois então a madeira seria um elemento, já que qualquer parte da madeira é madeira), mas numa divisão feita por alteração, como os compostos são dissolvidos em corpos simples.

801. Como terceiro exemplo, ele dá a ordem das demonstrações, na qual também empregamos a palavra elemento; por exemplo, falamos do *Livro dos Elementos* de Euclides. E ele diz que, de modo semelhante e próximo aos mencionados, aquelas coisas que "são partes dos diagramas", i.e., os constituintes das figuras geométricas, são chamadas de elementos. Isso pode ser dito não apenas das demonstrações em geometria, mas universalmente de todas as demonstrações. Pois aquelas demonstrações que têm apenas três termos são chamadas de elementos de outras demonstrações, porque as outras são compostas delas e nelas resolvidas. Isso é mostrado da seguinte forma: uma segunda demonstração toma como ponto de partida a conclusão de uma primeira demonstração, cujos termos são entendidos como contendo o termo médio que foi o ponto de partida da primeira demonstração. Assim, a segunda demonstração procederá a partir de quatro termos, a primeira a partir de apenas três, a terceira a partir de cinco, e a quarta a partir de seis; de modo que cada demonstração adiciona um termo. Fica claro, portanto, que as primeiras demonstrações estão incluídas nas subsequentes, como quando esta primeira demonstração — todo B é A, todo C é B, portanto todo C é A — está incluída nesta demonstração — todo C é A, todo

D é C, portanto todo D é A; e esta, por sua vez, está incluída na demonstração cuja conclusão é que todo E é A, de modo que para esta conclusão final parece haver um silogismo composto de vários silogismos com vários termos médios. Isso pode ser expresso assim: todo B é A, todo C é B, todo D é C, todo E é D, portanto todo E é A. Portanto, uma primeira demonstração, que tem um termo médio e apenas três termos, é simples e não redutível a outra demonstração, enquanto todas as outras demonstrações são redutíveis a ela. Por isso, os primeiros silogismos, que vêm de três termos por meio de um termo médio, são chamados de elementos.

802. **As pessoas também usam** (412).

Aqui ele mostra como o termo elemento é usado num sentido transferido. Ele diz que alguns homens, com base na noção ou significado anterior de elemento, usaram o termo num sentido transferido para significar qualquer coisa que é una e pequena e útil para muitos propósitos. Pois, do fato de que um elemento é indivisível, entenderam que ele é uno; e do fato de que é primeiro, entenderam que é simples; e do fato de que outras coisas são compostas de elementos, entenderam que um elemento é útil para muitos propósitos. Daí estabeleceram esta definição de elemento para que pudessem dizer que tudo que é mínimo em quantidade e simples (na medida em que não é composto de outras coisas) e incapaz de divisão em espécies diferentes, é um elemento.

803. Mas, quando estabeleceram essa definição de elemento, aconteceu que, usando-a num sentido transferido, eles inventaram dois sentidos de elemento. Primeiro, chamaram de elementos as coisas mais universais; pois um universal é uno na definição e é simples (porque sua definição não é composta de partes diferentes) e é encontrado em muitas coisas, e assim é útil para muitos propósitos, seja encontrado em todas as coisas, como a unidade e o ser, ou na maioria das coisas, como os outros gêneros. E pelo mesmo raciocínio aconteceu, segundo, que chamaram pontos e unidades de princípios ou elementos porque cada um deles é uma coisa simples e útil para muitos propósitos.

804. Mas, a esse respeito, eles ficaram aquém da verdadeira noção de princípio, porque os universais não são a matéria da qual as coisas particulares são compostas, mas predicam sua própria substância. E, similarmente, pontos não são a matéria de uma linha, pois uma linha não é composta de pontos.

805. Ora, com essa noção transferida de elemento estabelecida, torna-se clara a solução para uma questão discutida no Livro III (431-36), i.e., se um gênero ou uma espécie é mais um elemento, e se um gênero ou uma diferença é mais um elemento; pois segue-se claramente que os gêneros são elementos em maior grau porque os gêneros são mais universais e indivisíveis. Pois não há conceito ou definição deles que deva ser composta de gêneros e diferenças, mas são as espécies que são propriamente definidas. E se um gênero é definido, não é definido enquanto é um gênero, mas enquanto é uma espécie. Portanto, uma espécie é dividida em partes diferentes e, assim, não possui o caráter de elemento. Mas um gênero não é divisível em partes diferentes, e, por isso, disseram que os gêneros são elementos mais do que as espécies. Outra tradução diz: "Pois seu caráter formal é um", i.e., indivisível, porque, embora os gêneros não tenham uma definição, ainda assim o que é significado pelo termo gênero é uma concepção simples do intelecto que pode ser chamada de definição.

806. E assim como um gênero é mais um elemento do que uma espécie porque é mais simples, de modo similar é mais um elemento do que uma diferença, embora uma diferença seja simples, porque um gênero é mais universal. Isso é claro pelo fato de que tudo que tem uma diferença tem um gênero, pois as diferenças essenciais não transcendem um gênero; mas nem tudo que tem um gênero necessariamente tem uma diferença.

807. Por último, ele diz que todos os sentidos anteriores de elemento têm esta nota em comum: que um elemento é o componente primário de cada ser, como foi afirmado.

LIÇÃO 5 - Os Cinco Sentidos do Termo Natureza

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 4: 1014b 15-1015a 20

“ 413. *Natureza significa, em um sentido, a geração das coisas que nascem, como se alguém pronunciasse a letra u [em φύσις] prolongada. E em outro sentido significa o princípio imanente do qual qualquer coisa gerada é primeiramente produzida. Novamente, significa a fonte do movimento primário em quaisquer entes que são por natureza, e está em cada um enquanto tal. Ora, todas aquelas coisas são ditas nascer que crescem através de algo outro por contato e por coexistência, ou por estarem naturalmente unidas, como no caso dos embriões. Mas nascer junto difere do tocar, pois neste último caso não é necessário nada além do contato. Mas nas coisas que estão naturalmente unidas há algo uno e mesmo em ambas, em vez de contato, que as faz ser uma, e que as faz ser uma em quantidade e continuidade, mas não em qualidade. Novamente, natureza significa a coisa primária da qual um ente natural é composto ou a partir da qual vem a ser, quando é informe e imutável por sua própria potência; por exemplo, o bronze de uma estátua ou de objetos de bronze é dito ser sua natureza, e a madeira das coisas de madeira, e o mesmo se aplica no caso de outras coisas. Pois cada coisa vem destas, embora sua matéria primária seja preservada. Pois é também neste sentido que os homens falam dos elementos dos entes naturais como sua natureza; alguns chamando-a de fogo, outros de terra, outros de água, outros de ar, e outros de algo semelhante a estes, enquanto outros chamam todos eles de natureza. Em ainda outro sentido, natureza significa a substância das coisas que são por natureza, como aqueles que dizem que natureza é a composição primária de uma coisa, como Empédocles diz: "De nada que existe há natureza, mas apenas a mistura e a separação do que foi misturado. Natureza é apenas o nome que os homens dão a estas coisas." Por esta razão, não dizemos que as coisas que são ou vêm a ser por natureza têm uma natureza, mesmo quando aquilo a partir do qual elas podem ser ou vir a ser já está presente, enquanto não tiverem sua forma ou espécie. Portanto, aquilo que é composto de ambas estas coisas existe por natureza, como os animais e suas partes.*

414. *Novamente, natureza é a matéria primária de uma coisa, e isto em dois sentidos: ou o que é primário com respeito a esta coisa particular, ou primário em geral; por exemplo, a matéria primária de objetos de bronze é o bronze, mas*

em geral é talvez a água, se tudo que é capaz de ser liquefeito é água. E natureza é também a forma ou substância de uma coisa, i.e., o termo do processo de geração. Mas metaforicamente falando, toda substância em geral é chamada natureza por causa da forma ou espécie, pois a natureza de uma coisa é também um tipo de substância.

415. Portanto, a partir do que foi dito, em seu sentido primário e próprio, natureza é a substância daquelas coisas que têm dentro de si mesmas enquanto tais a fonte de seu movimento. Pois a matéria é chamada natureza porque é receptiva disto. E os processos de geração e crescimento são chamados natureza porque são movimentos que procedem dela. E natureza é a fonte de movimento naquelas coisas que são por natureza, e é algo presente nelas seja em potência seja em completa atualidade.

COMENTÁRIO

Natureza

808. Aqui ele dá os diferentes significados do termo natureza. E embora uma investigação do termo natureza pareça não pertencer à filosofia primeira, mas antes à filosofia da natureza, ele dá todavia os diferentes significados deste termo aqui, porque segundo um de seus significados comuns, natureza é predicada de toda substância, como ele tornará claro. Portanto, cai sob a consideração da filosofia primeira assim como a substância universal.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro (808), ele distingue os diferentes sentidos em que o termo natureza é usado. Segundo (824), ele reduz todos estes a uma noção primária ("Portanto, a partir do que").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele dá cinco sentidos principais em que o termo natureza é usado. Segundo (821), ele dá dois sentidos adicionais ligados aos dois últimos destes ("Novamente, natureza").

(1) Ele diz, portanto, primeiramente, que em um sentido natureza significa o processo de geração das coisas que são geradas, ou, segundo outro texto que o afirma de modo melhor, "das coisas que nascem". Pois nem tudo que é gerado pode ser dito nascer, mas apenas as coisas vivas, por exemplo, plantas e animais e suas partes. A geração de coisas não vivas não pode ser chamada natureza, propriamente falando, segundo o uso comum do termo, mas apenas a geração de coisas vivas, na medida em que natureza pode significar a natividade ou nascimento de uma coisa... Contudo, mesmo a partir deste texto pode-se entender que o termo natureza significa a geração das coisas vivas por um certo alongamento ou extensão de uso.

809. Novamente, do fato de que natureza foi usada primeiramente para designar o nascimento de uma coisa seguiu-se um segundo uso do termo, de modo que natureza veio a significar o princípio de geração a partir do qual uma coisa vem a ser, ou aquilo a partir do qual como de um princípio intrínseco algo nascido é primeiramente gerado.

810. E como resultado da semelhança entre nascimento e outros tipos de movimento, o significado do termo natureza foi estendido mais adiante, de modo que em um terceiro sentido significa a fonte da qual o movimento começa em qualquer ente segundo sua natureza, desde que esteja presente nele enquanto tal ente e não acidentalmente. Por exemplo, o princípio da saúde, que é a arte médica, não está presente num médico que está doente enquanto está doente, mas enquanto é médico. E ele não é curado enquanto é médico, mas enquanto está doente; e assim a fonte do movimento não está nele enquanto é movido. Esta é a definição de natureza dada no Livro II da *Física*.

811. E porque ele mencionou coisas que nascem, ele mostra também o que significa propriamente "nascer", como diz outro texto, e em lugar do qual este texto diz incorretamente "ser gerado". Pois a geração das coisas vivas difere da das coisas não vivas, porque uma coisa não viva não é gerada por ser unida ou ligada ao seu gerador, como o fogo é gerado pelo fogo e a água pela água. Mas a geração de uma coisa viva vem a ser através de algum tipo de união com o princípio de geração. E porque a adição de quantidade à quantidade causa aumento, portanto na geração das coisas vivas parece haver um certo aumento, como quando uma árvore produz folhas e frutos. Portanto, ele diz que aquelas coisas são ditas nascer que "crescem", i.e., têm algum aumento junto com o princípio de geração [i.e., multiplicam-se].

812. Mas esse tipo de aumento difere daquela classe de movimento que é chamada de aumento [ou crescimento], pela qual as coisas já nascidas são movidas ou alteradas. Pois uma coisa que aumenta dentro de si o faz porque a parte adicionada se transmite à substância dessa coisa, assim como o alimento se transmite à substância do ser nutrido. Mas qualquer coisa que nasce é adicionada à coisa da qual nasce como algo outro e diferente, e não como algo que se transmite à sua substância. Por isso ele diz que aumenta "através de algo distinto" ou algo outro, como se dissesse que esse aumento ocorre pela adição de algo que é outro ou diferente.

813. Mas a adição que produz aumento pode ser entendida de duas maneiras: de um modo, "pelo toque", i.e., apenas pelo contato; de outro modo, "pela existência conjunta", i.e., pelo fato de duas coisas serem produzidas juntas e naturalmente conectadas entre si, como os braços e os tendões; "e pela união", i.e., pelo fato de algo estar naturalmente adaptado a algo outro já existente, como o cabelo à cabeça e os dentes às gengivas. No lugar disso, outro texto lê, mais apropriadamente, "por nascer junto com" e "por estar conectado ao nascer". Ora, na geração dos seres vivos, a adição não ocorre apenas pelo contato, mas também por um tipo de junção ou conexão natural, como é evidente no caso dos embriões, que não apenas estão em contato no útero, mas também estão ligados a ele no início de sua geração.

814. Além disso, ele indica a diferença entre esses dois, dizendo que "ser fundido", i.e., estar ligado, ou "estar conectado ao nascer", como diz outro texto, difere do contato, porque no caso do contato não é necessário haver nada além das coisas em contato que as torne uma. Mas no caso das coisas que estão ligadas, seja naturalmente conectadas ou nascidas juntas e unidas ao nascer, deve haver algo uno "em vez do contato", i.e., no lugar do contato, que as faça "estar naturalmente unidas", i.e., unidas ou ligadas ou nascidas juntas. Além disso, deve-se entender que a coisa que as faz ser uma as torna uma em quantidade e continuidade, mas não em qualidade; porque um vínculo não altera as coisas ligadas de suas próprias disposições.

815. E a partir disso é evidente que qualquer coisa que nasce está sempre conectada com a coisa da qual nasce. Portanto, a natureza nunca significa um princípio extrínseco, mas em todo sentido em que é usada, é tomada como significando um princípio intrínseco.

816. (4) E deste terceiro significado de natureza segue-se um quarto. Pois se a fonte de movimento nos corpos naturais é chamada de sua natureza, e pareceu a alguns que o princípio de movimento nos corpos naturais é a matéria, foi por essa razão que a matéria passou a ser chamada de natureza, que é tomada como princípio de uma coisa tanto quanto ao seu ser quanto ao seu devir. E também é considerada sem qualquer forma, e não é movida por si mesma, mas por algo outro. Ele diz, portanto, que natureza é dita daquilo primário do qual qualquer ser é composto ou a partir do qual vem a ser.

817. Ele diz isso porque a matéria é um princípio tanto do ser quanto do devir. Por isso ele diz que "é sem ordem", i.e., forma; e por essa razão outro texto diz "quando está informe"; pois no caso de algumas coisas, sua ordem (ou arranjo) é considerada como sua forma, como no caso de um exército ou de uma cidade. E por essa razão ele diz que é "imutável por seu próprio poder", i.e., não pode ser movida por seu próprio poder, mas pelo de um agente superior. Pois a matéria não se move a si mesma para adquirir uma forma, mas é movida por um agente superior e extrínseco. Por exemplo, poderíamos dizer que "o bronze é a natureza de uma estátua ou de vasos de bronze" ou "a madeira é a natureza de objetos de madeira", como se tais vasos fossem corpos naturais. O mesmo é verdade para tudo o mais que é composto de ou vem a ser a partir da matéria; pois cada coisa vem a ser a partir de sua matéria, embora esta seja preservada. Mas no processo de geração, as disposições de uma forma não são preservadas; pois quando uma forma é introduzida, outra é expulsa. E por essa razão pareceu a alguns pensadores que as formas são acidentes e que apenas a matéria é substância e natureza, como ele aponta na *Física*, Livro II.

818. Eles sustentavam essa visão porque consideravam a matéria e a forma dos corpos naturais da mesma maneira que consideravam a matéria e a forma das coisas feitas pela arte, nas quais as formas são meros acidentes e apenas a matéria é substância. Foi nesse sentido que os filósofos da natureza disseram que os elementos são a matéria das coisas que vêm a ser por natureza, i.e., água, ar, fogo ou terra, que nenhum filósofo sustentou ser o elemento dos seres naturais por si só, embora alguns daqueles que não eram filósofos da natureza tenham sustentado isso, como foi dito no Livro I (134). E alguns filósofos, como Parmênides, sustentaram que alguns desses são os elementos e naturezas das coisas; outros, como Empédocles, sustentaram que todos os quatro são os elementos das coisas; e ainda outros, como Heráclito, sustentaram que algo diferente é o elemento das coisas, pois ele afirmava que o vapor desempenha esse papel.

819. (5) Ora, porque o movimento é causado nos corpos naturais pela forma mais do que pela matéria, ele acrescenta, portanto, um quinto sentido no qual o termo natureza é usado: aquele no qual natureza significa a forma de uma coisa. Portanto, em outro sentido, natureza significa "a substância das coisas", i.e., a forma das coisas, que são por natureza. Foi nesse sentido que alguns disseram que a natureza das coisas é a composição dos corpos mistos, como Empédocles disse que não há nada absoluto no mundo, mas que apenas a alteração ou afrouxamento (ou mistura, segundo outro texto) do que foi misturado é chamado de natureza pelos homens. Pois eles disseram que as coisas compostas de diferentes misturas têm naturezas diferentes.

820. Ora, eles foram levados a sustentar que a forma é natureza por este processo de raciocínio: as coisas que existem ou vêm a ser por natureza não são ditas ter uma natureza, mesmo que a matéria da qual elas estão naturalmente dispostas a ser ou vir a ser já esteja presente, a menos que tenham uma espécie própria e uma forma através da qual adquirem sua espécie. Ora, o termo espécie parece ser dado no lugar de forma substancial, e o termo forma no lugar de figura, que é um resultado natural da espécie e um sinal dela. Portanto, se a forma é natureza, uma coisa não pode ser dita ter uma natureza a menos que tenha uma forma. Portanto, aquilo que é composto de matéria e forma "é dito ser por natureza", i.e., de acordo com a natureza, como animais e as partes dos animais, como carne e ossos e coisas semelhantes.

821. Novamente, natureza (414).

Então ele dá dois significados de natureza que estão conectados com os dois últimos precedentes, e o primeiro deles é adicionado ao quarto sentido de natureza, no qual significa a matéria de uma coisa. E ele diz que nem todo tipo de matéria é dito ser a natureza de uma coisa, mas apenas a matéria primeira. Isso pode ser entendido em dois sentidos: ou com referência a algo genérico, ou com referência a algo que é primeiro absolutamente ou sem qualificação. Por exemplo, a matéria primeira genericamente das coisas artificiais produzidas a partir do bronze é o bronze; mas sua matéria primeira sem qualificação é a água; pois todas as coisas que são liquefeitas pelo calor e solidificadas pelo frio têm o caráter da água, como ele diz no Livro IV dos *Meteoros*.

822. Ele liga o segundo desses significados adicionais ao quinto sentido de natureza mencionado acima, segundo o qual natureza significa forma. E nesse sentido, não apenas a forma da parte (*forma partis*) é chamada de natureza, mas a espécie é a forma do todo (*forma totius*). Por exemplo, poderíamos dizer que a natureza do homem não é apenas uma alma, mas a humanidade e a substância significada pela definição. Pois é desse ponto de vista que Boécio diz que a natureza de uma coisa é a diferença específica que informa cada coisa, porque a diferença específica é o princípio que completa a substância de uma coisa e lhe dá sua espécie. E assim como a forma ou a matéria é chamada de natureza porque é um princípio de geração, que é o significado de natureza de acordo com o uso original do termo, de maneira semelhante a espécie ou substância de uma coisa é chamada de sua natureza porque é o fim do processo de geração. Pois o processo de geração termina na espécie da coisa gerada, que é um resultado da união de matéria e forma.

823. E por causa disso, toda substância é chamada de natureza segundo um tipo de uso metafórico e extenso do termo; pois a natureza que falamos como término da geração é uma substância. Assim, toda substância é similar ao que chamamos natureza. Boécio também dá esse significado do termo. Além disso, é por causa desse significado que o termo natureza é distinguido de outros termos comuns. Pois é comum dessa maneira, assim como substância também é.

824. Portanto, a partir disso (415).

Então ele reduz todos os sentidos anteriores do termo natureza a uma noção comum. Mas deve-se notar que a redução dos outros sentidos a um sentido primário pode acontecer de duas maneiras: de um modo, com referência à ordem que as coisas têm; e de outro modo, com referência à ordem que é observada ao dar nomes às coisas. Pois os nomes são dados às coisas conforme as entendemos, porque os nomes são sinais do que entendemos; e às vezes entendemos coisas

anteriores a partir de posteriores. Portanto, algo que é anterior para nós recebe um nome que subsequentemente se adequa ao objeto desse nome. E é isso que acontece no presente caso; pois, uma vez que as formas e potências das coisas são conhecidas a partir de suas atividades, o processo de geração ou nascimento de uma coisa é o primeiro a receber o nome de natureza, e o último é a forma.

825. No que se refere, porém, à ordem que as coisas têm na realidade, o conceito de natureza se aplica primariamente à forma, porque, como foi dito (808), nada é dito ter natureza a menos que tenha uma forma.

826. Portanto, a partir do que foi dito, é evidente que "em seu sentido primário e próprio, natureza é a substância", isto é, a forma, daquelas coisas que possuem em si mesmas, como tais, a fonte de seu movimento. Pois a matéria é chamada de natureza porque é receptiva da forma; e os processos de geração recebem o nome de natureza porque são movimentos que procedem de uma forma e terminam em outras formas. E isto, ou seja, a forma, é o princípio do movimento naquelas coisas que são por natureza, seja em potência ou em ato. Pois a forma nem sempre é a causa do movimento atual, mas às vezes apenas do movimento potencial, como quando um movimento natural é impedido por um obstáculo externo, ou mesmo quando uma ação natural é impedida por um defeito na matéria.

LIÇÃO 6 - Quatro Sentidos do Termo Necessário. Seu Primeiro e Próprio Sentido. Coisas Imóveis, Embora Necessárias, São Isentas de Coerção

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 5: 1015a 20-1015b 15

“ 416. Necessário significa aquilo sem o qual, como causa contribuinte, uma coisa não pode ser ou viver; por exemplo, a respiração e o alimento são necessários para um animal porque ele não pode existir sem eles.

417. E significa também aquilo sem o qual o bem para o homem não pode ser ou vir a ser, e aquilo sem o qual não se pode livrar ou permanecer livre de algum mal; por exemplo, a ingestão de algum medicamento é necessária para que alguém não esteja em sofrimento, e navegar para Egina é necessário para que alguém possa coletar dinheiro.

418. Novamente, significa o que aplica força e a própria força, e isso é algo que dificulta e impede, em oposição ao desejo e à escolha. Pois aquilo que aplica força é dito ser necessário, e por essa razão qualquer coisa necessária também é dita ser lamentável, como Eveno diz: "Pois toda coisa necessária é triste." E a força é um tipo de necessidade, como Sófocles diz: "Mas a força me obriga a fazer isso." E a necessidade parece ser algo inculpável, e com razão, pois é contrária ao movimento que provém da escolha e do conhecimento.

419. Novamente, dizemos que qualquer coisa que não pode ser de outra forma é necessariamente assim.

420. E a partir desse sentido do termo necessário todos os outros sentidos são derivados. Pois tudo o que é forçado é dito fazer ou sofrer algo necessário quando não pode fazer algo de acordo com sua inclinação como resultado da força, como se houvesse alguma necessidade pela qual a coisa não pudesse ser de outra forma. O mesmo se aplica às causas contribuintes da vida e do bem. Pois quando, em um caso, o bem, e no outro, a vida ou o ser, é impossível sem certas causas contribuintes, estas são necessárias; e essa causa é um tipo de necessidade.

421. Além disso, a demonstração pertence à classe das coisas necessárias, porque tudo o que foi demonstrado no sentido estrito não pode ser de outra forma. A razão para isso são os princípios, pois os princípios a partir dos quais um silogismo procede não podem ser de outra forma.

422. Ora, das coisas necessárias, algumas têm outra coisa como causa de sua necessidade e outras não, mas é por causa delas que outras coisas são necessárias. Portanto, o que é necessário no sentido primário e próprio é o que é simples, pois isso não pode ser de mais de uma maneira. Logo, não pode estar em um estado e em outro; caso contrário, haveria mais de uma maneira. Se, então, existem alguns seres que são eternos e imóveis, neles nada de forçado ou contrário à natureza se encontra.

COMENTÁRIO

Necessário

827. Tendo distinguido os diferentes sentidos dos termos que significam causas, o Filósofo agora apresenta os diferentes sentidos de um termo que designa algo pertencente à noção de causa, ou seja, o termo necessário; pois uma causa é aquilo a partir do qual outra coisa se segue necessariamente. Com relação a isso, ele faz duas coisas. Primeiro, distingue os diferentes sentidos do termo necessário. Segundo (836), reduz todos eles a um sentido primário ("E a partir desse sentido").

Na primeira parte, ele apresenta quatro sentidos em que o termo necessário é usado:

Primeiro, significa aquilo sem o qual algo não pode ser ou viver; e mesmo quando isso não é a causa principal de algo, ainda é uma causa contribuinte. A respiração, por exemplo, é necessária para um animal que respira, pois ele não pode viver sem ela. E, embora a respiração não seja a causa [principal] da vida, ainda assim é uma causa contribuinte, na medida em que ajuda a restaurar o que se perde e impede o consumo total da umidade, que é uma causa de vida. Assim, coisas desse tipo são ditas necessárias porque é impossível que existam sem elas.

828. E também significa (417).

Em seguida, ele apresenta um segundo sentido em que as coisas são ditas necessárias. Diz que, de uma segunda maneira, são chamadas necessárias aquelas coisas sem as quais algum bem não pode ser ou acontecer, ou algum mal não pode ser evitado ou expulso. Por exemplo, dizemos que "a ingestão de algum remédio", ou seja, um medicamento laxante, é necessária, não porque um animal não possa viver sem ela, mas porque é necessária para expelir algo, a saber, um mal, uma doença, ou até mesmo para evitá-la. Pois isso é necessário "para que alguém não esteja em aflição", ou seja, para evitar ficar doente. E, similarmente, "navegar para Egina", ou seja, para um lugar específico, é necessário, não porque um homem não possa existir sem isso, mas porque ele não pode adquirir um bem, como dinheiro, sem fazer isso. Assim, tal viagem é dita necessária para obter uma quantia em dinheiro.

829. Novamente, significa (418).

Aqui, ele apresenta um terceiro sentido em que as coisas são ditas necessárias. Diz que qualquer coisa que exerce força, e até mesmo a própria força, é chamada de necessária. Pois a força é dita necessária, e aquele que é forçado é dito fazer por necessidade o que é compelido a fazer. Ele mostra o que significa algo que exerce força tanto no caso dos seres naturais quanto no dos seres dotados de vontade. Nos seres naturais, há um desejo ou uma inclinação em direção a algum fim ou objetivo, ao qual corresponde a vontade de uma natureza racional; e por isso a inclinação natural é chamada de apetite. Pois ambos, ou seja, tanto o desejo de uma inclinação natural quanto a intenção da vontade, podem ser impedidos e evitados — impedidos na execução de um movimento já iniciado e evitados de iniciar o movimento. Portanto, aquilo que é forçado "é feito em oposição ao desejo", ou seja, contra a inclinação de um ser natural; e é "algo que impede a escolha", ou seja, o fim intencionado na execução de um movimento voluntário já iniciado, e também algo que o impede de começar. Outro texto diz: "e isso é segundo a impetuosidade", ou seja, segundo o impulso. Pois a força é encontrada quando algo é feito através do impulso de um agente externo e é oposto à vontade e ao poder do sujeito. E aquilo que é forçado resulta de um impulso que aplica força.

830. A partir dessa definição do forçado, ele tira duas conclusões. A primeira é que tudo que é forçado é triste ou lamentável. Ele prova isso usando a afirmação de um certo poeta ou mestre, dizendo que tudo que é necessário ou forçado é triste ou lastimável; pois a força é um tipo de necessidade, como diz o poeta Sófocles: "A força", ou seja, a necessidade, "me compeliu a fazer isso". Pois foi dito que a força é algo que impede a vontade; e as coisas que são opostas à vontade causam tristeza, porque a tristeza tem a ver com coisas que nos acontecem contra nossa vontade.

831. A segunda conclusão é que qualquer coisa que é necessária é corretamente dita como sendo sem culpa ou reprovação. Pois é dito que a necessidade merece perdão em vez de culpa; e isso é verdade porque merecemos ser culpados apenas pelas coisas que fazemos voluntariamente e pelas quais também podemos ser razoavelmente repreendidos. Mas o tipo de necessidade que diz respeito à força é oposto à vontade e à razão, como foi dito (829); e assim é mais razoável dizer que as coisas feitas pela força não estão sujeitas a culpa.

832. Novamente, dizemos (419).

Ele apresenta um quarto sentido em que as coisas são ditas necessárias. Diz que estar em tal estado que não pode ser de outra forma também chamamos de necessário, e isso é o que é necessário em sentido absoluto. As coisas necessárias nos primeiros sentidos, no entanto, são necessárias em sentido relativo.

833. Agora, o que é absolutamente necessário difere dos outros tipos de necessidade, porque a necessidade absoluta pertence a uma coisa em razão de algo que está íntima e estreitamente ligado a ela, seja a forma, a matéria ou a própria essência da coisa. Por exemplo, dizemos que um animal é necessariamente corruptível porque isso é um resultado natural de sua matéria, na medida em que é composto de contrários; e dizemos que um animal é necessariamente capaz de sentir porque isso é um resultado de sua forma; e também dizemos que um animal é necessariamente uma substância viva sensível porque essa é sua essência.

834. No entanto, a necessidade de algo que é necessário em sentido relativo e não absolutamente depende de uma causa extrínseca. E há dois tipos de causas extrínsecas — o fim e o agente. O fim é ou a existência tomada absolutamente, e a necessidade tomada desse fim diz respeito ao primeiro tipo; ou é a existência bem disposta ou a posse de algum bem, e a necessidade do segundo tipo é tomada desse fim.

835. Novamente, a necessidade que vem de um agente externo diz respeito ao terceiro tipo de necessidade. Pois a força existe quando uma coisa é movida por um agente externo para algo para o qual não tem aptidão por sua própria natureza. Pois se algo é disposto por sua própria natureza a receber movimento de um agente externo, tal movimento não será forçado, mas natural. Isso é evidente no movimento dos corpos celestes por substâncias separadas e no movimento dos corpos inferiores pelos superiores.

836. **E a partir disso** (420).

Aqui, ele reduz todos os sentidos em que as coisas são necessárias a um; e em relação a isso, faz três coisas. Primeiro (836), mostra que todos os tipos de necessidade encontrados na realidade pertencem a este último tipo. Segundo (838), mostra que a necessidade em questões de demonstração é tomada neste último sentido ("Além disso, demonstração"). Terceiro (839), tira um corolário do que foi estabelecido acima ("Das coisas necessárias").

Ele diz, portanto, primeiro, que todos os outros sentidos do termo necessário são de alguma forma referidos a este último sentido. Ele torna isso claro, primeiro, com referência à terceira maneira pela qual as coisas são ditas necessárias. Pois tudo que é forçado é dito fazer ou sofrer algo por necessidade com base no fato de que não pode agir por seu próprio poder devido à força exercida sobre ele por um agente; e isso é um tipo de necessidade pela qual não pode ser de outra forma do que é.

837. Em seguida, mostra que o mesmo ocorre com o primeiro e o segundo modos pelos quais se diz que algo é necessário: no primeiro modo, em referência às causas de viver e ser absolutamente; no segundo, em referência às causas do bem. Pois o termo necessário foi usado nesses outros sentidos: de um modo, para designar aquilo sem o qual algo não pode estar bem; de outro, para designar aquilo sem o que algo não pode viver ou existir. Portanto, a causa sem a qual algo não pode viver, existir, possuir um bem ou evitar um mal é dita necessária, supondo-se que a

noção primária de necessário deriva do fato de que algo não pode ser de outro modo.

838. Além disso, a demonstração (421).

Em seguida, mostra que o necessário, nas questões de demonstração, é tomado nesse último sentido, aplicando-se tanto aos princípios quanto às conclusões. Pois a demonstração é dita tratar de coisas necessárias e proceder de coisas necessárias. Diz-se que trata de coisas necessárias porque o que é demonstrado em sentido estrito não pode ser de outro modo. Ele diz "demonstrado em sentido estrito" para distinguir isso do que é demonstrado pelo tipo de demonstração que refuta um oponente, e não demonstra estritamente. No quarto livro (609), ele chamou isso de argumento *ad hominem*. Em demonstrações desse tipo, que refutam um oponente, concluímos o impossível a partir de certas premissas impossíveis. Mas, como nas demonstrações as premissas são as causas da conclusão – pois as demonstrações em sentido estrito produzem ciência, e esta só é obtida por meio de uma causa –, os princípios dos quais um silogismo procede também devem ser necessários e, portanto, não podem ser de outro modo. Pois um efeito necessário não pode vir de uma causa não necessária.

839. Das coisas necessárias (422).

Aqui, ele tira três conclusões dos pontos apresentados acima, uma seguindo-se da outra. A primeira é que, como nas demonstrações as premissas são as causas da conclusão e ambas são necessárias, segue-se que algumas coisas são necessárias de um de dois modos. Pois há (1) coisas cuja necessidade é causada por outra, e (2) outras cuja necessidade não tem causa; e tais coisas são necessárias por si mesmas. Isso é dito contra Demócrito, que afirmava que não se deve buscar as causas das coisas necessárias, como é afirmado no Livro VIII da *Física*.

840. A segunda conclusão é que, como deve haver um primeiro ser necessário do qual outros seres derivam sua necessidade (pois não pode haver regresso infinito nas causas, como foi mostrado no segundo livro (301)), esse primeiro ser necessário, que também é necessário no sentido mais próprio porque é necessário de todas as maneiras, deve ser simples. Pois coisas compostas são mutáveis e, portanto, podem ser de mais de um modo. Mas coisas que podem ser de mais de um modo podem estar ora de um modo, ora de outro, e isso é oposto à noção de necessidade; pois é necessário aquilo que não pode ser de outro modo. Logo, o primeiro ser necessário não pode estar ora de um modo, ora de outro, e, conseqüentemente, não pode ser de mais de um modo. Assim, ele deve ser simples.

841. A terceira conclusão é que, como o forçado é algo que é movido por um agente externo em oposição à sua própria natureza, e os princípios necessários são simples e imutáveis, como foi mostrado (422:C 840), então, se existem certos seres eternos e imutáveis, como as substâncias separadas, neles não deve haver nada forçado ou contrário à sua natureza. Ele diz isso para que não se cometa um erro quanto ao termo necessidade, uma vez que é predicado das substâncias imateriais sem implicar, por conta disso, que algo forçado seja encontrado nelas.

LIÇÃO 7 - Os Tipos de Unidade Acidental e de Unidade Essencial

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 6: 1015b 16-1016b 3

“ 423. O termo uno é usado tanto para o que é acidentalmente uno quanto para o que é essencialmente uno. Diz-se que algo é acidentalmente uno, por exemplo, quando dizemos "Córisco" e "músico" e "músico Córisco". Pois dizer "Córisco", "músico" e "músico Córisco" equivale à mesma coisa; e isso também é verdade quando dizemos "justo", "músico" e "justo músico Córisco". Pois todos esses são ditos acidentalmente unos: justo e músico porque são acidentes de uma substância, e músico e Córisco porque um é acidente do outro. E, de modo semelhante, em certo sentido, músico Córisco é uno com Córisco, porque uma das partes dessa expressão é acidente da outra. Assim, músico é acidente de Córisco, e músico Córisco é acidente de justo Córisco, porque uma parte de cada expressão é acidente de um mesmo sujeito. Pois não faz diferença se músico é acidente de Córisco [ou se justo Córisco é acidente de músico Córisco]. O mesmo também ocorre se um acidente é predicado de um gênero ou de qualquer termo universal, por exemplo, quando se diz que homem e homem músico são o mesmo; pois isso ocorre ou porque músico é acidente de homem, que é uma substância, ou porque ambos são acidentes de algo singular, por exemplo, Córisco. Contudo, ambos não pertencem a ele do mesmo modo, mas um talvez como gênero e substância, e o outro como hábito ou modificação da substância. Portanto, quaisquer coisas que sejam ditas acidentalmente unas são ditas tais dessa maneira.

424. Mas, no caso das coisas que são ditas essencialmente unas, algumas são ditas tais por natureza de sua continuidade; por exemplo, um feixe torna-se uno por meio de uma amarra, e pedaços de madeira tornam-se unos por meio de cola. E uma linha contínua, mesmo se curvada, é dita una, assim como cada parte [do corpo humano], por exemplo, uma perna ou um braço. E dessas próprias coisas, as que são contínuas por natureza são mais unas do que as que são contínuas por arte. E diz-se que é contínuo aquilo cujo movimento é essencialmente uno e não pode ser de outro modo. E o movimento é uno

quando é indivisível, i.e., indivisível no tempo.

425. Novamente, todas aquelas coisas são essencialmente contínuas que são unas não meramente por contato; pois, se você colocar pedaços de madeira de modo que se toquem, não dirá que são unos, seja uma tábua, seja um corpo, seja qualquer outra coisa contínua. Portanto, as coisas que são contínuas em toda a sua extensão são ditas unas, mesmo que sejam curvadas. E as que não são curvadas são ainda mais unas; por exemplo, a canela ou a coxa é mais uma do que a perna, porque o movimento da perna pode não ser uno. E uma linha reta é mais uma do que uma linha curvada. Mas o que é curvado e angular referimos como sendo uno ou não uno, porque seu movimento pode ser simultâneo ou não. Mas o movimento de uma linha reta é sempre simultâneo, e nenhuma parte dela que tenha extensão está em repouso quando outra se move, como em uma linha curvada.

426. Novamente, uma coisa é dita una em outro sentido porque seu sujeito subjacente é uniforme em espécie; e é uniforme em espécie como aquelas coisas cuja forma é indivisível do ponto de vista da percepção sensorial. E o sujeito subjacente é ou aquele que é primário ou aquele que é último em relação ao fim. Pois o vinho é dito uno e a água é dita una na medida em que são indivisíveis em espécie. E todos os líquidos são ditos unos, como o óleo, o vinho e os fluidos, porque o sujeito último de todos é o mesmo; pois todos esses são constituídos de água ou de ar.

427. E são ditas unas aquelas coisas cujo gênero é uno e que diferem por diferenças opostas. E todas essas coisas são ditas unas porque o gênero, que é o sujeito das diferenças, é uno; por exemplo, homem, cão e cavalo são unos porque todos são animais; e isso é de um modo mais próximo ao modo como a matéria é una. E, às vezes, as coisas são ditas unas desse modo, e, às vezes, em seu gênero superior, que é dito o mesmo se aqueles que são superiores a estas são as últimas espécies do gênero; por exemplo, o triângulo isósceles e o equilátero são a mesma figura porque ambos são triângulos; mas não são os mesmos triângulos.

428. Além disso, duas coisas quaisquer são ditas unas quando a definição que expressa a essência de uma é indistinguível daquela que significa a essência da outra. Pois, em si mesma, toda definição é divisível. E o que aumentou e o que diminuiu são unos desse modo, porque sua definição é una. Um exemplo disso é encontrado nas figuras planas, que são unas em espécie.

429. E essas coisas são totalmente uma e no mais alto grau, cujo conceito, que apreende sua essência, é indivisível e não pode ser separado nem no tempo, nem no lugar, nem em sua estrutura inteligível; e destas, especialmente todas aquelas que são substâncias.

COMENTÁRIO

842. Tendo apresentado os vários sentidos dos termos que significam causas, o Filósofo agora procede a fazer o mesmo com aqueles termos que significam de algum modo o sujeito desta ciência. Isso se divide em duas partes. Na primeira (423:C 843), ele dá ou distingue os diferentes sentidos dos termos que significam o sujeito desta ciência; e na segunda (445:C 908), ele distingue os diferentes sentidos dos termos que significam as partes desse sujeito ("Diz-se que as coisas são o mesmo").

O sujeito desta ciência pode ser tomado ou como aquilo que deve ser considerado geralmente em toda a ciência, e como tal é a unidade e o ser, ou como aquilo com que esta ciência se ocupa principalmente, e isto é a substância. Portanto, primeiro (423), ele dá os diferentes sentidos do termo *um*; segundo (435:C 885), do termo *ser* ("O termo ser"); e terceiro (440:C 898), do termo *substância* ("O termo substância").

Quanto à primeira parte desta divisão, ele faz duas coisas. Primeiro, distingue entre o que é essencialmente um e o que é acidentalmente um, e também indica os vários sentidos em que se diz que as coisas são acidentalmente uma. Segundo (42VC 848), ele nota os vários sentidos em que se diz que as coisas são essencialmente uma ("Mas no caso").

843. Ele diz (423), então, que o termo *um* significa tanto o que é essencialmente um quanto o que é acidentalmente um. E nos diz que o que é acidentalmente um deve ser considerado primeiro no caso dos termos singulares. Ora, os termos singulares podem ser acidentalmente um de duas maneiras: de um modo, segundo um acidente se relaciona com um sujeito; e de outro modo, segundo um acidente se relaciona com outro. E em ambos os casos, três coisas devem ser consideradas — uma coisa composta e duas simples. Pois, se o que é acidentalmente um é considerado como tal segundo um acidente se relaciona com um sujeito, então há, por exemplo, estas três coisas: primeiro, Córisco; segundo, músico; e terceiro, Córisco músico. E essas três são acidentalmente uma; pois Córisco e o que é músico são o mesmo em sujeito. Similarmente, quando um acidente se relaciona com um acidente, três termos devem ser considerados: primeiro, músico; segundo, justo; e terceiro, Córisco justo músico. E todos estes são ditos acidentalmente um, mas por razões diferentes.

844. Pois justo e músico, que são dois termos simples no segundo modo, são ditos acidentalmente um porque ambos são acidentes de um mesmo sujeito. Mas músico e Córisco, que são dois termos simples no primeiro modo, são ditos acidentalmente um porque "um", a saber, músico, "é um acidente do outro", a saber, de Córisco. E similarmente quanto à relação de Córisco músico com Córisco (que é a relação de um termo composto com um dos dois termos simples), estes são ditos acidentalmente um no primeiro modo, porque nesta expressão, i.e., no termo complexo, Córisco músico, uma das partes, a saber, músico, é um acidente da outra, que é designada como uma substância, a saber, Córisco. E pela mesma razão, pode-se dizer que Córisco músico é um com Córisco justo, que são dois compostos no segundo modo, porque duas das partes de cada composto são acidentes de um sujeito, Córisco. Pois, se músico e Córisco músico, e justo e Córisco justo, são o mesmo, então tudo o que é um acidente de músico é também um acidente de Córisco músico; e tudo o que é um acidente de Córisco é também um acidente de Córisco justo. Logo, se músico é um acidente de Córisco, segue-se que Córisco músico é um acidente de Córisco justo.

Portanto, não faz diferença se dizemos que Córisco músico é um acidente de Córisco justo, ou que músico é um acidente de Córisco.

845. Mas porque predicados accidentais desse tipo são aplicados primeiro às coisas singulares e depois aos universais (embora o inverso seja verdadeiro para predicados essenciais), ele, portanto, esclarece que o que mostrou no caso dos termos singulares também se aplica no caso dos termos universais. Ele diz que, se um acidente é usado junto com o nome de um gênero ou de qualquer termo universal, a unidade accidental é tomada da mesma maneira que nos casos acima, quando um acidente é unido a um termo singular; por exemplo, quando se diz que homem e homem músico são accidentalmente um, embora difiram em algum aspecto.

846. Pois as substâncias singulares não estão presentes em um sujeito nem são predicadas de um sujeito, de modo que, enquanto são sujeito de outras coisas, elas mesmas não têm um sujeito. Ora, as substâncias universais são predicadas de um sujeito, mas não estão presentes em um sujeito, de modo que, enquanto não são sujeitos de acidentes, elas têm algo como seu sujeito. Logo, quando um acidente é unido a uma substância singular, a expressão que declara isso só pode significar que um acidente pertence a uma substância singular, como músico pertence a Córisco quando Córisco é dito músico.

847. Mas quando dizemos homem músico, a expressão pode significar uma de duas coisas: ou que músico é um acidente do homem, pelo qual a substância é designada, e disso deriva sua capacidade de ser o sujeito de um acidente; ou significa que ambos, homem e músico, pertencem a alguma coisa singular, por exemplo, Córisco, da maneira como músico foi predicado de justo, porque estes dois pertencem à mesma coisa singular e da mesma maneira, i.e., accidentalmente. Mas talvez um termo não pertença ao outro da mesma maneira, mas da maneira como a substância universal pertence ao singular como um gênero, como o termo animal, ou, se não é um gênero, ao menos pertence à substância do sujeito, i.e., como um predicado essencial, como o termo homem. Mas o outro termo, a saber, músico, não tem o caráter de gênero ou predicado essencial, mas o de um hábito ou modificação do sujeito, ou qualquer tipo de acidente que seja. Ele dá estes dois, hábito e modificação, porque há alguns acidentes que permanecem em seu sujeito, como os hábitos, que são movidos com dificuldade, e outros que não são permanentes, mas transitórios, como as modificações. É claro, então, que estas são as maneiras pelas quais se diz que as coisas são accidentalmente uma.

Tipos de unidade

848. Mas no caso (424).

Então ele dá as maneiras pelas quais as coisas são essencialmente uma, e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, indica os diferentes sentidos em que o termo *um* é usado; e segundo (880), os diferentes sentidos em que o termo *muitos* é usado ("Além disso, é evidente").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, dá os diferentes sentidos em que as coisas são uma do ponto de vista da natureza, i.e., segundo as condições encontradas na realidade; e segundo (876), do ponto de vista da lógica, i.e., segundo as considerações da lógica ("Além disso, algumas coisas").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, distingue os diferentes sentidos em que se diz que as coisas são uma. Segundo (872), indica uma propriedade que acompanha a unidade ("Mas a essência da unidade").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, estabelece os diferentes sentidos em que as coisas são ditas ser um. Segundo (866), reduz todos eles a um único sentido ("Pois, em geral").

Na primeira parte, ele apresenta cinco sentidos em que o termo uno é usado.

849. (1) O primeiro é este: algumas das coisas que são ditas ser essencialmente unas são tais "pela natureza de sua continuidade", i.e., por serem contínuas, ou "porque são contínuas", como diz outra tradução. Mas as coisas são ditas contínuas de duas maneiras; pois, como diz outro texto, algumas coisas são contínuas em razão de algo diferente delas mesmas, e outras em si mesmas.

850. Primeiro, ele passa a tratar das coisas que são contínuas (a) em razão de algo diferente delas mesmas. Ele diz que há coisas que são contínuas como resultado de outra coisa; por exemplo, um feixe de gravetos é contínuo por meio de uma corda ou amarra; e, dessa forma também, pedaços de madeira que foram colados são ditos ser um por meio da cola. Agora, também há duas maneiras pelas quais isso ocorre, porque a continuidade das coisas que são unidas (i) às vezes assume a forma de uma linha reta e (ii) às vezes a de uma linha que não é reta. Este é o caso, por exemplo, de uma linha torta com um ângulo, que resulta do contato de duas linhas em uma superfície, de modo que elas não se unem em linha reta. E é dessa forma que as partes de um animal são ditas ser unas e contínuas; por exemplo, a perna, que é torta e contém um ângulo no joelho, é dita ser una e contínua; e o mesmo ocorre com o braço.

851. Mas, como esse tipo de continuidade que ocorre por meio de outra coisa pode existir ou vir a ser tanto por natureza quanto por arte, (b) as coisas que são contínuas por natureza são unas em maior grau do que aquelas que são contínuas por arte; pois a unidade que explica a continuidade das coisas que são contínuas por natureza não é extrínseca à natureza da coisa que é tornada contínua por ela, como acontece no caso das coisas que são unas por arte, nas quais a amarra ou cola ou algo do tipo é totalmente extrínseco à natureza das coisas que são unidas. Portanto, as coisas que são unidas por natureza ocupam o primeiro lugar entre aquelas que são essencialmente contínuas, que são unas no mais alto grau.

852. Para tornar isso claro, ele define o contínuo. Ele diz que é dito contínuo aquilo que tem apenas um movimento essencialmente e não pode ser de outra forma. Pois as diferentes partes de qualquer coisa contínua não podem ser movidas por movimentos diferentes, mas a coisa contínua inteira é movida por um único movimento. Ele diz "essencialmente" porque uma coisa contínua pode ser movida de uma maneira essencialmente e de outra ou outras acidentalmente. Por exemplo, se um homem em um navio se move contra o movimento do navio essencialmente, ele ainda é movido acidentalmente pelo movimento do navio.

853. Ora, para que o movimento seja uno, ele deve ser indivisível; e por isso quero dizer do ponto de vista do tempo, no sentido de que, ao mesmo tempo em que uma parte de uma coisa contínua é movida, outra também é movida. Pois é impossível que uma parte de uma coisa contínua esteja em movimento e outra em repouso, ou que uma parte esteja em repouso e outra em movimento,

de modo que o movimento das diferentes partes ocorra em diferentes partes do tempo.

854. Portanto, o Filósofo define aqui o contínuo por meio do movimento, e não por meio da unicidade do limite no qual as partes das coisas contínuas são unidas, como é dito nas *Categorias* e na *Física*; porque a partir dessa definição, ele pode considerar diferentes graus de unidade em diferentes coisas contínuas (como será esclarecido mais adiante [856]), mas ele não pode fazer isso a partir da definição dada ali.

855. Além disso, deve-se notar que o que é dito aqui sobre o movimento de uma coisa contínua ser indivisível do ponto de vista do tempo não se opõe ao ponto provado no Livro VI da *Física*, de que o tempo de um movimento é dividido de acordo com as partes da coisa movida. Pois aqui o Filósofo está falando do movimento em um sentido não qualificado, porque uma parte de uma coisa contínua não começa a ser movida antes de outra parte; mas ali ele está falando de alguma designação que é feita na quantidade contínua sobre a qual o movimento passa. Pois essa designação, que é a primeira parte de uma quantidade contínua, é percorrida em um tempo anterior, embora nesse tempo anterior outras partes da coisa contínua que está em movimento também sejam movidas.

856. Novamente, todas essas (425).

Então ele passa a tratar das coisas que são essencialmente contínuas. Ele diz que aquelas coisas são essencialmente contínuas que são ditas ser uno não por contato. Ele prova isso da seguinte forma: coisas que se tocam, como dois pedaços de madeira, não são ditas ser um pedaço de madeira ou um corpo ou qualquer outro tipo de uno que pertença à classe do contínuo. Portanto, é evidente que a unicidade das coisas que são contínuas difere daquela das coisas que se tocam. Pois aquelas que se tocam não têm qualquer unidade de continuidade por si mesmas, mas por meio de algum vínculo que as une; mas aquelas que são contínuas são ditas ser essencialmente unas, mesmo que sejam tortas. Pois duas linhas tortas são contínuas em relação a um limite comum, que é o ponto em que o ângulo é formado.

857. No entanto, aquelas coisas são unas em maior grau que são essencialmente contínuas e sem uma torção. A razão é que uma linha reta pode ter apenas um movimento em todas as suas partes, enquanto uma linha torta pode ter um ou dois movimentos. Pois a totalidade de uma linha torta pode ser entendida como sendo movida em uma parte; e também pode ser entendido que, quando uma parte está em repouso, a outra parte, que faz um ângulo com a parte em repouso, pode se aproximar pelo seu movimento da parte imóvel; por exemplo, quando a perna inferior ou canela é dobrada na direção da perna superior, que aqui é chamada de coxa. Portanto, cada uma destas—a canela e a coxa—é una em maior grau "do que o *scelos*", como diz o texto grego, i.e., o todo composto pela canela e pela coxa.

858. Além disso, deve-se notar que o texto que lê "curvo" em vez de "torto" é falso. Pois, como as partes de uma linha curva não contêm um ângulo, é evidente que elas devem estar em movimento juntas ou em repouso juntas, assim como as partes de uma linha reta estão; mas isso não acontece no caso de uma linha torta, como foi dito (857).

859. Novamente, uma coisa (426).

(2) Aqui ele dá a segunda maneira pela qual as coisas são unas. Ele diz que uma coisa é dita ser una de uma segunda maneira não meramente em razão da quantidade contínua, mas devido ao fato de que todo o sujeito é uniforme em espécie. Pois algumas coisas podem ser contínuas mesmo que difiram em espécie; por exemplo, quando o ouro é contínuo com a prata ou algo desse tipo. E então duas dessas coisas serão unas se apenas a quantidade for considerada, mas não se a natureza do sujeito for considerada. Mas se todo o sujeito contínuo é uniforme em espécie, ele será uno tanto do ponto de vista da quantidade quanto do ponto de vista da natureza.

860. Diz-se que um sujeito é uniforme quanto à espécie quando a mesma forma sensível não está dividida de modo que existam formas sensíveis diferentes em partes diferentes do sujeito, como às vezes acontece, por exemplo, que uma parte de um corpo sensível seja branca e outra preta. E este sujeito, que não difere em espécie, pode ser tomado de duas maneiras: de um modo como o primeiro sujeito, e de outro como o último ou sujeito final que se alcança ao final de uma divisão. É evidente, por exemplo, que uma quantidade inteira de vinho é dita una porque suas partes são partes de um sujeito comum que é indiferenciado especificamente. O mesmo vale para a água. Pois todos os líquidos ou coisas úmidas são ditos unos na medida em que têm um único sujeito último. Pois o óleo e o vinho e coisas semelhantes se dissolvem, em última análise, em água ou ar, que é a raiz da umidade em todas as coisas.

861. E aquelas coisas (427).

(3) Em seguida, ele indica a terceira maneira pela qual as coisas são ditas unas. Ele diz que são ditas unas aquelas coisas cujo gênero é um, mesmo que esteja dividido por diferenças opostas. E esta maneira se assemelha à anterior; pois algumas coisas eram ditas unas na maneira anterior porque seu sujeito-gênero é um, e agora algumas coisas são ditas unas porque seu gênero, que é o sujeito das diferenças, é um; por exemplo, um homem, um cavalo e um cão são ditos unos porque têm em comum a animalidade como um gênero, que é o sujeito das diferenças. No entanto, esta maneira difere da anterior, porque na maneira anterior o sujeito era uma coisa que não era diferenciada por formas; mas aqui o sujeito-gênero é uma coisa que é diferenciada por várias diferenças, como que por várias formas.

862. Assim, é evidente que algumas coisas são ditas unas em gênero de um modo mais próximo, e de uma maneira similar àquela pela qual algumas coisas são ditas unas em matéria. Pois aquelas coisas que são ditas unas em matéria também são diferenciadas por formas. Pois, embora um gênero não seja matéria, porque então não seria predicado de uma espécie, visto que a matéria é parte de uma coisa, ainda assim a noção de um gênero é tomada daquilo que é material em uma coisa, assim como a noção de uma diferença é tomada daquilo que é formal. Pois a alma racional não é a diferença do homem (já que não é predicada do homem), mas algo que tem uma alma racional (pois é isso que o termo racional significa). Similarmente, a natureza sensitiva não é o gênero do homem, mas uma parte. Mas algo que tem uma natureza sensitiva, que o termo animal significa, é o gênero do homem. De modo semelhante, então, a maneira pela qual as coisas são unas em matéria está intimamente relacionada àquela pela qual são unas em gênero.

863. Mas deve-se ter em mente que ser uno em caráter genérico tem dois significados. Pois às vezes algumas coisas são ditas unas em gênero, como foi dito, porque pertencem a um gênero, qualquer que seja ele. Mas às vezes algumas coisas são ditas unas em gênero apenas em

referência a um gênero superior, o qual, juntamente com a designação "uno" ou "o mesmo", é predicado das últimas espécies de um gênero inferior quando há outras espécies superiores em uma das quais as espécies inferiores concordam. Por exemplo, figura é um gênero supremo que tem muitas espécies sob si, a saber, círculo, triângulo, quadrado e similares. E triângulo também tem espécies diferentes, a saber, o equilátero, que é chamado de isopleural, e o triângulo com dois lados iguais, que é chamado de equípede ou isósceles. Daí esses dois triângulos são ditos uma figura, que é seu gênero remoto, mas não um triângulo, que é seu gênero próximo. A razão para isso é que esses dois triângulos não diferem por diferenças que dividem a figura, mas por diferenças que dividem o triângulo. E o termo *mesmo* significa aquilo do qual algo não difere por uma diferença.

864. (4) Ele agora descreve a quarta maneira pela qual as coisas são ditas unas. Ele diz que coisas tais que a definição de uma (que é o conceito que significa sua quiddidade) não se distingue da definição da outra (que também significa sua quiddidade) são também ditas unas. Pois, enquanto toda definição deve ser divisível ou distinguível em si mesma, ou essencialmente, já que é composta de gênero e diferença, é possível que a definição de uma coisa seja indistinguível da de outra quando as duas têm uma definição. E isso se aplica (a) quer essas definições signifiquem a totalidade [da estrutura inteligível] da coisa definida, como túnica e vestimenta (e então coisas cuja definição é uma são unas em sentido absoluto), ou (b) quer essa definição comum não compreenda totalmente a estrutura inteligível das duas coisas que a têm em comum, como um boi e um cavalo têm em comum a definição una de animal. Daí eles nunca são unos em sentido absoluto, mas apenas em sentido relativo, na medida em que cada um é um animal. O mesmo se aplica no caso do aumento e da diminuição; pois há uma definição comum do gênero, porque cada um é um movimento relacionado à quantidade. E a mesma coisa é verdadeira para figuras planas, pois há uma definição da espécie, figura plana.

865. E aquelas coisas (429).

(5) Ele dá a quinta maneira pela qual as coisas são unas. Ele diz que aquelas coisas são "totalmente" unas, i.e., perfeitamente, e no mais alto grau, cujo conceito, que apreende sua quiddidade, é totalmente indivisível, como as coisas simples, que não são compostas de princípios material e formal. Daí o conceito que abrange sua quiddidade não as compreende de modo a formar uma definição a partir de princípios diferentes, mas (a) antes as apreende negativamente, como acontece no caso de um ponto, que não tem partes; ou (b) até as compreende relacionando-as a coisas compostas, como acontece, por exemplo, quando alguém define a unidade como o princípio do número. E porque tais coisas têm em si mesmas um conceito indivisível, e as coisas que são divididas de qualquer maneira podem ser entendidas separadamente, segue-se, portanto, que tais coisas são indivisíveis tanto no tempo quanto no lugar e em sua estrutura inteligível. Daí essas coisas são unas no mais alto grau, e especialmente aquelas que são indivisíveis no gênero da substância. Pois, embora o que é indivisível no gênero do acidente não seja composto em si mesmo, no entanto, forma um composto com outra coisa, a saber, o sujeito no qual inere. Mas uma substância indivisível não é composta em si mesma nem forma um composto com outra coisa. Ou o termo substância pode ser tomado no caso ablativo, e então o sentido é que, embora algumas coisas sejam ditas unas porque são indivisíveis no tempo e no lugar e na definição, ainda assim aquelas coisas nesta classe que são indivisíveis em substância são ditas unas no mais alto grau. Este sentido se reduz ao anterior.

LIÇÃO 8 - O Sentido Primário de Uno. Uno no Sentido de Completo. Uno como Princípio do Número. As Maneiras Pelas Quais as Coisas São Unas. As Maneiras Pelas Quais as Coisas São Muitas

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 6: 1016b 3-1017a 6

“ 430. Pois, em geral, aquelas coisas que não admitem divisão são ditas unas na medida em que não admitem divisão. Assim, se duas coisas não admitem divisão na medida em que são homem, elas são um homem; e se não admitem divisão na medida em que são animal, elas são um animal; e se não admitem divisão na medida em que têm quantidade contínua, elas são uma quantidade contínua. Daí muitas coisas são ditas unas porque fazem ou sofrem ou têm ou estão relacionadas a alguma outra coisa que é una. Mas aquelas coisas são ditas unas em sentido primário cuja substância é una; e elas são unas ou por continuidade ou em espécie ou em estrutura inteligível. Pois contamos como muitas aquelas coisas que não são contínuas, ou cuja forma não é una, ou cuja estrutura inteligível não é una.

431. Novamente, em um sentido, dizemos que qualquer coisa é uma por continuidade se é quantitativa e contínua; e em outro sentido, dizemos que uma coisa não é uma a menos que seja um todo, i.e., a menos que tenha uma forma. Assim, olhando para as partes de um sapato que são ajuntadas de qualquer maneira, não diríamos que são unas, exceto em razão de sua continuidade; mas se são ajuntadas de modo a ser um sapato e a ter uma certa forma, então haveria uma coisa. E por esta razão, entre as linhas, a linha circular é uma no mais alto grau porque é inteira e completa.

432. Mas a essência da unidade é ser um princípio de algum número; pois a primeira medida é um princípio, porque aquilo pelo qual primeiro conhecemos cada classe de coisas é sua primeira medida. A unidade, então, é o primeiro princípio do que é cognoscível sobre cada classe. Mas esta unidade ou unidade não é a mesma em todas as classes; pois em uma é o semitom menor, e em outra é a vogal ou consoante; e no caso do peso, a unidade é diferente; e no do movimento, diferente ainda. Mas em todos os casos, o que é uno é indivisível ou em quantidade ou em espécie. Assim, uma unidade é indivisível em quantidade como quantidade em todos os aspectos e não tem posição; e um ponto é indivisível em todos os aspectos e tem posição. Uma linha é divisível em uma dimensão; uma superfície, em duas; e um corpo, em três. E, inversamente, o que é divisível em duas dimensões é uma superfície; em uma, uma linha; e quantitativamente indivisível em todos os aspectos, um ponto e uma unidade. Se não tem posição, é uma unidade; e se tem posição, é um ponto.

433. Além disso, algumas coisas são unas em número, algumas em espécie, algumas em gênero, e algumas analogicamente ou proporcionalmente. Aquelas coisas são unas em número que têm uma matéria; em espécie, que têm uma estrutura inteligível; em gênero, que têm a mesma figura de predicação; e proporcionalmente, que estão relacionadas entre si como uma terceira coisa está a uma quarta. E os últimos tipos de unidade sempre seguem os primeiros. Assim, coisas que são unas em número são unas em espécie, mas nem todas as que são unas em espécie são unas em número; e todas as que são unas em espécie são unas em gênero, mas nem todas as que são unas em gênero são unas em espécie, embora sejam todas unas proporcionalmente. E nem todas as que são unas proporcionalmente são unas em gênero.

434. Além disso, é evidente que as coisas são ditas muitas de modo oposto àquele pelo qual são ditas uma. Pois algumas coisas são muitas porque não são contínuas; outras, porque sua matéria, seja a primeira ou a última, é divisível em espécie; e outras, porque têm muitas concepções que expressam sua essência.

Como os tipos de unidade se relacionam entre si

866. Aqui o Filósofo reduz todos os sentidos pelos quais as coisas são ditas uma a um sentido primário, e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, realiza essa redução; e segundo (870), acrescenta outro sentido àqueles já dados pelos quais as coisas são ditas uma (“Novamente, em um sentido”).

Ele diz, portanto, primeiro, que é evidente pelo que precede que as coisas que são indivisíveis em todos os aspectos são ditas uma no mais alto grau. Pois todos os outros sentidos pelos quais as coisas são ditas uma são redutíveis a este sentido, porque é universalmente verdadeiro que aquelas coisas que não admitem divisão são ditas uma na medida em que não admitem divisão. Por exemplo, aquelas coisas que são indivisíveis na medida em que são homem são ditas uma em humanidade, como Sócrates e Platão; aquelas que são indivisíveis na noção de animalidade são ditas uma em animalidade; e aquelas que são indivisíveis do ponto de vista da extensão ou medida são ditas uma em quantidade, como as coisas contínuas.

867. E disso podemos também derivar o número e os tipos de unidade dados acima, porque o que é um é indivisível ou em sentido absoluto ou em sentido qualificado. (5) Se é indivisível em sentido absoluto, é o último tipo de unidade, que é um princípio; mas se é indivisível em sentido qualificado, o é ou apenas em quantidade ou em natureza. (1) Se é indivisível em quantidade, então é o primeiro tipo. Se é indivisível em natureza, o é ou em referência ao seu sujeito ou à divisão que depende da forma. Se é divisível em referência ao seu sujeito, (2) o é ou em referência a um sujeito real, e então é o segundo tipo, ou (3) a um sujeito lógico, e então é o terceiro tipo. (4) E a indivisibilidade da forma, que é a indivisibilidade da estrutura inteligível ou definição, constitui o quarto tipo.

868. Ora, desses sentidos do termo um, certos outros são novamente derivados. Assim, há muitas coisas que são ditas uma porque estão fazendo uma coisa. Por exemplo, muitos homens são ditos um na medida em que estão remando um barco. E algumas coisas são ditas uma porque estão sujeitas a uma coisa; por exemplo, muitos homens constituem um povo porque são governados por um rei. E algumas são ditas uma porque possuem uma coisa; por exemplo, muitos proprietários de um campo são ditos um em sua posse dele. E algumas coisas também são ditas uma porque são algo que é um; por exemplo, muitos homens são ditos um porque cada um deles é branco.

869. Mas considerando todos esses sentidos secundários pelos quais as coisas são ditas uma, que já foram declarados nos cinco modos dados acima, podemos dizer que aquelas coisas são uma em sentido primário que são uma em sua substância. (1) Pois uma coisa é uma em substância ou por razão de sua continuidade, como no primeiro modo; ou (2) por causa da espécie do sujeito, como no segundo modo; (3) e novamente no terceiro modo porque a unidade do gênero é de certo modo semelhante à unidade da espécie; ou também (4 & 5) por causa da estrutura inteligível, como no quarto e quinto modos. Que algumas coisas são ditas uma nesses modos é claro pelo oposto de um. Pois as coisas são muitas em número, i.e., são contadas como muitas, ou porque são contínuas, ou porque não têm uma espécie, ou porque não têm uma estrutura inteligível comum.

870. Novamente, em um sentido (430)

Então ele dá um sentido adicional no qual o termo um é usado, que difere dos anteriores. Esse sentido não é derivado da noção de indivisão, como os anteriores, mas sim da noção de divisão. Ele diz que às vezes algumas coisas são ditas uma por causa da continuidade apenas, e às vezes são ditas uma somente se constituem um todo e algo completo. Ora, isso acontece quando a coisa tem uma forma, não no sentido de que um sujeito homogêneo é dito ter uma forma, o que pertence ao segundo tipo dado acima, mas no sentido de que a forma consiste em uma espécie de totalidade que requer uma ordem definida das partes. Assim, é claro que não dizemos que uma coisa é uma, por exemplo, algum artefato como um sapato, quando vemos as partes juntas de qualquer modo (a menos que talvez seja tomado como um na medida em que é contínuo); mas dizemos que todas as partes de um sapato são uma quando estão unidas de tal modo que a coisa é um sapato e tem uma forma — a de um sapato.

871. E disso é claro que uma linha circular é uma no mais alto grau. Pois uma linha circular não é apenas contínua como uma linha reta, mas também tem uma totalidade e completude que uma linha reta não tem; pois aquilo que nada lhe falta é completo e inteiro. Ora, essa característica pertence a uma linha circular; pois nada pode ser adicionado a uma linha circular, mas algo pode ser adicionado a uma linha reta.

872. Mas a essência (432).

Em seguida, ele indica uma propriedade que flui da unidade. Ele diz que a essência do um consiste em ser o princípio de algum número. Isso é claro pelo fato de que a unidade é a medida numérica primária pela qual todo número é medido. Ora, uma medida tem o caráter de princípio, porque as coisas medidas são conhecidas por sua medida, e as coisas são conhecidas por seus princípios próprios. E é claro disso que a unidade é o primeiro princípio do que é conhecido ou cognoscível sobre cada coisa, e que é o princípio do conhecimento em todas as classes.

873. Mas essa unidade que é o princípio do conhecimento não é a mesma em todas as classes de coisas. Pois na classe dos sons musicais é o semitom menor, que é a menor coisa nessa classe; pois um semitom menor é menor que um semitom, já que um tom é dividido em dois semitons desiguais, um dos quais é chamado de semitom menor. E na classe das palavras a primeira e menor unidade é a vogal ou consoante; e a vogal em maior grau que a consoante, como será dito no Livro X (831:C 1971). E na classe das coisas pesadas ou pesos há alguma coisa menor que é sua medida, i.e., a onça ou algo desse tipo. E na classe dos movimentos há uma primeira medida que mede os outros movimentos, a saber, o movimento mais simples e mais rápido, que é o movimento diurno.

874. Contudo, todos esses têm esta característica em comum: que a primeira medida é indivisível em quantidade ou em espécie. Portanto, para que algo seja um e primeiro no gênero da quantidade, deve ser indivisível, e indivisível em quantidade. É chamado de unidade se é indivisível em todos os aspectos e não tem posição, e de ponto se é totalmente indivisível em quantidade mas tem posição. Uma linha é algo divisível em apenas uma dimensão; uma superfície, em duas; e um corpo, em todas, i.e., em três dimensões. E essas descrições são reversíveis; pois tudo que é divisível em duas dimensões é uma superfície, e assim por diante com as outras.

875\ Novamente, deve-se notar que ser uma medida é a característica distintiva da unidade enquanto é o princípio do número. Mas esta unidade ou um não é a mesma que aquela que é intercambiável com o ente, como foi afirmado no Livro IV (303:C 557). Pois o conceito do último tipo de unidade envolve apenas ser indiviso, mas o do primeiro tipo envolve ser uma medida. Mas, embora esse caráter de medida pertença à unidade que é o princípio do número, ainda assim, por uma espécie de semelhança, é transferido para a unidade encontrada em outras classes de coisas, como o Filósofo mostrará no Livro X desta obra (814:C 1921). E, de acordo com isso, o caráter de medida é encontrado em qualquer classe de coisas. Mas esse caráter de medida é uma consequência natural da nota de indivisão, como foi explicado (432:C 872). Portanto, o termo *um* não é predicado de modo totalmente equívoco da unidade que é intercambiável com o ente e daquela que é o princípio do número, mas é predicado primariamente de uma e secundariamente da outra.

876\ Além disso, algumas coisas (433).

Em seguida, ele dá outra maneira de dividir a unidade, e esta divisão é antes do ponto de vista da lógica. Ele diz que algumas coisas são unas em número, algumas em espécie, algumas em gênero, e algumas por analogia.

Aquelas coisas são unas em número cuja matéria é una; pois, na medida em que a matéria tem certas dimensões designadas, ela é o princípio pelo qual uma forma é individuada. E por esta razão, uma coisa singular é numericamente una e dividida de outras coisas como resultado da matéria.

877\ Aquelas coisas são ditas unas em espécie que têm uma "estrutura inteligível", ou definição, em comum; pois a única coisa que é definida em sentido próprio é a espécie, uma vez que toda definição é composta de um gênero e uma diferença. E, se algum gênero é definido, isso ocorre na medida em que ele é uma espécie.

878\ Aquelas coisas são unas em gênero que têm em comum uma das "figuras da predicação", ou seja, que têm um modo de ser predicado. Pois o modo como a substância é predicada e aquele como a qualidade ou a ação são predicados são diferentes; mas todas as substâncias têm um modo de ser predicado enquanto não são predicadas como algo que está presente em um sujeito.

879\ E aquelas coisas são proporcional ou analogicamente unas que concordam neste aspecto: que uma está relacionada a outra assim como uma terceira coisa está para uma quarta. Ora, isso pode ser tomado de dois modos: (1) ou no sentido de que quaisquer duas coisas estão relacionadas de maneiras diferentes a uma terceira coisa (por exemplo, o termo *saudável* é predicado da urina porque significa a relação de um sinal de saúde [com a própria saúde]; e do medicamento porque significa a relação de uma causa para a mesma saúde); (2) ou pode ser tomado no sentido de que a proporção de duas coisas para outras duas coisas é a mesma (por exemplo, *tranquilidade* para o mar e *serenidade* para o ar; pois tranquilidade é um estado de repouso no mar, e serenidade é um estado de repouso no ar).

880\ Ora, com relação aos modos pelos quais as coisas são unas, os últimos tipos de unidade sempre seguem os primeiros, e não o contrário; pois aquelas coisas que são unas em número são

unas em espécie, mas não o contrário. O mesmo é claro nos outros casos.

881\ **Além disso, é evidente** (434).

A partir dos modos pelos quais as coisas são ditas unas, ele deriva agora os modos pelos quais as coisas são ditas muitas. Ele diz que as coisas são ditas muitas de tantas maneiras quantas são ditas unas, porque, no caso de termos opostos, um é usado de tantas maneiras quanto o outro.

(1) Assim, algumas coisas são ditas muitas porque não são contínuas, o que é o oposto do primeiro modo pelo qual as coisas são unas.

882\ (2 & 3) Outras coisas são ditas muitas porque sua matéria é divisível em espécie, quer entendamos por matéria "a primeira", i.e., sua matéria próxima, quer a matéria final ou última na qual são finalmente dissolvidas. De fato, é pela divisão de sua matéria próxima que o vinho e o azeite são ditos muitas, e pela divisão de sua matéria remota que o vinho e uma pedra são ditos muitas. E se matéria for tomada tanto pela matéria real quanto pela matéria conceitual, i.e., por um gênero, que se assemelha à matéria, *muitas* neste sentido é tomado como o oposto do segundo e terceiro modos pelos quais as coisas são ditas unas.

883\ (4) E ainda outras coisas são ditas muitas quando as concepções que expressam sua essência são muitas. E *muitas* neste sentido é tomado como o oposto do quarto modo pelo qual as coisas são ditas unas.

884\ (5) Mas o oposto do quinto modo pelo qual as coisas são unas não tem a noção de muitas exceto de modo qualificado e potencialmente; pois o fato de uma coisa ser divisível não a torna muitas exceto potencialmente.

LIÇÃO 9 - DIVISÃO DO ENTE EM ACIDENTAL E ESSENCIAL. OS TIPOS DE ENTE ACIDENTAL E DE ENTE ESSENCIAL

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 7: 1017a 7-1017b 9

“ 435. O termo ente (ens) significa tanto o ente accidental (ens per accidens) quanto o ente essencial (ens per se).

436. O ente accidental é designado quando dizemos, por exemplo, que o justo é musical, e que o homem é musical, e que o músico é um homem. E o mesmo se aplica quando dizemos que o músico constrói, porque é accidental para um construtor ser músico, ou para um músico ser construtor. Pois dizer que "isto é aquilo" significa que isto é um acidente daquilo. E assim é nos casos dados; pois quando dizemos que o homem é musical, e que o músico é um homem, ou que o que é musical é branco, neste último caso queremos dizer que ambos são acidentes da mesma coisa, e no primeiro que o atributo é accidental ao ente. Mas quando dizemos que o que é musical é um homem, queremos dizer que musical é um acidente desta pessoa. E neste sentido também o branco é dito ser, porque a coisa da qual é acidente é. Portanto, aquelas coisas que são ditas ser em um sentido accidental são ditas ser tais ou porque ambas pertencem ao mesmo ente, ou porque o atributo pertence ao ente, ou porque a coisa à qual ele pertence e da qual é predicado é.

437. Por outro lado, aquelas coisas são ditas ser essencialmente que significam as figuras da predicação;¹ pois o ser é significado de tantas maneiras quantas as predicações são feitas. Portanto, uma vez que algumas dessas predicações significam o que uma coisa é, outras como ela é, outras quanto, outras como

relacionada, outras o que faz, outras o que sofre, outras onde, e outras quando, a cada uma destas corresponde um modo de ser que significa a mesma coisa. Pois não há diferença entre "o homem está se recuperando" e "o homem se recupera", ou entre "o homem está andando" ou "cortando" e "o homem anda" ou "corta". E o mesmo é verdadeiro em outros casos.

438. Além disso, o ser significa que algo é verdadeiro, e o não-ser significa que algo não é verdadeiro, mas falso. Isso também vale para a afirmação e a negação. Por exemplo, dizer que Sócrates é musical significa que isto é verdadeiro. Ou dizer que Sócrates não é branco significa que isto é verdadeiro. Mas dizer que a diagonal de um quadrado não é incomensurável com um lado significa que isto é falso.

439. Ademais, ser, ou ente, significa que algumas das coisas mencionadas são potencialmente e outras atualmente. Pois, no caso dos termos mencionados, predicamos o ser tanto do que é dito ser potencialmente quanto do que é dito ser atualmente. E similarmente, dizemos tanto de alguém que é capaz de usar o conhecimento científico quanto de alguém que o está usando atualmente que ele sabe. E dizemos que está em repouso aquilo que já está assim ou é capaz de estar assim. E isso também se aplica no caso das substâncias; pois dizemos que Mercúrio está na pedra, e metade da linha na linha, e chamamos de grão aquilo que ainda não está maduro. Mas quando uma coisa é potencial e quando não, deve ser determinado em outro lugar (773: C 1832).

COMENTÁRIO

Tipos de ente: Três modos *per accidens*

885. Aqui o Filósofo expõe os vários sentidos em que o termo ente é usado, e a respeito disso faz três coisas. Primeiro, divide o ente em ente essencial e ente accidental. Segundo (886), distingue entre os tipos de ente accidental ("O ente accidental"). Terceiro (889), distingue entre os tipos de ente essencial ("Por outro lado").

Ele diz, então, que embora as coisas sejam ditas ser tanto essencial quanto accidentalmente, deve-se notar que esta divisão do ente não é a mesma pela qual o ente é dividido em substância e acidente. Isso fica claro pelo fato de que ele posteriormente divide o ente essencial nos dez predicamentos, nove dos quais pertencem à classe do acidente (889). Portanto, o ente é dividido em substância e acidente na medida em que é considerado em um sentido absoluto; por exemplo, a brancura considerada em si mesma é chamada de acidente, e o homem, de substância. Mas o ente accidental, no sentido em que é tomado aqui, deve ser entendido comparando um acidente com uma substância; e essa comparação é significada pelo termo é quando, por exemplo, se diz que o homem é branco. Portanto, este todo "o homem é branco" é um ente accidental. É claro, então, que a divisão do ente em ente essencial e ente accidental baseia-se no fato de que uma coisa é predicada de outra ou essencial ou accidentalmente. Mas a divisão do ente em substância e acidente baseia-se no fato de que uma coisa é, por sua própria natureza, ou uma substância ou um

acidente.

886. Em seguida, ele indica os vários sentidos em que uma coisa é dita ser acidentalmente. Ele diz que isso ocorre de três maneiras: (1) primeira, quando um acidente é predicado de um acidente, como quando se diz que alguém justo é musical; (2) segunda, quando um acidente é predicado de um sujeito, como quando se diz que o homem é musical; e (3) terceira, quando um sujeito é predicado de um acidente, como quando se diz que o músico é um homem. E, uma vez que ele mostrou acima (787) como a causa accidental difere da causa essencial, ele mostra agora, portanto, que o ente accidental é um resultado de uma causa accidental.

887. Ele diz que, ao dar uma causa accidental, dizemos que o músico constrói, porque é accidental para um construtor ser músico, ou vice-versa; pois é evidente que a afirmação "isto é aquilo", i.e., o músico é um construtor, simplesmente significa que "isto é um acidente daquilo". O mesmo é verdadeiro para os sentidos anteriores de ente accidental quando dizemos que o homem é musical predicando um acidente de um sujeito, ou quando dizemos que o que é branco é musical, ou, inversamente, que o que é musical é branco predicando um acidente de um acidente. Pois em todos esses casos é significa meramente o ente accidental: "no último caso", i.e., quando um acidente é predicado de um acidente, é significa que ambos os acidentes são accidentais ao mesmo sujeito; "e no primeiro", i.e., quando um acidente é predicado de um sujeito, é significa "que o atributo é accidental ao ente", i.e., ao sujeito. Mas quando dizemos que o que é musical é um homem, queremos dizer "que musical é um acidente desta pessoa", i.e., que musical, que ocupa a posição de um sujeito, é um acidente do predicado. E a razão para fazer a predicação é semelhante, em certo sentido, quando um sujeito é predicado de um acidente e quando um acidente é predicado de um acidente. Pois um sujeito é predicado de um acidente pelo fato de que o sujeito é predicado daquilo ao qual o acidente, que é expresso no sujeito, é accidental; e de maneira similar, um acidente é predicado de um acidente porque é predicado do sujeito de um acidente. E por esta razão o atributo musical é predicado não apenas do homem, mas também do branco, porque aquilo de que o atributo musical é um acidente, i.e., o sujeito, é branco.

888. É evidente, então, que aquelas coisas que são ditas ser em um sentido accidental são ditas ser tais por três razões: (1) ou "porque ambos", a saber, o sujeito e o predicado, pertencem à mesma coisa (como quando um acidente é predicado de um acidente); ou (2) "porque o atributo", a saber, o predicado, como musical, "pertence ao ente", i.e., ao sujeito que é dito ser musical (e isso ocorre quando um acidente é predicado de um sujeito); ou (3) "porque a coisa", i.e., o sujeito que é expresso no predicado, ao qual pertence o acidente do qual ele (o sujeito) é ele mesmo predicado, ela mesma é (e isso ocorre quando um sujeito é predicado de um acidente, como quando dizemos que o que é musical é um homem).

Dez modos *per se*

889. **Por outro lado** (437).

Aqui ele distingue os tipos de ser essencial; e quanto a isso faz três coisas. Primeiro, divide o tipo de ser que está fora da mente, que é o ser completo, pelos dez predicamentos. Segundo (895), dá outro tipo de ser, na medida em que o ser existe apenas na mente ("Além disso, ser significa"). Terceiro (897), divide o ser por potência e ato — e o ser dividido dessa maneira é mais comum do

que o ser completo, pois o ser potencial é ser apenas imperfeitamente e em sentido qualificado ("Além disso, ser").

Ele diz, primeiro (437), que todas aquelas coisas que significam as figuras da predicação são ditas essencialmente. Pois deve-se notar que o ser não pode ser restringido a algo definido da maneira como um gênero é restringido a uma espécie por meio de diferenças. Pois, como uma diferença não participa de um gênero, ela está fora da essência de um gênero. Mas nada poderia estar fora da essência do ser que pudesse constituir uma espécie particular de ser ao adicionar ao ser; pois o que está fora do ser é nada, e isso não pode ser uma diferença. Daí, no Livro III desta obra (433), o Filósofo provou que o ser não pode ser um gênero.

890. O ser deve então ser restringido a diversos gêneros com base em um modo (+) diferente de predicação, que flui de um modo diferente de ser; pois "o ser é significado", isto é, algo é significado como sendo, "em tantas maneiras" (ou em tantos sentidos) quantas pudermos fazer predicções. E por essa razão, as classes nas quais o ser é primeiramente dividido são chamadas de *predicamentos*, porque são distinguidas com base em diferentes maneiras de predicar. Portanto, como alguns predicados significam o que (i.e., substância); alguns, de que tipo; alguns, quanto; e assim por diante; deve haver um modo de ser correspondente a cada tipo de predicação. Por exemplo, quando se diz que um homem é um animal, o é significa substância; e quando se diz que um homem é branco, o é significa qualidade; e assim por diante.

891. Pois deve-se notar que um predicado pode ser referido a um sujeito de três maneiras.

(1) Isso ocorre de uma maneira quando o predicado afirma o que o sujeito é, como quando digo que Sócrates é um animal; pois Sócrates é a coisa que é um animal. E diz-se que esse predicado significa primeiramente *substância*, i.e., uma substância particular, da qual todos os atributos são predicados.

892. (2) Um predicado é referido a um sujeito de uma segunda maneira quando o predicado é tomado como estando no sujeito, e esse predicado está no sujeito ou (a) essencial e absolutamente e (i) como algo fluindo de sua matéria, e então é *quantidade*; ou (ii) como algo fluindo de sua forma, e então é *qualidade*; ou (b) não está presente no sujeito absolutamente, mas com referência a outra coisa, e então é *relação*.

(3) Um predicado é referido a um sujeito de uma terceira maneira quando o predicado é tomado de algo extrínseco ao sujeito, e isso ocorre de duas maneiras. (a) De uma maneira, aquilo de onde o predicado é tomado é totalmente extrínseco ao sujeito; e (i) se isso não é uma medida do sujeito, é predicado à maneira de *vestimenta*, como quando se diz que Sócrates está calçado ou vestido. (ii) Mas se é uma medida do sujeito, então, como uma medida extrínseca é ou tempo ou lugar, (aa) o predicamento é tomado ou em referência ao tempo, e assim será *quando*; ou (bb) se é tomado em referência ao lugar e a ordem das partes no lugar não é considerada, será *onde*; mas se essa ordem é considerada, será *posição*. (b) De outra maneira, aquilo de onde o predicado é tomado, embora fora do sujeito, está, no entanto, de certo ponto de vista, no sujeito do qual é predicado. (i) E se é do ponto de vista do princípio, então é predicado como uma *ação*; pois o princípio da ação está no sujeito. (ii) Mas se é do ponto de vista de seu termo, então será predicado como uma *paixão*; pois uma paixão termina no sujeito que está sendo afetado.

893. Mas, como há algumas predicções nas quais o verbo é claramente não é usado (por exemplo, quando se diz que um homem caminha), para que alguém não pense que essas predicções não envolvem a predicação do ser, por isso Aristóteles subsequentemente rejeita isso, dizendo que em todas as predicções desse tipo algo é significado como sendo. Pois todo verbo é reduzido ao verbo é mais um participio. Pois não há diferença entre as afirmações "o homem está se recuperando" e "o homem se recupera"; e o mesmo ocorre em outros casos. É claro, então, que "ser" é usado em tantas maneiras quantas fizermos predicções.

894. E não há verdade na afirmação de Avicena de que predicados que pertencem à classe dos acidentes significam primariamente substância e secundariamente acidentes, como os termos branco e musical. Pois o termo branco, como é usado nas categorias, significa qualidade apenas. Agora, o termo branco implica um sujeito na medida em que significa brancura à maneira de um acidente, de modo que deve, por implicação, incluir o sujeito em sua noção, porque o ser de um acidente consiste em estar em algo. Pois, embora a *brancura* signifique um acidente, ainda assim não significa isso à maneira de um acidente, mas à de uma substância. Daí não implicar um sujeito de modo algum. Pois se significasse um sujeito primariamente, então o Filósofo não colocaria predicados acidentais sob o ser essencial, mas sob o ser accidental. Pois toda a afirmação "o homem é branco" é um ser em sentido accidental, como foi dito (886).

Ser lógico

895. **Além disso, ser significa** (438).

Então ele dá outro sentido no qual o termo ser é usado, na medida em que os termos ser e é significam a composição de uma proposição, que o intelecto faz quando combina e separa. Ele diz que ser significa a verdade de uma coisa, ou como outra tradução expressa melhor, ser significa que alguma afirmação é verdadeira. Assim, a verdade de uma coisa pode ser dita determinar a verdade de uma proposição à maneira de uma causa; pois pela razão de que uma coisa é ou não é, um discurso é verdadeiro ou falso. Pois quando dizemos que algo é, significamos que uma proposição é verdadeira; e quando dizemos que algo não é, significamos que não é verdadeira. E isso se aplica tanto à afirmação quanto à negação. Aplica-se à afirmação, como quando dizemos que Sócrates é branco porque isso é verdadeiro; e à negação, como quando dizemos que Sócrates não é branco, porque isso é verdadeiro, ou seja, que ele não é branco. E de maneira similar, dizemos que a diagonal de um quadrado não é incomensurável com um lado, porque isso é falso, i.e., seu não ser incomensurável.

896. Ora, deve-se notar que esta segunda maneira como o ser é usado está relacionada à primeira como um efeito a uma causa. Pois do fato de que algo é na realidade segue-se que há verdade e falsidade em uma proposição, e o intelecto significa isso pelo termo é tomado como um verbo cópula. Mas, como o intelecto considera como um tipo de ser algo que em si mesmo é um não-ser, como uma negação e coisas semelhantes, portanto, às vezes o ser é predicado de algo nesta segunda maneira e não na primeira. Pois a cegueira é dita ser na segunda maneira com base no fato de que a proposição na qual algo é dito ser cego é verdadeira. No entanto, não é dita ser verdadeira na primeira maneira; pois a cegueira não tem nenhum ser na realidade, mas é antes uma privação de algum ser. Ora, é accidental a uma coisa que um atributo seja afirmado dela verdadeiramente no pensamento ou na palavra, pois a realidade não se refere ao conhecimento,

mas o contrário. Mas o ato de ser que cada coisa tem em sua própria natureza é substancial; e, portanto, quando se diz que Sócrates é, se o é é tomado na primeira maneira, pertence à classe dos predicados substanciais; pois ser é um predicado mais alto com referência a qualquer ser particular, como animal com referência a homem. Mas se é tomado na segunda maneira, pertence à classe dos predicados acidentais.

Divisão por potência e ato

897. **Novamente, o ser, ou o ente** (439).

Aqui ele apresenta a divisão do ente em ato e potência. Ele diz que o ser e o ente significam algo que é expressável ou enunciável em potência ou em ato. Pois, no caso de todos os termos anteriores que significam os dez predicamentos, algo é dito ser assim em ato e algo outro em potência; e disso segue-se que cada predicamento é dividido por atualidade e potência. E assim como, no caso das coisas que estão fora da mente, algumas são ditas ser em ato e algumas em potência, também isso é verdadeiro no caso das atividades da mente e no das privações, que são apenas entes de razão. Pois diz-se que alguém conhece tanto por ser capaz de usar o conhecimento científico quanto por estar efetivamente usando-o; e similarmente, diz-se que uma coisa está em repouso tanto porque o repouso já lhe pertence quanto porque ela é capaz de estar em repouso. E isso é verdadeiro não apenas dos acidentes, mas também das substâncias. Pois "Mercúrio", dizemos, isto é, a imagem de Mercúrio, está presente em potência na pedra; e metade de uma linha está presente em potência numa linha, pois toda parte de um contínuo está em potência no todo. E a linha está incluída na classe das substâncias segundo a opinião daqueles que sustentam que os objetos da matemática são substâncias — opinião que ele ainda não refutou. E quando o grão ainda não está maduro, por exemplo, quando ainda está na espiga, diz-se que está em potência. Contudo, quando exatamente algo está em potência e quando não está mais deve ser estabelecido em outra parte, a saber, no Livro IX desta obra (1832).

LIÇÃO 10 - Significados de Substância

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 8: 1017b 10-1017b 26

“ 440. O termo substância (substantia) significa os corpos simples, como terra, fogo, água e similares; e, em geral, os corpos e as coisas compostas por eles, tanto animais quanto demônios e suas partes. Todos esses são chamados substâncias porque não são predicados de um sujeito, mas outras coisas são predicadas deles.

441. Em outro sentido, substância significa aquilo que, estando presente em tais coisas que não são predicadas de um sujeito, é a causa do seu ser, como a alma no animal.

442. Novamente, substância significa aquelas partes que, estando presentes em tais coisas, as limitam e as designam como indivíduos e em consequência da destruição das quais o todo é destruído; por exemplo, o corpo é destruído quando a superfície o é, como alguns dizem, e a superfície quando a linha o é. E, em geral, parece a alguns que o número é dessa natureza; pois [segundo eles] se ele é destruído, nada existirá, e ele limita todas as coisas.

443. Além disso, a quiddidade de uma coisa, cuja expressão inteligível é a definição, também parece ser a substância de cada coisa.

444. Segue-se, então, que o termo substância é usado em dois sentidos. Significa o sujeito último, que não é predicado de algo mais; e significa qualquer coisa que é um ente particular e capaz de existir separadamente. A forma e a espécie de cada coisa é dita ser dessa natureza.

COMENTÁRIO

LIÇÃO 10

Tipos de substância

898. Aristóteles agora explica os vários sentidos em que o termo substância é usado; e quanto a isso ele faz duas coisas. Primeiro, ele dá os vários sentidos em que o termo substância é usado.

Segundo (903), ele reduz todos esses a dois ("Segue-se").

Ao tratar da primeira parte, ele apresenta quatro sentidos do termo substância.

(1) Em primeiro lugar, significa substâncias particulares, como os corpos simples: terra, fogo, água e similares. E, em geral, significa todos os corpos, mesmo que não sejam simples, ou seja, corpos compostos de partes semelhantes, como pedras, sangue, carne e afins. Novamente, significa animais, que são compostos de tais corpos sensíveis, e também suas partes, como mãos e pés, e assim por diante; "e demônios", ou seja, os ídolos erguidos em templos e adorados como deuses. Ou por demônios ele se refere a certos animais que os platônicos afirmavam ser capazes de raciocinar, e que Apuleio define assim: demônios são animais compostos de um corpo etéreo, racionais na mente, passivos na alma e eternos no tempo. Agora, todas as coisas anteriores são chamadas de substâncias porque não são predicadas de outro sujeito, mas outras coisas são predicadas delas. Esta é a descrição da substância primeira dada nas *Categorias*.

899. **Em outro sentido** (411).

(2) Ele diz que, em outro sentido, substância significa a causa do ser das substâncias anteriores que não são predicadas de um sujeito; e não é extrínseca a elas como uma causa eficiente, mas intrínseca como uma forma. É nesse sentido que a alma é chamada de substância de um animal.

900. **Novamente, substância** (442).

(3) Ele apresenta um terceiro significado de substância, que é aquele usado pelos platônicos e pitagóricos. Ele diz que todas aquelas partes das substâncias anteriores que constituem seus limites e as designam como indivíduos, segundo a opinião desses pensadores, e por cuja destruição o todo é destruído, também são chamadas de substâncias. Por exemplo, o corpo é destruído quando a superfície o é, como alguns dizem, e a superfície quando a linha o é. Também é claro que a superfície é o limite do corpo e a linha o limite da superfície. E, de acordo com a opinião dos filósofos mencionados, a linha é uma parte da superfície e a superfície uma parte do corpo. Pois eles sustentavam que os corpos são compostos de superfícies, as superfícies de linhas e as linhas de pontos; e, assim, seguir-se-ia que o ponto é a substância da linha, a linha a substância da superfície, e assim por diante para o resto. E, de acordo com essa posição, o número parece constituir toda a substância de todas as coisas, porque, quando o número é destruído, nada permanece no mundo; pois o que não é um é nada. E, similarmente, as coisas que não são muitas são inexistentes. E o número também se mostra como limitador de todas as coisas, porque todas as coisas são medidas pelo número.

901. Mas esse sentido de substância não é verdadeiro. Pois aquilo que é encontrado como comum a todas as coisas e é algo sem o qual elas não podem existir não constitui necessariamente sua substância, mas pode ser alguma propriedade que flui da substância ou de um princípio da substância. Esses filósofos também caíram em erro especialmente a respeito da unidade e do número, porque não distinguiram entre a unidade que é intercambiável com o ser e aquela que é o princípio do número.

902. **Novamente, a quiddidade** (443).

(4) Ele diz que a quiddidade de cada coisa, que a definição significa, também é chamada de sua substância. Ora, a quiddidade ou essência de uma coisa, cuja expressão inteligível é a definição, difere de uma forma, que ele identificou com o segundo significado de substância, assim como a humanidade difere de uma alma, pois uma forma é parte da essência ou quiddidade de uma coisa, mas a essência ou quiddidade em si de uma coisa inclui todos os seus princípios essenciais. É neste último sentido, então, que o gênero e a espécie são ditos ser a substância das coisas das quais são predicados; pois gênero e espécie não significam apenas a forma, mas toda a essência de uma coisa.

903. **Segue-se** (444).

Em seguida, ele reduz os sentidos anteriores de substância a dois. Ele diz que, a partir dos modos acima mencionados em que o termo substância é usado, podemos entender que ele tem dois significados. (1) Significa o sujeito último nas proposições e, assim, não é predicado de outra coisa. Esta é a substância primeira, que significa uma coisa particular que existe por si mesma e é capaz de existir separadamente porque é distinta de tudo o mais e não pode ser comum a muitos. (2) É uma substância particular difere da substância universal nestes três aspectos: primeiro, uma substância particular não é predicada de inferiores, enquanto uma substância universal o é; segundo, a substância universal subsiste apenas por meio de uma substância particular, que subsiste por si mesma; e terceiro, a substância universal está presente em muitas coisas, enquanto uma substância particular não está, mas é distinta de tudo o mais e capaz de existir separadamente.

904. E a forma e a espécie de uma coisa também "são ditas ser dessa natureza", ou seja, substância. Nisso ele inclui o segundo e o quarto sentidos de substância; pois essência e forma têm essa nota em comum: ambas são ditas ser aquilo pelo qual algo é. No entanto, a forma, que faz com que uma coisa seja atual, está relacionada à matéria, enquanto a quiddidade ou essência está relacionada ao suposto, que é significado como tendo tal e tal essência. Portanto, "a forma e a espécie" são compreendidas sob uma única coisa — a essência de um ser.

905. Ele omite o terceiro sentido de substância porque é falso, ou porque é redutível à forma, que tem o caráter de um limite. E ele omite a matéria, que é chamada de substância, porque não é substância em ato. No entanto, ela está incluída no primeiro sentido de substância, porque uma substância particular é uma substância e é individuada no mundo das coisas materiais apenas por meio da matéria.

LIÇÃO 11 - As Maneiras Pelas Quais as Coisas São as Mesmas Essencial e Acidentalmente

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 9: 1017b 27-1018a 9

“ 445. Diz-se que as coisas são as mesmas por acidente; por exemplo, "branco" e "músico" são os mesmos porque são acidentes do mesmo sujeito. E "homem" e "músico" são os mesmos porque um é acidente do outro. E "músico" é o mesmo que "homem" porque é um acidente de um homem. E o composto é o mesmo que cada um desses termos simples, e cada um é o mesmo que ele. Pois tanto "homem" quanto "músico" são ditos ser o mesmo que "homem músico", e este é o mesmo que eles. E por essa razão nenhuma dessas predicções é universal. Pois não é verdadeiro dizer que todo homem é o mesmo que o músico; pois os predicados universais são essenciais, enquanto os predicados acidentais não são, mas são ditos de singulares de modo absoluto. Pois "Sócrates" e "Sócrates músico" parecem ser os mesmos porque Sócrates não é encontrado em muitos. E por essa razão não dizemos "todo Sócrates" como dizemos "todo homem". Algumas coisas, então, são ditas ser as mesmas desse modo.

446. E outras são ditas ser as mesmas essencialmente, e no mesmo número de maneiras em que são ditas ser uma. Pois aquelas coisas cuja matéria é uma em espécie ou em número, e aquelas cuja substância é uma, são ditas ser as mesmas. Portanto, é evidente que a mesmidade (identitas) é uma espécie de unidade do ser de muitas coisas ou de uma coisa tomada como muitas; por exemplo, quando alguém diz que algo é o mesmo que si mesmo, ele usa a mesma coisa como se fosse duas.

COMENTÁRIO

906. Tendo apresentado os vários sentidos dos termos que significam o sujeito desta ciência, aqui o Filósofo apresenta aqueles que significam as partes de tais coisas que constituem o sujeito desta

ciência. Isso se divide em duas partes. Na primeira (445:C 906), ele apresenta os vários sentidos dos termos que significam as partes da unidade; e na segunda (467:C 954), aqueles que significam as partes do ser ("Em um sentido"). Pois a substância, que também é posta como sujeito desta ciência, é uma única categoria que não se divide em muitas categorias.

A primeira parte se divide em duas seções. Na primeira, ele apresenta os vários sentidos dos termos que significam as partes da unidade; e na segunda (457:C 936), aqueles que significam algo que flui da noção de unidade, a saber, anterior e posterior ("Diz-se que as coisas são"). Pois ser um é ser um princípio ou ponto de partida, como foi explicado acima (432:C 872).

907. A primeira parte se divide em duas seções. Na primeira, ele apresenta os vários sentidos dos termos que significam as partes primárias da unidade e de seu oposto, a pluralidade; e na segunda (451:C 922), ele apresenta aqueles que significam certas partes secundárias da unidade ("Por opostos").

Agora, as partes da unidade são a mesmidade, que é a unidade na substância; a semelhança, que é a unidade na qualidade; e a igualdade, que é a unidade na quantidade. E, opostas a estas, as partes da pluralidade são a alteridade, a dissemelhança e a desigualdade.

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, ele apresenta os vários sentidos em que o termo "mesmo" é usado, e os sentidos de seu oposto. Segundo (449:C 918), ele apresenta os vários sentidos do termo "semelhante" e de seu oposto, "dissemelhante" ("Diz-se que as coisas são semelhantes"). Ele não menciona aqui, no entanto, o termo "igual" e seu oposto, porque, no caso desses termos, a pluralidade não é tão evidente.

Em relação à primeira parte, ele faz três coisas. Primeiro, ele apresenta os vários sentidos do termo "mesmo"; segundo (447:C 913), do termo "outro" ou "diverso" ("Diz-se que aquelas coisas são outras"); e terceiro (448:C 916), do termo "diferente" ("Diz-se que as coisas são diferentes").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele apresenta as maneiras pelas quais as coisas são ditas ser as mesmas por acidente; e segundo (446:C 911), ele apresenta aquelas em que as coisas são ditas ser as mesmas essencialmente ("E outras").

O "mesmo" per accidens e per se

908. Ele diz que as coisas são ditas ser as mesmas por acidente (*idem per accidens*) de três maneiras. (1) De um modo, são as mesmas no sentido de que dois acidentes o são; assim, "branco" e "músico" são ditos ser os mesmos porque são acidentes do mesmo sujeito. (2) As coisas são as mesmas por acidente de um segundo modo quando um predicado é dito ser o mesmo que um sujeito na medida em que é predicado dele; assim, quando se diz que o homem é músico, estes (homem e músico) são ditos ser os mesmos porque músico é um acidente de um homem, ou seja, o predicado é um acidente do sujeito. (3) E as coisas são as mesmas por acidente de um terceiro modo quando o sujeito é dito ser o mesmo que um acidente na medida em que é predicado dele. Por exemplo, quando se diz que a coisa musical é um homem, entende-se que o homem é o mesmo que a coisa musical; pois o que é predicado de algum sujeito é identificado com esse sujeito. E a mesmidade nesse sentido significa que o sujeito é um acidente do predicado.

909. Agora, além dessas maneiras pelas quais as coisas são as mesmas por acidente, nas quais um acidente e um sujeito são tomados em si mesmos, há também outras, ou seja, aquelas nas quais um acidente é tomado em conjunção com um sujeito. E quando isso ocorre, dois sentidos do termo "mesmo" devem ser distinguidos. (1) Um deles é significado quando um acidente tomado isoladamente é predicado do composto de sujeito e acidente; e então o significado é que o acidente é o mesmo que ambos os termos simples tomados juntos; por exemplo, "músico" é o mesmo que "homem músico". (2) O outro é significado quando o composto de acidente e sujeito é predicado do sujeito tomado isoladamente, como quando dizemos que o homem é um homem músico; e então ambos (o composto "homem músico") são significados como sendo o mesmo que isto, ou seja, o sujeito tomado isoladamente. A mesma noção se aplica se um acidente é tomado isoladamente e um sujeito é tomado em combinação com o acidente. Isso seria o caso, por exemplo, se disséssemos que o que é músico é um homem músico, ou o inverso, pois tanto "homem" quanto "músico" são ditos ser acidentalmente os mesmos que "homem músico", que é o composto, quando esses dois são predicados daquela coisa única, e vice-versa.

910. Disso ele tira a conclusão adicional de que, em todos os modos de predicação anteriores nos quais as coisas são ditas ser as mesmas por acidente, nenhum termo é predicado universalmente. Pois não é verdadeiro dizer que todo homem é o mesmo que o que é músico. Isso se torna claro como segue: Apenas aqueles atributos que pertencem essencialmente ao mesmo sujeito são predicados universalmente de universais; pois um predicado é predicado essencialmente de um sujeito porque o modo de predicação, que é universal, concorda com a condição do sujeito, que é universal. No entanto, os acidentes não são predicados essencialmente de universais, mas apenas em razão de coisas singulares; e assim não são predicados universalmente de universais. Mas enquanto os acidentes são predicados de modo absoluto de coisas singulares (pois Sócrates e Sócrates músico parecem ser os mesmos em sujeito), eles não são predicados universalmente de coisas singulares; pois nada pode ser predicado universalmente de algo que não é universal. Mas Sócrates não é universal, porque não está presente em muitos. Portanto, nada pode ser predicado de Sócrates de modo que digamos "todo Sócrates" como dizemos "todo homem". As coisas das quais falamos, então, são ditas ser uma desse modo, ou seja, por acidente, como foi dito.

911. **E outras** (446).

Em seguida, ele apresenta as maneiras pelas quais as coisas são ditas ser as mesmas essencialmente (*idem per se*). Ele diz que as coisas são ditas ser as mesmas essencialmente no mesmo número de maneiras em que são ditas ser essencialmente uma. Ora, todas as maneiras pelas quais as coisas são ditas ser essencialmente uma são reduzidas a duas. (1) Assim, em um sentido, as coisas são ditas ser essencialmente uma porque sua matéria é uma, quer consideremos a matéria como sendo a mesma em espécie ou em número. A segunda e a terceira maneiras pelas quais as coisas são uma são reduzidas a isso. (2) E, em outro sentido, as coisas são ditas ser uma porque sua substância é uma, seja por razão de continuidade, que pertence ao primeiro modo pelo qual as coisas são uma, seja por razão da unidade e indivisibilidade de sua estrutura inteligível, que pertence ao quarto e quinto modos. Portanto, algumas coisas são ditas ser as mesmas também desses modos.

912. A partir disso, conclui-se ainda que a mesmidade (*identitas*) é uma unidade ou união. Pois aquilo que se diz ser o mesmo ou é múltiplo no ser, mas é dito ser o mesmo na medida em que

concorda em algum aspecto, ou é uno no ser, mas o intelecto usa isso como múltiplo para compreender uma relação; pois uma relação só pode ser compreendida entre dois extremos. É isso que acontece, por exemplo, quando dizemos que algo é o mesmo que si mesmo; pois o intelecto então usa algo que é uno na realidade como se fossem dois, caso contrário não poderia designar a relação de uma coisa consigo mesma. Portanto, fica claro que, se uma relação sempre exige dois extremos, e em relações desse tipo não há dois extremos na realidade, mas apenas na mente, então a relação de mesmidade segundo a qual algo é dito ser absolutamente o mesmo não será uma relação real, mas apenas uma relação conceitual. Isso não ocorre, no entanto, quando duas coisas quaisquer são ditas ser as mesmas em gênero ou em espécie. Pois, se a relação de mesmidade fosse algo além do que designamos pelo termo *mesmo*, então, visto que essa realidade, que é uma relação, é a mesma que si mesma, teria que ter, por uma razão semelhante, algo que também é o mesmo que si mesmo; e assim ao infinito. Ora, embora seja impossível proceder ao infinito no caso dos seres reais, nada impede que isso ocorra no caso das coisas que têm ser na mente. Pois, como a mente pode refletir sobre seu próprio ato, ela pode compreender que compreende; e também pode compreender este ato por sua vez, e assim ao infinito.

LIÇÃO 12 - Vários Sentidos de Diverso, Diferente, Semelhante, Contrário e Diverso em Espécie

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 9 e 10: 1018a 9-1018b 8

“ 447. Dizem-se outras ou diversas (diversa) aquelas coisas das quais ou as formas ou a matéria ou a estrutura inteligível da essência é múltipla; e, em geral, o termo outro tem sentidos opostos aos de mesmo.

448. Dizem-se diferentes (differentia) aquelas coisas que, sendo diversas, são as mesmas em algum aspecto, e não apenas em número, mas em espécie, ou em gênero, ou proporcionalmente. E assim também aquelas coisas cujo gênero não é o mesmo, e os contrários, e todas aquelas coisas que têm diversidade ou alteridade em sua essência.

449. Dizem-se semelhantes (similia) aquelas coisas que sofrem as mesmas modificações; ou que sofrem mais das mesmas do que de diferentes modificações; ou cuja qualidade é una.

450. E tudo o que tem um número maior ou a maior parte daqueles contrários em relação aos quais a alteração é possível é dito ser semelhante a algo. E dizem-se dissemelhantes (dissimilia) de maneiras opostas àquelas pelas quais são semelhantes.

Capítulo 10

451. Por opostos (opposita) entendemos os contrários, os contraditórios, os relativos, e a privação e a posse.

452. E opostos também significam as partes últimas das quais as coisas são compostas e nas quais se dissolvem, como nos processos de geração e

corrupção. E aquelas coisas que não podem estar presentes ao mesmo tempo em um sujeito que as recebe são chamadas opostas: ou elas mesmas ou as coisas das quais são compostas. Por exemplo, cinza e branco não estão presentes ao mesmo tempo no mesmo sujeito e, portanto, as coisas das quais são compostos são opostas.

453. Por contrários (contraria) entendemos aqueles atributos que, diferindo em gênero, não podem estar presentes ao mesmo tempo no mesmo sujeito; e também aqueles que diferem ao máximo no mesmo gênero; e aqueles que diferem ao máximo no mesmo sujeito; e aqueles que diferem ao máximo entre os que estão sob a mesma potência; e as coisas que diferem ao máximo, seja absolutamente, seja em gênero, seja em espécie.

454. Outras coisas são chamadas contrárias ou porque têm atributos contrários ou porque são receptivas deles; e outras porque são capazes de causá-los ou sofrê-los, ou porque estão atualmente causando-os ou sofrendo-os, ou porque são rejeições ou aquisições ou posses ou privações de tais atributos.

455. Mas, uma vez que o termo ser e o termo uno são usados de muitas maneiras, todos os outros termos que são usados em relação a eles devem seguir-se a eles; de modo que os termos mesmo, diverso e contrário variam de acordo com cada categoria.

456. Dizem-se diversos (ou outros) em espécie aqueles seres que pertencem ao mesmo gênero, mas não são subalternos. E assim também aqueles que pertencem ao mesmo gênero e têm uma diferença; e também aqueles que têm contrariedade em sua substância. Pois os contrários diferem entre si em espécie, ou todos eles, ou aqueles que são chamados tais em sentido primário; e assim também aquelas coisas cujas estruturas inteligíveis diferem na espécie ínfima do gênero (por exemplo, homem e cavalo não diferem em gênero, mas suas estruturas inteligíveis são diferentes); e aqueles atributos que pertencem à mesma substância e têm uma diferença. As coisas que são as mesmas em espécie são ditas tais de maneiras opostas às que acabamos de apresentar.

COMENTÁRIO

Diverso

913. Aqui ele explica as várias maneiras pelas quais o termo diverso (ou outro) é usado, e apresenta três sentidos. (1) Assim, algumas coisas são ditas diversas em espécie porque suas espécies são múltiplas, como um asno e um boi; (2) outras são ditas diversas em número porque suas matérias diferem, como dois indivíduos de uma mesma espécie; (3) e outras são ditas diversas porque “a estrutura inteligível da essência”, isto é, a definição que designa sua substância, é diferente. Pois algumas coisas podem ser as mesmas em número, ou seja, do ponto de vista da matéria, mas diversas em sua estrutura inteligível, como Sócrates e este homem

branco.

914. E uma vez que muitos modos de diversidade podem ser considerados (por exemplo, diversidade em gênero, e a diversidade resultante da divisão do contínuo), ele acrescenta que o termo diverso significa o exato oposto de mesmo; pois para cada maneira pela qual as coisas são as mesmas, há uma maneira oposta correspondente pela qual elas são diversas. Logo, as coisas são ditas diversas no mesmo número de sentidos em que são ditas as mesmas.

915. No entanto, as outras maneiras pelas quais as coisas são ditas unas, isto é, as mesmas, podem ser reduzidas às aqui declaradas. Pois a diversidade de gênero está incluída na diversidade de espécie, e a diversidade de quantidade está incluída na diversidade de matéria, porque as partes de uma quantidade têm o caráter de matéria em relação ao todo.

Diferente

916. **São ditas “diferentes”** (448).

Em seguida, ele apresenta os vários sentidos em que o termo diferente é usado, e há dois deles. Primeiro, duas coisas quaisquer são ditas propriamente diferentes quando, sendo diversas, são “as mesmas em algum aspecto”, isto é, têm algo em comum. E isso ocorre (1) seja porque têm algo numericamente em comum, como Sócrates sentado e Sócrates não sentado; ou (2) seja porque têm algo especificamente em comum, como Sócrates e Platão têm o homem em comum; ou (3) seja porque têm um gênero comum, como o homem e o asno compartilham o gênero animal; ou (4) seja porque compartilham algo proporcionalmente, como quantidade e qualidade compartilham o ser. E a partir disso fica evidente que tudo que é diferente é diverso, mas não o contrário. Pois coisas diversas que não concordam em nenhum aspecto não podem ser propriamente chamadas de diferentes, porque não diferem em algum outro aspecto, mas apenas em si mesmas; mas aquilo que é dito diferente difere em algum aspecto particular.

O termo diferente é usado de uma segunda maneira quando é tomado comumente no lugar do termo diverso; e então também são ditas diferentes aquelas coisas que pertencem a gêneros diversos e não têm nada em comum.

917. Em seguida, ele indica o tipo de coisas que admitem diferença no primeiro sentido, que é o próprio. Ora, aquelas coisas que são ditas propriamente diferir devem concordar em algum aspecto. Aquelas que concordam em espécie diferem apenas por diferenças acidentais; por exemplo, Sócrates na medida em que é branco ou justo difere de Platão na medida em que é negro ou músico. E aquelas que concordam em gênero e são diversas em espécie diferem por diferenças substanciais. E sendo assim, então são ditas diferir mais propriamente aquelas coisas que são as mesmas em gênero e diversas em espécie. Pois (+) todo gênero é dividido em diferenças contrárias, mas (-) nem todo gênero é dividido em espécies contrárias. Assim, as espécies de cor, branco e preto, são contrárias, e também suas diferenças, expansão e contração. E as diferenças de animal, racional e irracional, são contrárias; mas as espécies de animal, como homem, cavalo e semelhantes, não o são.

Portanto, coisas que são ditas diferir mais propriamente são ou aquelas que são espécies contrárias, como branco e preto, ou aquelas espécies de um mesmo gênero que não são contrárias, mas têm contrariedade em sua essência devido à contrariedade das diferenças que pertencem à essência da espécie.

Similar

918. **São ditas “semelhantes”** (449).

Aqui ele aponta as várias maneiras pelas quais o termo semelhante é usado, e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, indica as várias maneiras pelas quais este termo é usado; e segundo (922), apresenta os sentidos em que o termo dissimilar é usado (“Pelos opostos”).

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta as maneiras pelas quais o termo semelhante é usado; e segundo (920), explica como uma coisa é dita mais semelhante a outra (“E tudo aquilo”).

Ele apresenta três maneiras pelas quais as coisas são semelhantes. Ora, é evidente que a unidade na qualidade causa semelhança. Além disso, o sofrimento ou afecção (*passio*) está associado à qualidade, porque o sofrimento é mais perceptível no caso de mudança qualitativa ou alteração; e assim uma espécie de qualidade é chamada de afecção ou qualidade possível. Portanto, observa-se que as coisas são semelhantes não apenas na medida em que possuem uma qualidade comum, mas também na medida em que sofrem ou padecem algo em comum. E isso pode ser considerado sob dois pontos de vista: ou do ponto de vista da afecção ou sofrimento, ou do ponto de vista do sujeito no qual a afecção termina.

919. Algumas coisas são semelhantes, então, por três razões. (1) Primeiro, sofrem ou padecem a mesma coisa; por exemplo, dois pedaços de madeira que são consumidos pelo fogo podem ser ditos semelhantes. (2) Segundo, várias coisas são semelhantes simplesmente porque são afetadas ou sofrem algo, seja isso igual ou diferente; por exemplo, dois homens, um dos quais é espancado e o outro preso, são ditos semelhantes na medida em que ambos sofrem algo ou padecem. (3) Terceiro, aquelas coisas são ditas semelhantes que possuem uma qualidade; por exemplo, duas coisas brancas são semelhantes na brancura, e duas estrelas no céu são semelhantes no brilho ou no poder.

920. **E tudo que** (450).

[*mais ou menos*] Em seguida, ele mostra como uma coisa é dita mais semelhante a alguma outra. Pois quando há vários contrários do tipo que se observa serem alteráveis, tudo que se assemelha a alguma outra coisa por possuir o mais importante desses contrários é dito ser mais propriamente semelhante a essa coisa. Por exemplo, o alho, que é quente e seco, é dito ser mais propriamente semelhante ao fogo do que o açúcar, que é quente e úmido. O mesmo vale para quaisquer duas coisas que sejam semelhantes a uma terceira em termos de apenas uma qualidade; pois tudo que se assemelha a alguma outra coisa em termos de alguma qualidade que lhe é mais própria é dito ser mais propriamente semelhante a essa coisa. Por exemplo, o ar é mais propriamente semelhante ao fogo do que a terra; pois o ar é semelhante ao fogo em referência ao calor, que é

uma qualidade própria do próprio fogo em maior grau do que a segura, em referência à qual a terra é semelhante ao ar.

Oposto

922. **Por "opostos"** (451).

Aqui ele distingue entre as partes secundárias da pluralidade, ou seja, aquelas contidas sob diferença e diversidade, que são suas partes primárias; e a respeito disso ele faz três coisas. Primeiro, ele dá as várias maneiras pelas quais o termo oposto é usado; segundo (925), aquelas pelas quais o termo contrário é usado ("Por contrários"); e terceiro (931), aquelas pelas quais as coisas são ditas diversas ou outras em espécie ("Aquelas coisas são ditas ser").

A respeito do primeiro ele faz duas coisas. Primeiro (451), ele dá as várias maneiras pelas quais falamos de opostos; e há quatro delas: contraditórios, contrários, privação e posse, e relativos. (1) Pois uma coisa é contraposta ou oposta a outra ou por razão de dependência, ou seja, na medida em que uma depende da outra, e então elas são opostas como *relativos*, ou (2) por razão de remoção, ou seja, porque uma remove a outra. Isso ocorre de três maneiras: (a) ou uma coisa remove a outra inteiramente e não deixa nada, e então há *negação*; ou (b) apenas o sujeito permanece, e então há *privação*; ou o sujeito e o gênero permanecem, e então há *contrariedade*. Pois há contrários não apenas no mesmo sujeito, mas também no mesmo gênero.

923. **E opostos** (452).

Segundo, ele dá duas maneiras pelas quais as coisas podem ser reconhecidas como opostas. (1) A primeira delas diz respeito ao movimento, pois em qualquer movimento ou mudança o termo de onde é o oposto do termo para onde. Portanto, aquelas coisas das quais o movimento começa e aquelas nas quais ele termina são opostas. Isso é evidente nos processos de geração; pois o branco é gerado a partir do não-branco, e o fogo é gerado a partir do que não é fogo.

924. (2) A segunda diz respeito ao sujeito. Pois aqueles atributos que não podem pertencer ao mesmo tempo ao mesmo sujeito devem ser opostos um ao outro, ou eles mesmos ou as coisas nas quais estão presentes. Pois o mesmo corpo não pode ser ao mesmo tempo branco e preto, que são contrários; nem os termos homem e asno podem ser predicados da mesma coisa, porque suas estruturas inteligíveis contêm diferenças opostas, ou seja, racional e irracional. O mesmo vale para cinza e branco, porque o cinza é composto de preto, que é o oposto do branco. E devemos notar que ele diz expressamente "no mesmo sujeito"; pois certas coisas não podem existir ao mesmo tempo no mesmo sujeito, não porque são opostas entre si, mas porque o sujeito não é receptivo de uma ou da outra; por exemplo, a brancura e a música não podem existir ao mesmo tempo em um asno, mas podem existir ao mesmo tempo em um homem.

Contrário

925. **Por "contrários"** (453).

Em seguida, ele expõe as várias maneiras pelas quais o termo contrário é usado, e a respeito disso ele faz três coisas.

Primeiro, ele dá as principais maneiras pelas quais as coisas são ditas contrárias. Entre estas, ele inclui, primeiro, um uso impróprio do termo, ou seja, aquele pelo qual alguns atributos são chamados de contrários que, embora diferindo em gênero, não podem pertencer ao mesmo tempo ao mesmo sujeito; pois propriamente falando, contrários são atributos que pertencem a um gênero. Um exemplo disso seria encontrado se disséssemos que a pesadez e o movimento circular não podem pertencer ao mesmo sujeito.

926. Em seguida, ele apresenta um segundo uso do termo, que é próprio, segundo o qual os contrários são ditos como coisas que concordam em algum aspecto; pois os contrários concordam em três aspectos: em relação ao mesmo gênero, ou ao mesmo sujeito, ou à mesma potência. Então, ele utiliza esses três aspectos para expor as coisas que são realmente contrárias. Ele diz (1) que aqueles atributos que diferem ao máximo no mesmo gênero são chamados de *contrários*, como o branco e o preto no gênero da cor; (2) e aqueles que diferem ao máximo no mesmo sujeito, como a saúde e a doença em um animal; (3) e aqueles que diferem ao máximo em relação à mesma potência, como o que é correto e o que é incorreto em relação à gramática; pois as potências racionais se estendem aos opostos. Ele diz "ao máximo" para diferenciar os contrários dos atributos intermediários que estão entre eles, os quais também concordam no mesmo gênero, sujeito e potência, mas não diferem no grau máximo.

927. [*Por exemplo*] Por isso, ele acrescenta a noção universal envolvida nas coisas que são designadas como contrárias, ou seja, que os contrários são coisas que diferem ao máximo, seja de modo absoluto, seja no mesmo gênero, seja na mesma espécie. Diferem "de modo absoluto", por exemplo, no caso do movimento local, onde os extremos estão mais amplamente separados, como os pontos mais oriental e ocidental de todo o universo, que são os limites de seu diâmetro. E diferem "no mesmo gênero", como as diferenças específicas que dividem um gênero; e "na mesma espécie", como as diferenças contrárias de tipo accidental pelas quais os indivíduos da mesma espécie diferem entre si.

928. [*Por exemplo*] Aqui, ele mostra em que aspecto algumas coisas são ditas contrárias de modo secundário, porque estão relacionadas àquelas coisas que são contrárias de modo primário. Pois algumas coisas são contrárias ou porque possuem atualmente contrários, como o fogo e a água são chamados de contrários porque um é quente e o outro frio; ou porque são receptáculos potenciais de contrários, como o que é receptivo à saúde e à doença; ou porque são causalmente potenciais de contrários ou os sofrem, como o que é capaz de aquecer e de esfriar, e o que pode ser aquecido e esfriado; ou porque são atualmente causadores de contrários ou os sofrem, como o que está aquecendo e esfriando ou sendo aquecido e esfriado; ou porque são expulsões, rejeições ou aquisições de contrários, ou mesmo posses ou privações deles. Pois a privação do branco é o oposto da privação do preto, assim como a posse do primeiro é o oposto da do segundo.

929. É evidente, então, que ele aborda uma tríplice relação dos contrários com as coisas: (1) uma é com um sujeito que está em ato ou em potência; (2) outra é com algo que é ativo ou passivo em ato ou em potência; e (3) uma terceira é com os processos de geração e corrupção, seja com os próprios processos, seja com seus termos, que são posse e privação.

930. **Mas, uma vez que o termo** (455).

Ele apresenta um terceiro modo como o termo contrário é usado, e também mostra por que os termos anteriores são usados de muitas maneiras. Pois, como os termos uno e ser têm vários significados, os termos que se baseiam neles também devem ter vários significados; por exemplo, mesmo e diverso, que fluem de uno e muitos; e contrário, que está contido sob diverso. Portanto, diverso deve ser dividido de acordo com as dez categorias, assim como ser e uno o são.

Diverso em espécie

931. **Aquelas coisas** (456).

Ele agora explica as várias maneiras pelas quais as coisas são ditas diversas (ou outras) em espécie, e apresenta cinco delas.

Primeiro, pertencem ao mesmo gênero e não são subalternas; por exemplo, ciência e brancura ambas caem sob qualidade, mas não se distinguem uma da outra por diferenças opostas.

932. Segundo, pertencem ao mesmo gênero e são distinguidas uma da outra por alguma diferença, quer tais diferenças sejam contrárias ou não, como bípede e quadrúpede.

933. Terceiro, seus sujeitos contêm contrariedade; isto é, aquelas coisas que são distinguidas por diferenças contrárias, quer os sujeitos sejam eles mesmos contrários (como branco e preto, que são distinguidos pelas diferenças "expansor" e "contraente") quer não (como homem e asno, que são distinguidos pelas diferenças "racional" e "irracional"). Pois os contrários devem diferir em espécie, ou todos eles, ou aqueles que são chamados de contrários no sentido primário.

934. Quarto, as espécies ínfimas são diversas e são as últimas em algum gênero, como homem e cavalo. Pois aquelas coisas que diferem apenas em espécie são mais propriamente ditas diferir em espécie do que aquelas que diferem tanto em espécie quanto em gênero.

935. Quinto, são acidentes no mesmo sujeito, mas diferem um do outro; pois muitos acidentes de um mesmo tipo não podem existir no mesmo sujeito. E as coisas são ditas as mesmas em espécie de maneiras opostas às dadas acima.

LIÇÃO 13 - As Maneiras Pelas Quais as Coisas São Anteriores e Posteriores

TEXTO DE ARISTÓTELES – Capítulo 11: 1018b 9-1019a 14

“ 457. Diz-se que as coisas são anteriores e posteriores na medida em que há algo primário ou princípio em cada classe; pois anterior significa o que está mais próximo de algum princípio determinado, seja de modo absoluto e por natureza, seja relativamente, ou em referência ao lugar, ou de certas outras maneiras.

458. Por exemplo, uma coisa é anterior em lugar porque está mais próxima de algum lugar determinado naturalmente, como o meio ou o extremo, ou de um que depende do acaso. E o que está mais distante é posterior.

459. Outras coisas são anteriores no tempo. Pois algumas são anteriores porque estão mais distantes do presente, como no caso das coisas que já aconteceram. Assim, a guerra de Troia é anterior à dos Medos porque está mais distante do presente. E outras são anteriores no tempo porque estão mais próximas do presente, como no caso de eventos futuros; pois os Jogos Nemeus são anteriores aos Píticos porque estão mais próximos do presente, desde que se tome o presente como princípio ou ponto primário.

460. Outras coisas são anteriores no movimento; pois o que está mais próximo de um primeiro motor é anterior; por exemplo, o menino é anterior ao homem. E isso também é uma espécie de princípio em sentido absoluto. Outras coisas são anteriores em potência; pois tudo que supera outro em potência, ou é mais poderoso, é anterior. E tal é aquilo conforme cuja vontade outra coisa, isto é, uma coisa posterior, necessariamente se segue, porque se um não se move, o outro não é movido, e se um se move, o outro é movido; e a vontade é um princípio.

461. Outras coisas são anteriores na disposição, e estas são as coisas que têm um lugar diferente em relação a alguma coisa determinada segundo algum plano; por exemplo, aquele que está em segundo lugar é anterior ao que está

em terceiro; e entre as cordas da lira, a paranete é anterior à nete. Pois num caso, é o líder que é tomado como princípio ou ponto de partida; e no outro, é a corda do meio. Essas coisas, então, são ditas anteriores dessa maneira.

462. De outro modo, o que é anterior no conhecimento é considerado anterior em sentido absoluto. E de tais coisas, algumas são anteriores de maneira diferente, pois umas são anteriores em referência à razão, e outras em referência aos sentidos. Pois os universais são anteriores em referência à razão, mas os singulares em referência aos sentidos.

463. E na estrutura inteligível, o atributo é anterior ao todo, como "músico" é anterior a "homem músico". Pois a estrutura inteligível não é completa sem uma de suas partes, e "homem músico" não pode existir a menos que haja alguém que seja músico.

464. Além disso, os atributos das coisas anteriores são ditos anteriores, como a retidão é anterior à lisura; pois a primeira é uma propriedade da linha considerada em si mesma, e a segunda é uma propriedade da superfície. Algumas coisas, então, são ditas anteriores e posteriores dessa maneira.

465. Mas outras são ditas anteriores por natureza e por substância, a saber, todas aquelas que podem existir sem outras, embora outras não possam existir sem elas; e esta é a divisão que Platão utilizou. E como o termo ente é usado de muitas maneiras, o sujeito primeiro é anterior, e portanto a substância é anterior. E as coisas que existem em potência e as que existem em ato são anteriores de várias maneiras. Pois algumas coisas são anteriores por serem em potência, e outras por serem em ato; por exemplo, potencialmente a metade de uma linha é anterior à linha inteira, e uma parte é anterior ao todo, e a matéria é anterior à substância. Mas em referência à atualidade, elas são posteriores; pois quando o todo é dissolvido em tais partes, elas existirão em ato.

466. Em certo sentido, então, todas as coisas que são anteriores e posteriores são ditas tais dessa última maneira. Pois algumas coisas podem existir sem outras no que se refere ao processo de geração (como o todo sem as partes), e outras novamente sem outras no que se refere ao processo de corrupção (como as partes sem o todo). O mesmo se aplica em outros casos.

COMENTÁRIO

Anterior e posterior

936. Tendo apresentado os vários sentidos dos termos que significam as partes da unidade, aqui Aristóteles dá aqueles que significam ordem, a saber, anterior e posterior. Pois a unidade implica certa ordem, porque a essência da unidade consiste em ser um princípio, como foi dito acima (872). Com relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, indica o significado comum dos

termos anterior e posterior; e segundo (936), apresenta os vários sentidos em que esses termos são comumente tomados ("Por exemplo, uma coisa").

Ele diz, portanto, primeiro, que o significado do termo anterior depende do significado do termo *princípio* (ou ponto de partida); pois o princípio em cada classe de coisas é o que é primeiro nessa classe, e o termo anterior significa o que está mais próximo de algum princípio determinado. Ora, a relação entre um princípio desse tipo e algo próximo a ele pode ser considerada de vários pontos de vista. Pois algo é um princípio ou coisa primária seja de modo absoluto e por natureza (como um pai é princípio de um filho), seja "relativamente", isto é, em relação a algo extrínseco (por exemplo, algo que é posterior por natureza é dito anterior em relação a outra coisa). As coisas que são anteriores neste último sentido são tais seja em referência ao conhecimento, seja à perfeição, seja à dignidade, ou de alguma maneira semelhante. Ou uma coisa também é dita princípio e anterior em referência ao lugar; ou mesmo de certas outras maneiras.

937. Em seguida, apresenta os vários modos pelos quais as coisas são ditas *anteriores* e *posteriores*. E como os termos *anterior* e *posterior* são usados em referência a algum princípio, e princípio é o que é primeiro ou no ser, ou no vir a ser, ou no conhecimento (como foi dito acima, 1404:C 761), esta parte se divide, portanto, em três seções.

Na primeira, explica como uma coisa é dita anterior segundo o movimento e segundo a quantidade, porque a ordem encontrada no movimento decorre daquela encontrada na quantidade. Pois o anterior e o posterior no movimento dependem do anterior e do posterior na quantidade contínua, como se afirma no Livro IV da *Física*. Segundo (946), mostra como uma coisa é dita anterior a outra no conhecimento ("De outro modo"). Terceiro (950), explica como uma coisa é dita anterior a outra no ser, isto é, na natureza ("Mas outros").

Quanto ao primeiro, faz duas coisas. Primeiro, mostra como uma coisa é dita anterior e outra posterior na quantidade no caso das coisas contínuas; e segundo (944), como uma coisa é anterior e outra posterior no caso das coisas discretas ("Outras coisas são anteriores pela disposição").

938. Tratando do primeiro membro desta divisão, apresenta três modos pelos quais as coisas são anteriores.

(1) O primeiro diz respeito ao lugar; por exemplo, uma coisa é dita anterior quanto ao lugar na medida em que está mais próxima de algum lugar determinado, quer esse lugar seja o ponto médio em alguma quantidade contínua, quer seja um extremo. Pois o centro do mundo, para o qual os corpos pesados gravitam, pode ser tomado como princípio (ou ponto de partida) da ordem que envolve o lugar, e então dispomos os elementos na seguinte ordem, dizendo que a terra é a primeira, a água a segunda, e assim por diante. Ou a esfera mais externa pode ser tomada como princípio, e então dizemos que o fogo é o primeiro, o ar o segundo, e assim por diante.

939. Ora, a proximidade em relação a um princípio de lugar, seja qual for, pode ser tomada de dois modos: (a) de um modo, em referência a uma ordem naturalmente determinada, como a água é naturalmente mais próxima do meio do universo do que o ar, e o ar mais próximo do extremo, isto é, da esfera mais externa; (b) e de outro modo, em referência a uma ordem que depende "do acaso", isto é, na medida em que algumas coisas têm uma certa ordem puramente como resultado

do acaso, ou de alguma outra causa que não a natureza. Por exemplo, no caso das pedras que se sobrepõem umas às outras num monte, a mais alta é anterior segundo uma ordem, e a mais baixa segundo outra. E assim como o que está mais próximo de um princípio é anterior, de modo semelhante o que está mais afastado de um princípio é posterior.

940. Outras coisas são anteriores no tempo (459).

(2) As coisas são entendidas como anteriores e posteriores de um segundo modo com referência à ordem no tempo. E ele agora descreve essa ordem, dizendo que outras coisas são ditas anteriores no tempo, e isso de vários modos. Pois algumas coisas são anteriores porque estão mais afastadas do presente, como ocorre "no caso das coisas que se realizaram", isto é, dos eventos passados. Pois as guerras de Troia são ditas anteriores às dos Medos e dos Persas (nas quais Xerxes, rei dos persas e medos, lutou contra os gregos), porque estão mais afastadas do presente. E algumas coisas são ditas anteriores porque estão mais próximas do presente; por exemplo, diz-se que Menelau é anterior a Pirro porque está mais próximo de algum momento presente em referência ao qual cada um era futuro. Mas esse texto parece ser falso, pois ambos viveram antes da época de Aristóteles, quando essas palavras foram escritas. E se diz em grego que os jogos Nemeus são anteriores aos Píticos, sendo esses dois feriados ou festas, um dos quais estava mais próximo do momento em que essas palavras foram escritas, embora ambos fossem futuros.

941. Ora, é claro que, nesse caso, usamos o presente como princípio ou ponto de partida no tempo, porque dizemos que algo é anterior ou posterior com base em estar mais próximo ou mais afastado do presente. E aqueles que sustentam que o tempo é eterno devem dizer isso; pois, quando isso é suposto, o único princípio ou ponto de partida do tempo que pode ser tomado é aquele que se relaciona com algum momento presente, que é o ponto médio entre o passado e o futuro, na medida em que o tempo poderia proceder ao infinito em ambas as direções.

942. Outras coisas são anteriores no movimento (460).

(3) O termo *anterior* é usado de um terceiro modo com referência à ordem no movimento; e (a) primeiro mostra como isso se aplica às coisas naturais. Diz que algumas coisas são ditas anteriores na ordem encontrada no movimento; pois o que está mais próximo de uma causa primeira do movimento é anterior. Um menino, por exemplo, é anterior a um homem porque está mais próximo de seu movente primário, isto é, daquele que o gera. E este também é dito anterior por causa de sua proximidade em relação a algum princípio. Pois aquele — o que move e gera — é, em certo sentido, um princípio, embora não de qualquer modo (como ocorreu no caso do lugar), mas de modo absoluto e por natureza. (b) Segundo, ele também menciona essa ordem do movimento no âmbito do voluntário, dizendo que algumas coisas são ditas anteriores no poder, como os homens que são colocados em posições de autoridade. Pois aquele que supera outro em poder, ou é mais poderoso, é dito anterior. Esta é a ordem da dignidade.

943. Ora, é evidente que essa ordem também envolve movimento; pois aquele que é mais poderoso, ou supera outro em poder, é alguém "segundo cuja vontade", isto é, intenção, algo necessariamente se segue, porque é por meio dele que alguma coisa subsequente é posta em movimento. Por isso, quando o mais poderoso ou o anterior não move, nada de subsequente se move; mas quando aquele move, o posterior também é movido. Esta é a posição de um príncipe no

Estado; pois é por sua autoridade que outros são movidos a executar as coisas que ele ordena, e, se ele não as ordena, eles não se movem. E é claro que o termo *anterior* é usado aqui também por causa da proximidade de uma coisa em relação a algum princípio. Pois "a vontade", isto é, a intenção, do governante é tomada aqui como princípio, e aqueles que estão mais próximos do governante, e por isso anteriores, são aqueles por meio dos quais suas ordens são dadas a conhecer a seus súditos.

944. Outras coisas são anteriores pela disposição (461).

Agora ele explica como uma coisa é anterior na ordem encontrada entre as coisas discretas. Diz que algumas coisas são ditas anteriores na ordem apenas porque têm algum tipo de disposição, e não por causa da continuidade, como ocorreu nos casos anteriores. E coisas desse tipo têm um lugar diferente em relação a alguma coisa determinada, sob um dado ponto de vista, como o que ocupa o segundo lugar e o que ocupa o terceiro — o que ocupa o segundo lugar sendo anterior ao que ocupa o terceiro. Por aquele que ocupa o segundo lugar entende-se o que está próximo de alguém, como um rei; e por aquele que ocupa o terceiro lugar entende-se o que está em terceiro lugar a partir do rei. Por isso outro texto diz: "O chefe é anterior àquele que ocupa o terceiro lugar." É evidente, então, que as coisas são entendidas como tendo lugares diferentes na medida em que uma é segunda e outra terceira. E de modo semelhante a *paranete* é anterior à *nete*; pois entre as cordas da lira, a corda grave é chamada *hipate*; a aguda, *nete*; e a média, *mese*. E a *paranete* refere-se àquela que está próxima da *nete* e mais perto da *mese*.

945. É também evidente que algo é dito anterior aqui por causa de sua proximidade em relação a algum princípio, embora isso ocorra de modo diferente em ambos os exemplos dados acima. Pois no primeiro caso — o do que ocupa o segundo lugar e o do que ocupa o terceiro — a coisa tomada como princípio é um ponto de partida e um extremo reais, a saber, o que é o mais alto entre eles, ou o chefe dos outros, como um rei ou alguma outra pessoa desse tipo. Mas, no caso das cordas da lira, é a média, isto é, a corda média, chamada *mese*, que é tomada como princípio; e como aquelas que estão mais próximas dela são chamadas *paranetes*, diz-se portanto que as *paranetes* são anteriores à *nete*. Essas coisas são ditas anteriores desse modo, então, isto é, pela ordem na quantidade, quer contínua, quer discreta.

946. De outro modo (462).

Aqui ele mostra como uma coisa é dita anterior a outra no conhecimento. Ora, o que é anterior no conhecimento é também anterior em sentido absoluto, e não em sentido qualificado, como era o caso do lugar; pois uma coisa é conhecida por meio de seus princípios. Mas, como o conhecimento é duplo — intelectual ou racional, e sensorial —, dizemos que as coisas são anteriores de um modo em referência à razão, e de outro em referência aos sentidos.

947. Ele apresenta três modos pelos quais algo é anterior em referência à razão ou ao conhecimento intelectual:

(1) Primeiro, há o modo pelo qual os universais são anteriores aos singulares, embora o oposto ocorra no caso do conhecimento sensorial, porque nele os singulares são anteriores. Pois a razão tem a ver com os universais e os sentidos com os singulares; e assim os sentidos conhecem os

universais apenas acidentalmente, na medida em que conhecem o singular do qual os universais são predicados. Pois o sentido conhece o homem na medida em que conhece Sócrates, que é homem; e, do modo oposto, o intelecto conhece Sócrates na medida em que conhece o homem. Mas o que é essencial é sempre anterior ao que é acidental.

948. E na estrutura inteligível (463).

(2) Aqui ele apresenta o segundo modo pelo qual uma coisa é anterior em referência à razão. Diz que na estrutura inteligível "o atributo é anterior ao todo", isto é, ao composto de sujeito e atributo; assim, o "homem musical" não pode ser conhecido sem apreender o significado da parte "musical". E do mesmo modo todas as outras coisas simples são anteriores em inteligibilidade ao composto, embora o oposto seja verdadeiro do ponto de vista dos sentidos; pois são as coisas compostas que se oferecem primeiro aos sentidos.

949. Além disso, os atributos (464).

(3) Em seguida, apresenta o terceiro modo. Diz que os atributos das coisas anteriores também são ditos anteriores do ponto de vista da razão, como a retidão é dita anterior à lisura. Pois a retidão é uma propriedade essencial da linha, e a lisura, uma propriedade da superfície, e a linha é naturalmente anterior à superfície. Mas, do ponto de vista dos sentidos, a superfície é anterior à linha, e os atributos das coisas compostas são anteriores aos das simples. Essas coisas, então, são ditas anteriores desse modo, a saber, segundo a ordem no conhecer.

950. Mas outros (465).

Em seguida, apresenta os modos pelos quais uma coisa é dita anterior segundo a ordem no ser, e a esse respeito faz duas coisas. Primeiro, apresenta três modos pelos quais uma coisa é dita anterior no ser; e segundo (953), reduz-os a um ("Em certo sentido, então").

Diz, primeiro, que algumas coisas são ditas anteriores no ser, isto é, "na natureza e na substância", ou segundo a ordem natural no ser. E isso ocorre por três razões:

(1) Primeiro, a prioridade é atribuída por causa da comunidade ou dependência; e segundo isso, são ditas anteriores aquelas coisas que podem existir sem as outras, embora as outras não possam existir sem elas. E uma coisa é anterior a outra quando a sequência de seu ser não pode ser invertida, como se afirma nas *Categorias*. "Esta é a divisão", isto é, o modo de divisão do anterior e do posterior, que Platão usava contra os outros; pois foi por causa da comunidade ou dependência que ele quis que os universais fossem anteriores no ser às coisas singulares, as superfícies anteriores aos corpos, as linhas às superfícies, e os números a todas as outras coisas.

951. (2) Segundo, as coisas são ditas anteriores no ser por causa da relação da substância com o acidente. Pois, como o termo *ser* é usado em muitos sentidos e não univocamente, todos os sentidos do ser devem ser reduzidos a um sentido primeiro, segundo o qual se diz que o ser é o sujeito das outras coisas e subsiste por si mesmo. Por isso, o primeiro sujeito é dito anterior; e assim a substância é anterior ao acidente.

952. Terceiro, as coisas são ditas anteriores no ser na medida em que o ser se divide em atual e potencial. Pois uma coisa é dita anterior de um modo potencialmente e de outro atualmente. Uma coisa é dita anterior potencialmente no sentido de que a metade de uma linha é anterior à linha inteira, e qualquer parte é anterior ao seu todo, e a matéria "à substância", isto é, à forma. Pois todas as primeiras coisas mencionadas nesses exemplos se relacionam com as outras, às quais são ditas anteriores, como algo potencial a algo atual. No entanto, do ponto de vista da atualidade, as primeiras coisas mencionadas são ditas posteriores, uma vez que se tornam atuais apenas pela dissolução de algum todo. Pois, quando um todo é dissolvido em suas partes, as partes então começam a existir atualmente.

953. Em certo sentido, então (466).

Aqui ele conclui que todos os modos pelos quais os termos *anterior* e *posterior* são usados podem ser reduzidos ao último dado; e especialmente ao primeiro destes, na medida em que o termo *anterior* significa algo que pode existir sem outras coisas, mas não o inverso. Pois do ponto de vista da geração, algumas coisas podem existir sem outras, e é desse modo que um todo é anterior às suas partes; pois, quando um todo foi gerado, suas partes não existem atualmente, mas apenas potencialmente. E do ponto de vista da corrupção, algumas coisas podem existir sem outras; por exemplo, as partes podem existir sem o todo, depois que o todo foi corrompido e dissolvido em suas partes. E do mesmo modo também os outros sentidos do anterior e do posterior podem ser reduzidos a esse sentido. Pois é certo que as coisas anteriores não dependem das posteriores, mas o inverso. Por isso, todas as coisas anteriores podem existir sem as posteriores, mas não o inverso.

LIÇÃO 14 - Vários Sentidos dos Termos Potência, Capaz, Incapaz, Possível e Impossível

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 12: 1019a 15-1020a 6

“ 467. Em um sentido, o termo potência ou poder (potestas) significa o princípio de movimento ou mudança em alguma outra coisa enquanto outra; por exemplo, a arte de construir é uma potência que não está presente na coisa construída; mas a arte da medicina é uma potência e está presente naquele que é curado, não enquanto ele é curado. Em geral, então, potência significa o princípio de mudança ou movimento em alguma outra coisa enquanto outra.

468. Ou significa o princípio de uma coisa ser movida ou mudada por alguma outra coisa enquanto outra. Pois, em razão daquele princípio pelo qual um paciente sofre alguma mudança, às vezes dizemos que ele tem a potência de sofrer, se for possível que ele sofra qualquer mudança. Mas às vezes não dizemos isso em razão de toda mudança que uma coisa pode sofrer, mas apenas se a mudança for para melhor.

469. E em outro sentido, potência significa a habilidade ou poder de fazer esta coisa particular bem ou de acordo com a intenção. Pois, às vezes, dizemos daqueles que podem apenas andar ou falar, mas não bem ou como planejaram, que eles não podem andar ou falar. E o mesmo se aplica às coisas que estão sofrendo mudança.

470. Além disso, todos os estados em virtude dos quais as coisas são totalmente insuscetíveis à mudança ou imutáveis, ou não são facilmente mudadas para pior, são chamados de potências ou poderes. Pois as coisas são quebradas, esmagadas, dobradas e, em geral, destruídas, não porque tenham uma potência, mas porque não a têm e são deficientes de algum modo. E as coisas não são suscetíveis a tais processos quando são dificilmente ou levemente

afetadas por eles, porque têm a potência e a habilidade de estar em algum estado definido.

471. E, uma vez que o termo *potência* é usado nesses sentidos, o termo *capaz* ou *potente* (*possibilis*) será usado no mesmo número de sentidos. Assim, em um sentido, qualquer coisa que tenha [dentro de si] a fonte do movimento ou mudança que ocorre em alguma outra coisa enquanto outra (pois mesmo algo que leva outro ao repouso é potente em certo sentido) é dita capaz. E, em outro sentido, aquilo que recebe tal potência ou poder a partir dela é dito capaz.

472. E, em ainda outro sentido, uma coisa é dita capaz se tem a potência de ser mudada de alguma maneira, seja para pior ou para melhor. Pois qualquer coisa que é corrompida parece ser capaz de ser corrompida, uma vez que não teria sido corrompida se tivesse sido incapaz disso. Mas, como as coisas estão, já possui uma certa disposição, causa e princípio para sofrer tal mudança. Daí, às vezes, uma coisa parece ser tal (isto é, capaz) porque tem algo, e às vezes porque é privada de algo.

473. Mas, se a privação é, em certo sentido, um ter, todas as coisas serão capazes ou potentes por ter algo. Mas o ser é usado em dois sentidos diferentes. Daí, uma coisa é capaz tanto por ter alguma privação e princípio, quanto por ter a privação disto, se puder ter uma privação.

474. E, em outro sentido, uma coisa é capaz porque não há potência ou poder em alguma outra coisa enquanto outra que possa corrompê-la.

475. Novamente, todas essas coisas são capazes ou porque meramente poderiam vir a ser ou não, ou porque poderiam fazê-lo bem. Pois esse tipo de potência ou poder é encontrado em coisas inanimadas, como instrumentos. Pois os homens dizem que uma lira pode produzir um som, e que outra não pode, se não tiver um bom tom.

476. Incapacidade (*impotentia*), por outro lado, é uma privação de capacidade, isto é, uma espécie de remoção de tal princípio como foi descrito, ou totalmente, ou no caso de algo que é naturalmente disposto a tê-lo, ou quando já está naturalmente disposto a tê-lo e não o tem. Pois não é da mesma maneira que um menino, um homem e um eunuco são ditos incapazes de gerar.

477. Novamente, há uma incapacidade correspondente a cada tipo de capacidade, tanto àquela que pode meramente produzir movimento, quanto àquela que pode produzi-lo bem.

478. E algumas coisas são ditas incapazes de acordo com este sentido de incapacidade, mas outras em um sentido diferente, a saber, como possível e impossível. Impossível significa aquilo de cujo contrário é necessariamente

verdadeiro; assim, é impossível que a diagonal de um quadrado seja comensurável com um lado, porque tal afirmação é falsa, cujo contrário não é apenas verdadeiro, mas também necessariamente o é, isto é, que a diagonal não é comensurável. Portanto, que a diagonal seja comensurável não é apenas falso, mas necessariamente falso.

479. E o contrário disto, ou seja, o possível, ocorre quando o contrário não é necessariamente falso. Por exemplo, é possível que um homem esteja sentado, porque não é necessariamente falso que ele não esteja sentado. Portanto, o termo possível significa, em um sentido (como foi dito), o que não é necessariamente falso; em outro sentido, o que é verdadeiro; e em ainda outro, o que pode ser verdadeiro.

480. E o que é chamado de "potência" na geometria é assim chamado metaforicamente. Esses sentidos de capaz, portanto, não se referem à potência.

481. Mas aqueles sentidos que se referem à potência são todos usados em referência ao sentido primário de potência, a saber, um princípio de mudança em alguma outra coisa enquanto outra. E outras coisas são ditas capazes [em um sentido passivo], algumas porque alguma outra coisa tem tal poder sobre elas, algumas porque não o tem, e algumas porque o tem de uma maneira especial. O mesmo se aplica ao termo incapaz. Portanto, a definição própria do tipo primário de potência será: um princípio de mudança em alguma outra coisa enquanto outra.

COMENTÁRIO

Potência/capacidade

954. Tendo tratado dos vários sentidos dos termos que significam as partes da unidade, aqui Aristóteles começa a tratar daqueles que significam as partes do ser. Ele faz isso, primeiro, segundo o ser é dividido por ato e potência; e segundo (977), segundo é dividido pelas dez categorias ("Quantidade significa").

Em relação ao primeiro, ele dá os vários sentidos em que o termo potência ou poder (*potestas*) é usado. Mas ele omite o termo ato, porque só poderia explicar seu significado adequadamente se a natureza das formas tivesse sido esclarecida primeiro, e ele fará isso nos Livros VIII (1703) e IX (1823). Portanto, no Livro IX ele resolve imediatamente a questão sobre potência e ato juntos.

Esta parte, então, é dividida em duas seções. Na primeira, ele explica os vários sentidos em que o termo potência é usado; e na segunda (975), ele reduz todos eles a um sentido primário ("Mas aqueles sentidos").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele dá os vários sentidos em que o termo potência é usado; e segundo (967), os vários sentidos em que o termo incapacidade é usado

("Incapacidade").

Ao tratar do primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele dá os sentidos em que o termo *potência* é usado; e segundo (961), aqueles em que o termo *capaz* ou *potente* é usado ("E uma vez que o termo").

955. Ao lidar com a primeira parte, então, ele dá quatro sentidos em que o termo *potência* ou *poder* é usado:

Primeiro, *potência* significa um princípio [ativo] de movimento ou mudança em alguma outra coisa enquanto outra. Pois existe algum princípio de movimento ou mudança na coisa mudada, a saber, a matéria, ou algum princípio formal do qual o movimento depende, como o movimento para cima ou para baixo é resultado das formas de leveza ou peso. Mas um princípio desse tipo não pode ser designado como o poder ativo do qual este movimento depende. Pois tudo o que é movido é movido por outro; e uma coisa move a si mesma apenas por meio de suas partes, na medida em que uma parte move outra, como se prova no Livro VIII da *Física*. Portanto, na medida em que uma *potência* é um princípio de movimento naquilo em que o movimento se encontra, ela não está incluída sob o poder ativo, mas sob a *potência* passiva. Pois o peso na terra não é um princípio que causa movimento, mas sim um princípio que faz com que ela seja movida. Portanto, o poder ativo deve estar presente em alguma outra coisa além daquela que é movida, por exemplo, o poder de construir não está na coisa sendo construída, mas sim no construtor. E enquanto a arte da medicina é um poder ativo, porque o médico cura por meio dela, ela também pode ser encontrada naquele que é curado, não na medida em que ele é curado, mas acidentalmente, i.e., na medida em que o médico e aquele que é curado coincidem ser a mesma pessoa. Portanto, de modo geral, *potência* ou *poder* significa, em um sentido, um princípio de movimento ou mudança em alguma outra coisa enquanto outra.

956. (2) Aqui ele dá um segundo sentido em que o termo *potência* é usado. Ele diz que em outro sentido o termo *potência* significa o princípio pelo qual algo é movido ou mudado por outra coisa enquanto outra. Agora, isto é a *potência* passiva, e é por meio dela que um paciente sofre alguma mudança. Pois assim como todo agente ou motor move algo diferente de si mesmo e age em algo diferente de si mesmo, também todo paciente é afetado por algo diferente de si mesmo, i.e., tudo o que é movido é movido por outro. Pois aquele princípio pelo qual uma coisa é propriamente movida ou afetada por outra é chamado de *potência* passiva.

957. Agora, há duas maneiras pelas quais podemos dizer que uma coisa tem a *potência* de ser afetada por outra. Às vezes, atribuímos tal *potência* a algo, seja o que for, porque é capaz de sofrer alguma mudança, seja ela boa ou ruim. E às vezes dizemos que uma coisa tem tal *potência*, não porque pode sofrer algo mau, mas porque pode ser mudada para melhor. Por exemplo, não dizemos que alguém que pode ser dominado tem uma *potência* [neste último sentido], mas atribuímos tal *potência* a alguém que pode ser ensinado ou ajudado. E falamos assim porque, às vezes, a capacidade de ser mudado para pior é atribuída à incapacidade, e a capacidade de não ser mudado da mesma maneira é atribuída à *potência*, como será dito abaixo (965).

958. Outra leitura diz: "E às vezes isso não é dito de toda mudança que uma coisa sofre, mas da mudança para um contrário"; e isso deve ser entendido assim: o que recebe uma perfeição de

outra coisa é dito, em sentido impróprio, sofrer uma mudança; e é neste sentido que entender é dito ser um tipo de sofrimento. Mas o que recebe, juntamente com uma mudança em si mesmo, algo diferente do que é natural para si é dito, em sentido próprio, sofrer uma mudança. Portanto, tal sofrimento também é dito ser uma remoção de algo de uma substância. Mas isso só pode ocorrer por meio de algum contrário. Portanto, quando uma coisa é afetada de uma maneira contrária à sua própria natureza ou condição, é dito, em sentido próprio, sofrer uma mudança ou ser passiva. E neste sentido, até mesmo doenças são chamadas de sofrimentos. Mas quando uma coisa recebe algo que lhe é adequado por razão de sua natureza, é dito que ela é aperfeiçoada em vez de passiva.

959. E em outro sentido (469).

(3) Ele agora dá um terceiro sentido em que o termo potência é usado. Ele diz que, em outro sentido, potência significa o princípio de realizar algum ato, não de qualquer maneira, mas bem ou de acordo com a "intenção", ou seja, de acordo com o que um homem planeja. Pois quando os homens andam ou falam, mas não bem ou como planejaram fazer, dizemos que eles não têm a capacidade de andar ou falar. E "a mesma coisa se aplica quando as coisas estão sendo agidas", pois diz-se que uma coisa é capaz de sofrer algo se pode sofrê-lo bem; por exemplo, alguns pedaços de madeira são considerados combustíveis porque podem ser queimados facilmente, e outros são considerados incombustíveis porque não podem ser queimados facilmente.

960. Além disso, todos os estados (470).

(4) Ele dá um quarto sentido em que o termo potência é usado. Ele diz que designamos como potências todos os hábitos ou formas ou disposições pelos quais algumas coisas são ditas ou feitas para ser totalmente incapazes de serem agidas ou mudadas, ou para não serem facilmente mudadas para pior. Pois quando os corpos são mudados para pior, como aqueles que são quebrados ou dobrados ou esmagados ou destruídos de qualquer maneira, isso não lhes acontece por causa de alguma habilidade ou potência, mas sim por causa de alguma incapacidade e fraqueza de algum princípio que não tem o poder de resistir à coisa que os destrói. Pois uma coisa é destruída apenas por causa da vitória que o destruidor obtém sobre ela, e isso é resultado da fraqueza de seu poder ativo próprio. Pois aquelas coisas que não podem ser afetadas por defeitos desse tipo, ou podem "difícilmente ou apenas gradualmente" ser afetadas por eles (ou seja, são afetadas lentamente ou em pequeno grau) são assim "porque têm a potência e a habilidade de estar em algum estado definido"; ou seja, têm uma certa perfeição que as impede de serem superadas pelos contrários. E, como se diz nas *Categorias*, é dessa maneira que duro ou saudável significa um poder natural que uma coisa tem de resistir à mudança por agentes destrutivos. Mas mole e doentio significam incapacidade ou falta de poder.

961. E já que o termo (471).

Aqui ele dá os sentidos do termo capaz ou potente, que correspondem aos sentidos de potência acima. E há dois sentidos de capaz que correspondem ao primeiro sentido de potência.

(1) Pois, de acordo com seu poder ativo, uma coisa é dita capaz de agir de duas maneiras: de um modo, porque age imediatamente por si mesma; e de outro modo, porque age através de algo a

que comunica seu poder, como um rei age através de um oficial.

Por isso ele diz que, já que o termo *potência* é usado nesse número de sentidos, o termo *capaz* ou *potente* também deve ser usado no mesmo número de sentidos. Assim, em um sentido, significa algo que tem um princípio ativo de mudança em si mesmo, como o que traz outro ao repouso ou à parada"; ou seja, o que faz alguma outra coisa parar é dito ser capaz de trazer algo diferente de si mesmo a um estado de repouso. E é usado em outro sentido quando uma coisa não age diretamente, mas outra coisa recebe tal poder dela que pode agir diretamente.

962. E em ainda outro (472).

(2) Em seguida, ele dá um segundo sentido em que o termo *capaz* é usado, e este corresponde ao segundo sentido do termo *potência*, ou seja, *potência* passiva. Ele diz que, de uma maneira diferente da anterior, uma coisa é dita capaz ou potente quando pode ser mudada em algum aspecto, qualquer que seja, ou seja, se pode ser mudada para melhor ou para pior. E nesse sentido, uma coisa é dita corruptível porque "é capaz de ser corrompida", o que é sofrer mudança para pior, ou não é corruptível porque é capaz de não ser corrompida, assumindo que é impossível para ela ser corrompida.

963. E o que é capaz de ser agido de alguma maneira deve ter dentro de si uma certa disposição que é a causa e o princípio de sua passividade, e esse princípio é chamado de *potência* passiva. Mas tal princípio pode estar presente na coisa agida por duas razões. Primeiro, isso é porque ela possui algo; por exemplo, um homem é capaz de sofrer de alguma doença porque tem uma quantidade excessiva de algum humor desordenado. Segundo, uma coisa é capaz de ser agida porque lhe falta algo que poderia resistir à mudança. Este é o caso, por exemplo, quando um homem é dito capaz de sofrer de alguma doença porque sua força e poder natural foram enfraquecidos. Agora, ambos devem estar presentes em qualquer coisa que seja capaz de ser agida; pois uma coisa nunca seria agida a menos que contivesse tanto um sujeito que pudesse receber a disposição ou forma induzida nela como resultado da mudança, quanto carecesse do poder de resistir à ação de um agente.

964. Agora, essas duas maneiras pelas quais o princípio de passividade é mencionado podem ser reduzidas a uma, porque a privação pode ser designada como "um ter". Assim, segue-se que faltar algo é ter uma privação, e assim cada maneira envolverá o ter algo. Agora, a designação da privação como um ter e como algo tido segue-se do fato de que o ser é usado de duas maneiras diferentes; e tanto a privação quanto a negação são chamadas de ser em uma dessas maneiras, como foi apontado no início do Livro IV (564). Daí segue-se que negação e privação também podem ser designadas como "teres". Podemos dizer, então, que em geral algo é capaz de sofrer porque contém um tipo de "ter" e um certo princípio que o capacita a ser agido; pois mesmo faltar algo é ter algo, se uma coisa pode ter uma privação.

965. E em outro sentido (474).

(3) Aqui ele dá um terceiro sentido em que o termo *capaz* é usado; e este sentido corresponde ao quarto sentido de *potência* na medida em que se dizia que uma *potência* estava presente em algo que não pode ser corrompido ou mudado para pior. Assim, ele diz que em outro sentido uma coisa

é dita capaz porque não tem alguma potência ou princípio que a capacite a ser corrompida. E quero dizer por alguma outra coisa como outra. Pois uma coisa é dita potente ou poderosa no sentido de que não pode ser superada por algo externo para ser corrompida.

966. **Novamente, todos esses** (475).

(4) Ele apresenta um quarto sentido em que o termo *capaz* é usado, e este corresponde ao terceiro sentido de potência, na medida em que potência designava a capacidade de agir ou ser afetado bem. Ele diz que, de acordo com os sentidos anteriores de potência, que pertencem tanto ao agir quanto ao ser afetado, pode-se dizer que algo é capaz ou porque simplesmente acontece de vir a ser ou não, ou porque acontece de vir a ser bem. Pois diz-se que algo é capaz de agir ou porque pode simplesmente agir ou porque pode agir bem e facilmente. E de modo semelhante, diz-se que algo é capaz de ser afetado e corrompido porque pode ser afetado facilmente. E esse sentido de potência também se encontra em coisas inanimadas, “como os instrumentos”, i.e., no caso da lira e de outros instrumentos musicais. Pois uma lira é dita capaz de produzir um som porque tem um som bom, e outra é dita não capaz porque seu som não é bom.

Incapacidade

967. **Incapacidade** (476).

Em seguida, ele apresenta os diferentes sentidos do termo incapacidade, e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, apresenta os vários sentidos em que falamos de incapacidade; e segundo (970), trata dos diferentes sentidos em que o termo *impossível* é usado (“E algumas coisas”).

Ao tratar da primeira parte, faz duas coisas. Primeiro, apresenta o significado comum do termo incapacidade. Segundo (969), observa as várias maneiras como ele é usado (“Além disso, há”).

Ele diz, portanto, primeiro, que incapacidade é a privação de potência.

Ora, duas coisas são exigidas na noção de privação: (1) a primeira delas é a remoção de um estado oposto. Mas o oposto da incapacidade é a potência. Portanto, já que a potência é um tipo de princípio, a incapacidade será a remoção desse tipo de princípio que a potência foi descrita como sendo. (2) A segunda coisa exigida é que a privação, propriamente falando, deve pertencer a um sujeito definido e a um tempo definido; e é tomada em sentido impróprio quando tomada sem um sujeito definido e sem um tempo definido. Pois, propriamente falando, só se diz cego aquele que é naturalmente apto a ter visão e no tempo em que é naturalmente apto a tê-la.

968. E ele diz que a incapacidade, tal como foi descrita, é a remoção de uma potência, (1) “seja totalmente”, i.e., universalmente, no sentido de que toda remoção de uma potência é chamada de incapacidade, quer a coisa seja naturalmente disposta a ter a potência ou não; ou (2) é a remoção de uma potência de algo que é naturalmente apto a tê-la em algum momento ou apenas no momento em que é naturalmente apto a tê-la. Pois a incapacidade não é tomada da mesma maneira quando dizemos que um menino é incapaz de gerar, e quando dizemos isso de um homem e de um eunuco. Pois dizer que um menino é incapaz de gerar significa que, embora o sujeito seja naturalmente apto a gerar, ele não pode gerar antes do tempo apropriado. Mas dizer que um eunuco é incapaz de gerar significa que, embora ele fosse naturalmente apto a gerar no

tempo apropriado, ele não pode gerar agora; pois lhe faltam os princípios ativos da geração. Portanto, a incapacidade aqui retém mais a noção de privação. Mas uma mula ou uma pedra são ditas incapazes de gerar porque nem uma nem outra podem fazê-lo, e também porque nenhuma tem aptidão real para fazê-lo.

969. Além disso, há (477).

Em seguida, ele explica os vários sentidos de incapacidade contrastando-os com os sentidos de potência. Pois assim como a potência é dupla, a saber, ativa e passiva, e ambas se referem ou ao agir e ser afetado simplesmente, ou ao agir e ser afetado bem, de modo semelhante há um sentido oposto de incapacidade correspondente a cada tipo de potência. Isto é, há um sentido de incapacidade correspondente “tanto ao que pode meramente produzir movimento quanto ao que pode produzi-lo bem”, ou seja, à potência ativa, que é a potência de mover simplesmente uma coisa ou de movê-la bem, e à potência passiva, que é a potência de ser simplesmente movido ou de ser movido bem.

970. E algumas coisas (478).

Em seguida, ele explica os vários sentidos em que o termo *impossível* é usado; e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, apresenta os vários sentidos em que o termo impossível é usado; e depois (975), reduz-os a um (“Mas esses sentidos”). Quanto ao primeiro, faz três coisas:

(1) Primeiro, diz que, em um sentido, algumas coisas são ditas impossíveis porque têm a incapacidade anterior, que é oposta à potência. E impossível nesse sentido é usado de quatro maneiras, correspondendo às da incapacidade.

971. (2) Em seguida, quando diz “em um sentido diferente”, ele apresenta outra maneira como algumas coisas são ditas impossíveis. E elas são ditas assim não por causa da privação de alguma potência, mas por causa da oposição existente entre os termos nas proposições. Pois, já que a potência se refere ao ser, então, assim como o ser é predicado não apenas das coisas que existem na realidade, mas também da composição de uma proposição, na medida em que contém verdade e falsidade, de modo semelhante os termos *possível* e *impossível* são predicados não apenas da potência e da incapacidade reais, mas também da verdade e falsidade encontradas na combinação ou separação de termos em proposições. Portanto, o termo *impossível* significa aquilo cujo contrário é necessariamente verdadeiro. Por exemplo, é impossível que a diagonal de um quadrado seja comensurável com um lado, porque tal afirmação é falsa, e seu contrário não é apenas verdadeiro, mas necessariamente o é, ou seja, que ela não é comensurável. Portanto, a afirmação de que ela é comensurável é necessariamente falsa, e isso é impossível.

972. E o contrário (479).

Aqui ele mostra que o *possível* é o oposto do impossível no segundo sentido mencionado; pois o impossível se opõe ao possível no segundo sentido mencionado. Ele diz, então, que o possível, como contrário desse segundo sentido de impossível, significa aquilo cujo contrário não é necessariamente falso; por exemplo, é possível que um homem esteja sentado, porque o oposto disso — que ele não esteja sentado — não é necessariamente falso.

973. Disto fica claro que este sentido de possível tem três usos. (1) Pois de um modo designa o que é falso, mas não necessariamente; por exemplo, é possível que um homem esteja sentado enquanto não está sentado, porque o oposto disso não é necessariamente verdadeiro. (2) De outro modo, possível designa o que é verdadeiro, mas não necessariamente, porque seu oposto não é necessariamente falso, por exemplo, que Sócrates esteja sentado enquanto está sentado. (3) E de um terceiro modo, significa que, embora uma coisa não seja verdadeira agora, pode vir a ser verdadeira mais tarde.

974. E o que se chama de "potência" (480).

Ele mostra como o termo *potência* é usado metaforicamente. Diz que em geometria o termo potência é usado metaforicamente. Pois em geometria o quadrado de uma linha é chamado de sua potência devido à seguinte semelhança: assim como de algo em potência algo atual vem a ser, de modo semelhante, multiplicando uma linha por si mesma, resulta seu quadrado. Seria o mesmo se disséssemos que o número três é capaz de se tornar o número nove, porque multiplicando o número três por si mesmo resulta o número nove; pois três vezes três dá nove. E assim como o termo impossível tomado no segundo sentido não corresponde a nenhuma incapacidade, de modo semelhante, os sentidos do termo possível que foram dados por último não correspondem a nenhuma potência, mas são usados figuradamente ou no sentido do verdadeiro e do falso.

975. Mas esses sentidos (481).

Ele agora reduz todos os sentidos de capaz e incapaz a um sentido primário. Diz que aqueles sentidos do termo capaz ou potente que correspondem à potência referem-se todos a um tipo primário de potência — a primeira potência ativa que foi descrita acima (955) como o princípio de mudança em alguma outra coisa enquanto outra; porque todos os outros sentidos de capaz ou potente são referidos a este tipo de potência. Pois uma coisa é dita capaz pelo fato de que alguma outra coisa tem poder ativo sobre ela, e neste sentido é dita capaz segundo a potência passiva. E algumas coisas são ditas capazes porque alguma outra coisa não tem poder sobre elas, como aquelas que são ditas capazes porque não podem ser corrompidas por agentes externos. E outras são ditas capazes porque o têm "de algum modo especial", isto é, porque têm o poder ou potência para agir ou ser afetadas bem ou facilmente.

976. E assim como todas as coisas que são ditas capazes por causa de alguma potência são reduzidas a uma potência primária, de modo semelhante, todas as coisas que são ditas incapazes por causa de alguma impotência são reduzidas a uma incapacidade primária, que é o oposto da potência primária. Fica claro, então, que a noção própria de potência no sentido primário é esta: um princípio de mudança em alguma outra coisa enquanto outra; e esta é a noção de potência ou poder ativo.

LIÇÃO 15 - O Significado de Quantidade. Suas Espécies. O Essencialmente e o Acidentalmente Quantitativo

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 13: 1020a 7-1020a 32

“ 482. Quantidade [ou o quantitativo] significa o que é divisível em partes constituintes, ambas ou uma das quais é por natureza um uno e uma coisa particular.

483. Portanto, pluralidade [ou multidão] é um tipo de quantidade se for numerável; e também o é a magnitude [ou quantidade contínua] se for mensurável. Pluralidade significa o que é potencialmente divisível em partes não contínuas; e magnitude significa o que é divisível em partes contínuas. Novamente, das espécies de magnitude, o que é contínuo em uma dimensão é comprimento; em duas, largura; e em três, profundidade. E destes, a pluralidade limitada é número; o comprimento limitado, uma linha; a largura limitada, uma superfície; e a profundidade limitada, um corpo [ou sólido].

484. Novamente, algumas coisas são ditas quantitativas essencialmente e outras acidentalmente; por exemplo, uma linha é quantitativa essencialmente, mas o musical acidentalmente.

485. E das coisas que são quantitativas essencialmente, algumas o são por razão de sua substância, como uma linha é quantitativa quantitativamente. Pois na definição que expressa sua quiddidade encontra-se algum tipo de quantidade. Outras são propriedades e estados deste tipo de substância, como muito e pouco, longo e curto, largo e estreito, profundo e raso, pesado e leve, e semelhantes. E grande e pequeno, e maior e menor, quer sejam ditos essencialmente ou em relação um ao outro, são propriedades da quantidade. E esses termos também são transferidos para outras coisas.

486. Mas das coisas que são quantitativas acidentalmente, algumas são ditas tais no sentido em que o musical e o branco são quantitativos, isto é, porque o sujeito ao qual pertencem é quantitativo. Outras são ditas quantitativas no sentido em que o movimento e o tempo o são, pois estes também são ditos de certo modo quantitativos e contínuos porque as coisas das quais são propriedades são divisíveis. E refiro-me não à coisa que é movida, mas ao espaço através do qual ela é movida. Pois como o espaço é quantitativo, o movimento também é quantitativo; e através dele, i.e., do movimento, o tempo também é quantitativo.

COMENTÁRIO

Quantidade

977. Visto que o ser se divide não apenas em potência e ato, mas também nas dez categorias, tendo apresentado os diferentes sentidos do termo potência (954-60), o Filósofo começa aqui a apresentar os diferentes sentidos dos termos que designam as categorias.

Primeiro, ele considera o termo quantidade; e segundo (987), o termo qualidade ("Qualidade significa"). Terceiro (1001), ele apresenta os diferentes significados do termo relativo ("Algumas coisas"). Ele omite as outras categorias porque elas se limitam a uma classe de seres naturais, como é especialmente evidente em ação e paixão, e em lugar e tempo.

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, ele apresenta o significado de quantidade. Ele diz que quantidade significa o que é divisível em partes constituintes. Ora, isso é dito para distinguir esse tipo de divisão da divisão dos compostos. Pois um composto se dissolve nos elementos, e estes não estão presentes nele em ato, mas apenas em potência. Portanto, neste último caso, não há apenas divisão da quantidade, mas também é necessária alguma alteração por meio da qual um composto se dissolve em seus elementos. Ele acrescenta que ambos ou um desses constituintes são por natureza "um", isto é, algo que é apontado. Ele diz isso para excluir a divisão de uma coisa em suas partes essenciais, que são matéria e forma; pois nenhuma delas é por natureza adequada a ser uma coisa particular por si mesma.

978. **Portanto, pluralidade** (483).

Segundo, ele apresenta os tipos de quantidade; e destes há dois tipos primários: pluralidade ou multidão, e magnitude ou medida. E cada um destes tem o caráter de algo quantitativo na medida em que a pluralidade é numerável e a magnitude é mensurável. Pois a mensuração pertence propriamente à quantidade. No entanto, a pluralidade é definida como o que é divisível potencialmente em partes que não são contínuas; e a magnitude como o que é divisível em partes que são contínuas. Ora, isso ocorre de três maneiras e, portanto, há três tipos de magnitude. Pois se a magnitude é divisível em partes contínuas em uma dimensão apenas, será comprimento; se em duas, largura; e se em três, profundidade. Além disso, quando a pluralidade ou multidão é limitada, é chamada de número. E um comprimento limitado é chamado de linha; uma largura limitada, superfície; e uma profundidade limitada, corpo. Pois se a multidão fosse ilimitada, o

número não existiria, porque o que é ilimitado não pode ser numerado. Da mesma forma, se o comprimento fosse ilimitado, uma linha não existiria, porque uma linha é um comprimento mensurável (e é por isso que se afirma na definição de uma linha que suas extremidades são dois pontos). O mesmo vale para a superfície e o corpo.

979. Além disso, algumas coisas (484).

Terceiro, ele apresenta as diferentes maneiras pelas quais as coisas são quantitativas; e em relação a isso ele faz três coisas. Primeiro, ele traça uma distinção entre o que é essencialmente quantitativo, como uma linha, e o que é acidentalmente quantitativo, como o musical.

980. E dessas (485).

Segundo, ele apresenta os diferentes sentidos em que as coisas são essencialmente quantitativas, e há dois deles. Pois algumas coisas são ditas ser assim à maneira de uma substância ou sujeito, como linha, superfície ou número; pois cada uma destas é essencialmente quantitativa porque a quantidade é dada na definição de cada uma. Pois uma linha é uma quantidade limitada divisível em comprimento. O mesmo é verdade para as outras dimensões.

981. E outras coisas pertencem essencialmente ao gênero da quantidade e são significadas à maneira de um estado ou propriedade de tal substância, i.e., de uma linha, que é essencialmente quantitativa, ou de outros tipos semelhantes de quantidade. Por exemplo, *muito e pouco* são significados como propriedades do número; *longo e curto*, como propriedades de uma linha; *largo e estreito*, como propriedades da superfície; e *alto e baixo ou profundo*, como propriedades do corpo. E o mesmo é verdade para pesado e leve segundo a opinião daqueles que disseram que ter muitas superfícies, ou átomos, faz com que os corpos sejam pesados, e ter poucos os faz serem leves. Mas a verdade da questão é que pesado e leve não pertencem à quantidade, mas à qualidade, como ele afirma abaixo (993). O mesmo é verdade para outros atributos como estes.

982. Há também certos atributos que são propriedades comuns de qualquer quantidade contínua, como grande e pequeno, e maior e menor, quer sejam tomados "essencialmente", i.e., absolutamente, ou "em relação um ao outro", como algo é dito ser grande e pequeno relativamente, como é afirmado nas *Categorias*. Mas esses termos que significam as propriedades da quantidade pura e simplesmente também são transferidos para outras coisas além das quantidades. Pois a brancura é dita ser grande e pequena, e o mesmo também ocorre com outros acidentes desse tipo.

983. Mas deve-se ter em mente que de todos os acidentes, a quantidade é a mais próxima da substância. Por isso, alguns homens pensam que as quantidades, como linha, número, superfície e corpo, são substâncias. Pois, depois da substância, apenas a quantidade pode ser dividida em partes distintivas. Pois a brancura não pode ser dividida e, portanto, não pode ser entendida como individualizada exceto por seu sujeito. E é por isso que apenas no gênero da quantidade algumas coisas são designadas como sujeitos e outras como propriedades.

984. Mas das coisas (486).

Então ele expõe os diferentes sentidos em que as coisas são ditas acidentalmente quantitativas. Esses sentidos são dois. (1) Em um sentido, as coisas são ditas acidentalmente quantitativas apenas por serem acidentes de alguma quantidade; por exemplo, branco e musical são ditos quantitativos porque são acidentes de um sujeito que é quantitativo.

985. (2) Em outro sentido, algumas coisas são ditas acidentalmente quantitativas, não por causa do sujeito em que existem, mas porque são divididas quantitativamente como resultado da divisão de alguma quantidade; por exemplo, o movimento e o tempo (que são ditos quantitativos e contínuos por causa dos sujeitos aos quais pertencem) são divisíveis e eles mesmos são divididos como resultado da divisão dos sujeitos aos quais pertencem. Pois o tempo é divisível e contínuo por causa do movimento, e o movimento é divisível por causa da magnitude — não por causa da magnitude da coisa que é movida, mas por causa da magnitude do espaço através do qual ela é movida. Pois, uma vez que essa magnitude é quantitativa, o movimento também é quantitativo; e, como o movimento é quantitativo, segue-se que o tempo é quantitativo. Portanto, estes podem ser ditos quantitativos não meramente acidentalmente, mas antes subsequentemente, na medida em que recebem a divisão quantitativa de algo anterior.

986. No entanto, deve-se notar que nas *Categorias* o Filósofo sustentou que o tempo é essencialmente quantitativo, enquanto aqui ele sustenta que é acidentalmente quantitativo. Lá, ele distinguiu as espécies de quantidade do ponto de vista dos diferentes tipos de medida. Pois o tempo, que é uma medida externa, tem o caráter de um tipo de medida, e a quantidade contínua, que é uma medida interna, tem um caráter diferente. Portanto, nas *Categorias* o tempo é dado como outra espécie de quantidade, enquanto aqui ele considera as espécies de quantidade do ponto de vista do ser da quantidade.

Portanto, aquelas coisas que recebem seu ser quantitativo apenas de outra coisa, ele não dá aqui como espécies de quantidade, mas como coisas que são acidentalmente quantitativas, como o movimento e o tempo. Mas o movimento não tem outra forma de medida senão o tempo e a magnitude. Portanto, nem nesta obra nem nas *Categorias* ele o dá como uma espécie de quantidade. O lugar, no entanto, é dado lá como uma espécie de quantidade. Mas não é dado como tal aqui porque tem uma forma diferente de medida, embora não um ser quantitativo diferente.

LIÇÃO 16 - Os Sentidos da Qualidade

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 14: 1020a 33-1020b 25

“ 487. Qualidade (o qualificado ou de que tipo [quale]) significa em um sentido a diferença substancial; por exemplo, Como a quididade do homem é qualificada? Como um animal bípede. Como a do cavalo? Como um animal quadrúpede. A do círculo? Como uma figura que não tem ângulos; como se a diferença substancial fosse qualidade. Neste primeiro sentido, então, qualidade (qualitas) significa diferença substancial.

488. Em outro sentido, o termo se aplica a coisas imóveis e aos objetos da matemática, como os números são de um certo tipo (quales), por exemplo, aqueles que são compostos, e não apenas os de uma dimensão, mas também aqueles de que superfície e sólido são a contraparte (pois há números que são tantas vezes tanto e tantas vezes tantas vezes tanto). E, em geral, significa o que está presente na substância além da quantidade. Pois a substância de cada número é o que ele é uma vez; por exemplo, a substância de seis não é duas vezes três, mas seis tomado uma vez, pois seis vezes um é seis.

489. Novamente, todas as modificações das substâncias que são movidas, tais como calor e frio, brancura e negrura, peso e leveza, e quaisquer outros atributos desse tipo segundo os quais os corpos das coisas mutáveis são ditos alterados, são chamadas qualidades.

490. Além disso, o termo qualidade é usado para virtude e vício, e, em geral, para o bem e o mal.

491. Os sentidos de qualidade, então, reduzem-se a dois; e um destes é mais fundamental que o outro. Pois o tipo primário de qualidade é a diferença substancial. E a qualidade encontrada no número é uma parte disso, pois esta é uma diferença substancial, mas ou de coisas que não são movidas, ou não delas enquanto são movidas. As outras, no entanto, são as modificações das coisas que são movidas enquanto são movidas, e são as diferenças dos movimentos. E a virtude e o vício são partes dessas modificações, pois indicam claramente as diferenças do movimento ou atividade segundo as quais as coisas em movimento agem ou são afetadas bem ou mal. Pois o que é capaz de ser

movido ou de agir dessa maneira é bom, e o que não pode fazê-lo, mas age de maneira contrária, é ruim. E o bem e o mal significam qualidade especialmente no caso dos seres vivos, e especialmente naqueles que têm o poder de escolha.

COMENTÁRIO

Qualidade

987. Aqui ele expõe os vários sentidos em que o termo qualidade é usado, e a respeito disso faz duas coisas. Primeiro, dá quatro sentidos do termo qualidade; e segundo (966), reduz-os a dois (“Os sentidos de qualidade”).

(1) Ele diz, portanto, primeiro, que o termo qualidade é usado em um sentido como “diferença substancial”, i.e., a diferença pela qual uma coisa é distinguida substancialmente de outra e que está incluída na definição da substância. E por esta razão diz-se que uma diferença é predicada como uma qualificação substancial. Por exemplo, se alguém perguntasse que tipo de animal (quale) o homem é, responderíamos que ele é bípede; e se alguém perguntasse que tipo de animal o cavalo é, responderíamos que ele é quadrúpede; e se alguém perguntasse que tipo de figura um círculo é, responderíamos que ele é “não-angular”, i.e., sem ângulos; como se a diferença substancial fosse qualidade. Em um sentido, então, qualidade significa diferença substancial.

988. Ora, Aristóteles omite este sentido de qualidade nas *Categorias* porque ele não está contido sob a categoria de qualidade — da qual ele trata ali. Mas aqui ele está tratando do significado do termo qualidade.

989. **Em outro sentido** (488).

(2) Aqui ele dá um segundo sentido no qual o termo qualidade é usado. Ele diz que o termo qualidade ou “qualificado” é usado em outro sentido na medida em que coisas imóveis e os objetos da matemática são ditos qualificados de uma certa maneira. Pois os objetos da matemática são abstraídos do movimento, como é afirmado no Livro VI desta obra (1161). Tais objetos são números e grandezas contínuas, e de ambos usamos o termo qualidade. Assim, dizemos que as superfícies são qualificadas como sendo quadradas ou triangulares. E similarmente, os números são ditos qualificados como sendo compostos. Aqueles números são ditos compostos que possuem algum número comum que os mede; por exemplo, o número seis e o número nove são medidos pelo número três, e não são meramente referidos a um como medida comum. Mas aqueles que não são medidos por nenhum número comum além de um são chamados de não compostos ou primeiros em sua proporção.

990. Também se fala dos números como tendo qualidade numa metáfora tirada da superfície e do “sólido”, i.e., corpo. Eles são considerados como uma superfície na medida em que um número é multiplicado por outro, seja pelo mesmo número ou por um diferente, como na expressão “duas vezes três” ou “três vezes três”. E é isto que ele quer dizer com “tantas vezes tanto”; pois algo como uma dimensão é designado ao dizer “três”, e uma espécie de segunda dimensão ao dizer “duas vezes três” ou “três vezes três”.

991. Os números são considerados como um sólido quando há uma dupla multiplicação, seja do mesmo número por si mesmo, ou de números diferentes por um; como na expressão “três vezes três vezes três” ou “duas vezes três vezes duas” ou “duas vezes três vezes quatro”. E é isto que ele quer dizer com “tantas vezes tantas vezes tanto”. Pois tratamos de três dimensões num número de modo um tanto similar ao de um sólido; e nesta disposição dos números há algo que é tratado como uma substância, como três, ou qualquer outro número que é multiplicado por outro. E há algo mais que é tratado como quantidade, como a multiplicação de um número por outro ou por si mesmo. Assim, quando digo “duas vezes três”, o número dois é significado à maneira de uma quantidade medida, e o número três à maneira de uma substância. Portanto, o que pertence à substância do número além da própria quantidade, que é a substância do número, é chamado de sua qualidade, como o que se entende ao dizer duas vezes ou três vezes.

992. Outro texto lê “segundo a quantidade”, e então a substância do número é dita ser o próprio número expresso em sentido não qualificado, como “três”. E na medida em que consideramos a qualidade de uma quantidade, isso é designado multiplicando um número por outro. O resto do texto concorda com isso, dizendo que a substância de qualquer número é o que ele é dito ser uma vez; por exemplo, a substância de seis é seis tomado uma vez, e não três tomado duas vezes ou dois tomado três vezes; e isso pertence à sua qualidade. Pois falar de um número em termos de superfície ou sólido, seja quadrado ou cúbico, é falar de sua qualidade. E este tipo de qualidade é o quarto tipo dado nas *Categorias*.

993. **Novamente, todas as modificações** (489).

(3) Então ele dá o terceiro sentido no qual qualidade é usada. Ele diz que qualidades também significam as modificações de substâncias móveis segundo as quais os corpos são mudados através de alteração, como calor e frio e acidentes deste tipo. E este sentido de qualidade pertence ao terceiro tipo de qualidade dado nas *Categorias*.

994. (4) Em seguida ele dá o quarto sentido no qual qualidade é usada. Ele diz que qualidade ou “qualificado” é usado num quarto sentido na medida em que algo é disposto por virtude ou vício, ou de qualquer modo que seja bem ou mal disposto, como por conhecimento ou ignorância, saúde ou doença, e semelhantes. Este é o primeiro tipo de qualidade dado nas *Categorias*.

995. Ora, ele omite o segundo destes sentidos de qualidade porque ele está contido antes sob *potência*, uma vez que é significado apenas como um princípio que resiste à modificação. Mas é dado nas *Categorias* entre os tipos de qualidade por causa do modo como é nomeado. Contudo, segundo seu modo de ser, está contido antes sob *potência*, como ele também sustentou acima (960).

996. **Os sentidos de qualidade** (491).

Então ele reduz a dois os quatro sentidos de qualidade até agora dados, dizendo que uma coisa é dita qualificada de uma certa maneira em dois sentidos, na medida em que dois destes quatro sentidos são reduzidos aos outros dois.

(1) O mais fundamental destes sentidos é o primeiro, segundo o qual qualidade significa diferença substancial, porque por meio dela uma coisa é designada como sendo informada e qualificada.

997. A qualidade encontrada nos números e em outros objetos da matemática é reduzida a este como uma parte. Pois qualidades deste tipo são, em certo sentido, as diferenças substanciais dos objetos matemáticos, porque são significadas à maneira de substância em maior grau do que os outros acidentes, como foi afirmado no capítulo sobre a quantidade (980). Além disso, qualidades deste tipo constituem diferenças substanciais, “seja de coisas que não são movidas, ou não delas na medida em que são movidas”; e ele diz isso para mostrar que não faz diferença para sua tese se os objetos da matemática são substâncias auto-subsistentes, como Platão afirmou, e são separados do movimento; ou se existem em substâncias que são móveis na realidade mas separadas no pensamento. Pois no primeiro sentido elas não seriam qualidades de coisas que são movidas; mas no segundo sentido seriam, mas não na medida em que são movidas.

998. (2) O segundo sentido básico em que qualidade é usada é aquele em que as modificações das coisas que são movidas enquanto tais, e também as diferenças das coisas que são movidas, são chamadas de qualidades. Elas são chamadas de diferenças dos movimentos porque as alterações diferem em termos de tais qualidades, assim como tornar-se quente e tornar-se frio diferem em termos de calor e frio.

999. O sentido em que virtude e vício são chamados de qualidades reduz-se a este último sentido, pois é de certa forma uma parte deste sentido. Pois virtude e vício indicam certas diferenças de movimento e atividade baseadas em bom ou mau desempenho. Pois virtude é aquilo pelo qual uma coisa está bem disposta a agir ou ser agida, e vício é aquilo pelo qual uma coisa está mal disposta. O mesmo vale para outros hábitos, sejam eles intelectuais, como a ciência, ou corporais, como a saúde.

1000. Mas os termos bem e mal referem-se principalmente à qualidade em seres vivos, e especialmente naqueles que possuem "eleição", i.e., escolha. E isso é verdade porque o bem tem o papel de um fim ou objetivo. Então, aquelas coisas que agem por escolha agem por um fim. Ora, agir por um fim pertence particularmente aos seres vivos. Pois coisas não vivas agem ou são movidas por um fim, não na medida em que conhecem o fim, ou na medida em que elas mesmas agem por um fim, mas sim na medida em que são direcionadas por outra coisa que lhes dá sua inclinação natural, assim como uma flecha, por exemplo, é direcionada ao seu alvo por um arqueiro. E seres vivos não racionais apreendem um fim ou objetivo e o desejam por um apetite da alma, e movem-se localmente em direção a algum fim ou objetivo na medida em que têm discernimento dele; mas seu apetite por um fim, e por aquelas coisas que existem por causa do fim, é determinado para eles por uma inclinação natural. Portanto, eles são mais agidos do que agem; e assim seu julgamento não é livre. Mas os seres racionais, nos quais apenas existe escolha, conhecem tanto o fim quanto a proporção dos meios para o fim. Portanto, assim como eles movem a si mesmos em direção ao fim, também movem a si mesmos para desejar o fim e os meios; e por isso têm livre escolha.

LIÇÃO 17 - Os Sentidos do Relativo

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 15: 1020b 26-1021b 11

“ 492. Algumas coisas são ditas relativas (*ad aliquid*) diretamente, como dobro à metade e triplo a um terço; e em geral o que é multiplicado a uma parte do que é multiplicado, e o que inclui ao que está incluído nele. E em outro sentido como o que aquece ao que pode ser aquecido, e o que corta ao que pode ser cortado; e em geral tudo ativo a tudo passivo. E em outro sentido como o que é mensurável a uma medida, e o que é cognoscível ao conhecimento, e o que é sensível ao sentido.

493. As primeiras coisas que são ditas relativas numericamente são tais, ou sem qualificação, ou em alguma relação definida com elas, ou com a unidade; como dobro está relacionado à metade como um número definido. E o múltiplo está relacionado numericamente à unidade, mas não em uma relação numérica definida como esta ou aquela. Mas o que é uma vez e meia maior do que outra coisa está relacionado a ela em uma relação numérica definida com um número. E o superparticular está relacionado ao subparticular em uma relação indefinida, como o que é múltiplo está relacionado a um número. E o que inclui está relacionado ao que está incluído nele como algo totalmente indefinido em número, pois o número é comensurável. Pois o que inclui está relacionado ao que está incluído nele segundo tanto e algo mais; mas este algo mais é indefinido. Pois qualquer que seja o caso, ou é igual ou não igual a ele. Portanto, todas essas relações são ditas numéricas e são propriedades do número.

494. Além disso, igual, semelhante e mesmo são ditos relativos, mas de uma maneira diferente, porque todos esses termos são referidos à unidade. Pois aquelas coisas são as mesmas cuja substância é uma; e aquelas são semelhantes cuja qualidade é uma; e aquelas são iguais cuja quantidade é uma. E a unidade é o princípio e medida do número. Portanto, todos esses são ditos relativos numericamente, mas não da mesma maneira.

495. Coisas ativas e passivas são relativas em virtude de potências ativas e passivas e das operações das potências; por exemplo, o que pode aquecer é relativo ao que pode ser aquecido, porque pode aquecê-lo; e o que está aquecendo é relativo ao que está sendo aquecido; e o que está cortando ao que

está sendo cortado, na medida em que estão fazendo essas coisas. Mas daquelas coisas que são relativas numericamente não há operações, exceto no sentido declarado em outro lugar; e operações que implicam movimento não são encontradas nelas. Além disso, das coisas que são relativas potencialmente, algumas são ditas relativas também temporalmente, como o que faz ao que é feito, e o que fará ao que será feito. Pois desta forma um pai é dito ser o pai de seu filho, porque o primeiro agiu, enquanto o último foi agido. Novamente, algumas coisas são ditas relativas segundo a privação de potência; por exemplo, o incapaz e outros termos usados desta maneira, como o invisível.

496. Portanto, coisas que são ditas relativas numericamente e potencialmente são todas relativas porque o sujeito da referência é ele mesmo referido a outra coisa, não porque outra coisa é referida a ele. Mas o que é mensurável e cognoscível e pensável são ditos relativos porque em cada caso outra coisa é referida a eles, não porque eles são referidos a outra coisa. Pois por pensável entende-se aquilo de que pode haver um pensamento. No entanto, um pensamento não é relativo àquele cujo pensamento é, pois então a mesma coisa seria expressa duas vezes. E similarmente a visão é relativa àquilo de que é a visão e não àquele cuja visão é (embora seja verdade dizer isto); mas é relativa à cor ou a algo deste tipo. Mas então a mesma coisa seria dita duas vezes, que a visão é daquele cuja visão é. Coisas que são ditas relativas diretamente, então, são tratadas desta maneira.

497. E outras coisas são ditas relativas porque seus gêneros são tais; por exemplo, medicina é relativa porque seu gênero, ciência, parece ser relativo. Além disso, deste tipo são todas as coisas que são ditas relativas por razão de seu sujeito; por exemplo, igualdade é dita relativa porque igual é relativo; e semelhança, porque semelhante é relativo.

498. Mas outras coisas são ditas relativas indiretamente, como homem é relativo porque lhe acontece ser dobro, e isto é relativo; ou o branco é dito relativo porque a mesma coisa acontece ser branca e dobro.

COMENTÁRIO

Relação

1001. Aqui o Filósofo estabelece o significado do *relativo* ou *relação*; e a respeito disso faz duas coisas. Primeiro, apresenta os sentidos em que as coisas são ditas relativas diretamente; e segundo (1030), aqueles em que as coisas são ditas relativas indiretamente (“E outras coisas”).

Quanto ao primeiro, faz duas coisas. Primeiro, enumera os sentidos em que as coisas são ditas relativas diretamente. Segundo (1006), passa a tratar destes (“As primeiras coisas”).

Ele dá, portanto, primeiro, três sentidos em que as coisas são ditas relativas diretamente.

O primeiro deles diz respeito ao número e à quantidade, como dobro em relação à metade, triplo em relação a um terço, “e o que é multiplicado”, i.e., o múltiplo, em relação a uma parte “do que é multiplicado”, i.e., o submúltiplo, “e o que inclui em relação ao que é incluído nele”. Mas o que inclui é aqui tomado como o que é maior em quantidade. Pois tudo que é maior em quantidade inclui dentro de si aquilo que excede. Pois é isto e algo mais; por exemplo, cinco inclui dentro de si quatro, e três côvados incluem dois.

1002. O segundo sentido é aquele em que algumas coisas são ditas relativas segundo o agir e o padecer, ou segundo a potência ativa e passiva; por exemplo, no reino das ações naturais, como o que pode aquecer em relação ao que pode ser aquecido; e no reino das ações artificiais, como o que pode cortar em relação ao que pode ser cortado; e em geral como tudo que é ativo em relação a tudo que é passivo.

1003. O terceiro sentido de relação é aquele em que algo mensurável é dito relativo a uma medida. Aqui medida e mensurável não são tomados (-) quantitativamente (pois isso pertence ao primeiro sentido, no qual um é dito relativo ao outro, já que dobro é dito relativo à metade e metade ao dobro), mas (+) segundo a medida do ser e da verdade. Pois a verdade do conhecimento é medida pelo objeto cognoscível. Pois é porque uma coisa é assim ou não é assim que uma proposição é conhecida como verdadeira ou falsa, e não o contrário. O mesmo se aplica no caso de um objeto sensível e da sensação. E por esta razão, uma medida e o que é mensurável não são ditos relacionados reciprocamente um ao outro, como nos outros sentidos, mas apenas o que é mensurável é relacionado à sua medida. E de maneira semelhante, uma imagem é relacionada àquilo de que é a imagem como o que é mensurável é relacionado à sua medida. Pois a verdade de uma imagem é medida pela coisa da qual é imagem.

1004. Esses sentidos são explicados como se segue: visto que uma relação real consiste na referência de uma coisa a outra, deve haver tantas relações deste tipo quantas são as maneiras pelas quais uma coisa pode referir-se a outra. (3) Ora, uma coisa se refere a outra ou no ser, na medida em que o ser de uma coisa depende de outra, e então temos o terceiro sentido; ou (2) segundo a potência ativa ou passiva, na medida em que uma coisa recebe algo de outra ou confere algo à outra, e então temos o segundo sentido; ou (1) segundo a quantidade de uma coisa pode ser medida por outra, e então temos o primeiro sentido.

1005. Mas a *qualidade* como tal de uma coisa pertence apenas ao sujeito no qual existe, e portanto, do ponto de vista da qualidade, uma coisa se refere a outra apenas na medida em que a qualidade tem o caráter de uma potência ativa ou passiva, que é um princípio de ação ou de ser afetado. Ou é relacionada por razão da quantidade ou de algo pertencente à quantidade; como uma coisa é dita mais branca que outra, ou como aquilo que tem a mesma qualidade que outra é dito ser semelhante a ela.

Mas as outras classes de coisas são um (+) resultado da relação, e não uma (-) causa dela. Pois a categoria *quando* consiste numa relação com o tempo; e a categoria *onde*, numa relação com o lugar. E *postura* implica uma disposição das partes; e *ter (posse, vestimenta)*, a relação da coisa que tem com as coisas tidas.

1006. **As primeiras coisas** (493).

Então ele passa a tratar dos três sentidos de relação que foram enumerados. Primeiro, considera o primeiro sentido. Segundo (1023), trata do segundo sentido (“Ativo e passivo”). Terceiro (1026), dedica-se ao terceiro sentido (“Portanto, coisas”).

Quanto ao primeiro, faz duas coisas. Primeiro, descreve as relações que são baseadas simplesmente no número; e segundo (1022), trata daquelas que são baseadas simplesmente na unidade (“Além disso, igual”).

Ele diz, primeiro, que a primeira maneira pela qual as coisas são relativas, que é numérica, é dividida na medida em que a relação é baseada (a) na razão de um número para outro ou (b) na de um número para a unidade. E em ambos os casos pode ser tomada de duas maneiras, pois o número que é referido a outro número ou à unidade na razão sobre a qual a relação é baseada é definido ou indefinido. Este é o seu significado ao dizer que as primeiras coisas que são ditas relativas numericamente são ditas tais “sem qualificação”, i.e., em geral ou indefinidamente, “ou então definitivamente”. E em ambos os modos “a eles”, a saber, aos números, “ou à unidade”, i.e., à unidade.

1007. Deve-se ter em mente que toda medida encontrada em quantidades contínuas é derivada de alguma forma do número. Portanto, relações que são baseadas na quantidade contínua são também atribuídas ao número.

1008. Deve-se também ter em mente que as razões numéricas são divididas primeiramente em duas classes, a de igualdade e a de desigualdade. E há dois tipos de desigualdade: o maior e o menor, e o mais e o menos.

E o maior se divide em cinco espécies.

1009. Pois um número é maior sempre que é múltiplo em relação a um número menor, isto é, quando o contém muitas vezes, como seis contém duas três vezes. E se o contém duas vezes, chama-se dobro; como dois em relação a um, ou quatro a dois. E se o contém três vezes, chama-se triplo; e se quatro vezes, quádruplo; e assim por diante.

1010. Mas algumas vezes um número maior inclui um número menor inteiro uma vez e, além disso, alguma parte dele; e então se diz superparticular. Se inclui um número menor inteiro e, além disso, a metade dele, chama-se sesquialter, como três para dois; e se, além disso, a terça parte, chama-se sesquitério, como quatro para três; e se, além disso, a quarta parte, chama-se sesquiquarto, como cinco para quatro; e assim por diante.

1011. Às vezes um número maior inclui um número menor inteiro uma vez e não apenas uma parte, mas muitas partes além disso, e então se chama superpartiente. E se inclui duas partes, chama-se superbipartiente, como cinco para três. Novamente, se inclui três partes, chama-se supertripartiente, como sete para quatro; e se inclui quatro partes, é superquadripartiente, e então se relaciona como nove para cinco; e assim por diante.

1012. Às vezes um número maior inclui um número menor inteiro muitas vezes e, além disso, alguma parte dele, e então se chama múltiplo superparticular. Se o inclui duas vezes e meia, chama-se dobro sesquialter, como cinco para dois. Se o inclui três vezes e meia, chama-se triplo

sesquialter, como sete para dois. E se o inclui quatro vezes e meia, chama-se quádruplo sesquialter, como nove para dois. E as espécies deste tipo de razão também podem ser consideradas no caso do superparticular, na medida em que falamos da razão dobro sesquitério quando um número maior inclui um número menor duas vezes e um terço, como sete para três; ou do dobro sesquiquarto, como nove para quatro; e assim por diante.

1013. Às vezes também um número maior inclui um número menor inteiro muitas vezes e muitas partes dele além disso, e então se chama múltiplo superpartiente. E, de modo semelhante, uma razão pode ser dividida do ponto de vista das espécies de multiplicidade e das espécies de superpartiente, desde que possamos falar de um dobro superbipartiente, quando um número maior inclui um número menor inteiro duas vezes e duas partes dele, como oito para três; ou mesmo de triplo superbipartiente, como onze para três; ou mesmo de dobro supertripartiente, como onze para quatro. Pois ele inclui um número inteiro duas vezes e, além disso, três partes dele.

1014. E há tantas espécies de desigualdade no caso de um número menor. Pois um número menor é chamado submúltiplo, subpartiente, submúltiplo superparticular, submúltiplo superpartiente, e assim por diante.

1015. Mas deve-se notar que a primeira espécie de razão, a saber, a multiplicidade, consiste na relação de um número com a unidade. Pois qualquer espécie dela é encontrada primeiro na relação de algum número com a unidade. O dobro, por exemplo, é encontrado primeiro na relação de dois para a unidade. E, de modo semelhante, uma razão tripla é encontrada na relação de três para a unidade; e assim por diante em outros casos. Mas os primeiros termos nos quais qualquer razão é encontrada dão espécie à própria razão. Daí que, em quaisquer outros termos em que subsequentemente seja encontrada, neles é encontrada segundo a razão dos primeiros termos. Por exemplo, a razão dobro é encontrada primeiro entre dois e a unidade. É a partir disso, então, que a razão recebe seu significado e nome; pois uma razão dobro significa a razão de dois para a unidade. E é por essa razão também que usamos o termo em outros casos; pois, embora se diga que um número é o dobro de outro, isso acontece apenas na medida em que um número menor assume o papel da unidade e um número maior o papel de dois; pois seis está relacionado a três em uma razão dobro, na medida em que seis está para três assim como dois está para um. E é semelhante no caso de uma razão tripla e em todas as outras espécies de multiplicidade. Por isso, ele diz que a relação de dobro resulta do fato de que um número definido, i.e., dois, "é referido à unidade", i.e., à unidade.

1016. Mas o termo múltiplo implica a relação de um número com a unidade, não de um número definido, mas do número em geral. Pois, se um número definido fosse tomado, como dois ou três, haveria uma espécie de multiplicidade, como dobro ou triplo. E assim como o dobro está relacionado a dois e o triplo a três, que são números definidos, também o múltiplo está relacionado à multiplicidade, porque significa um número indefinido.

1017. Outras razões, no entanto, não podem ser reduzidas à relação de um número com a unidade: nem uma razão superparticular, nem uma superpartiente, nem uma múltipla superparticular, nem uma múltipla superpartiente. Pois todas essas espécies de razões se baseiam no fato de que um número maior inclui um número menor uma vez, ou alguma parte dele, e uma

ou várias partes dele além disso. Mas a unidade não pode ter uma parte e, portanto, nenhuma dessas razões pode ser baseada na relação de um número com a unidade, mas na relação de um número com outro. Assim, a razão dobro é ou a de um número definido ou a de um número indefinido.

1018. E se é a de um número definido, então "é aquilo que é uma vez e meia maior", i.e., sesquialter, ou "aquilo que excede", i.e., supersesquialter. Pois uma razão sesquialter consiste primeiro nesses termos: três e dois; e na razão destes é encontrada em todos os outros casos. Portanto, o que é chamado de uma vez e meia maior, ou sesquialter, implica a relação de um número definido com outro, a saber, de três para dois.

1019. Mas a relação que é chamada superparticular é relativa ao subparticular, não segundo qualquer número definido, como o múltiplo também é relativo à unidade, mas segundo um número indefinido. Pois as primeiras espécies de desigualdade dadas acima (1008) são tomadas segundo números indefinidos, por exemplo, o múltiplo, superparticular, superpartiente, e assim por diante. Mas as espécies destas são tomadas segundo números definidos, como dobro, triplo, sesquialter, sesquiquarto, e assim por diante.

1020. Ora, acontece que algumas grandezas contínuas têm entre si uma razão que não envolve nenhum número, seja definido ou indefinido. Pois existe alguma razão entre todas as grandezas contínuas, embora não seja uma razão numérica. Pois há uma medida comum de quaisquer dois números, a saber, a unidade, que, tomada muitas vezes, produz um número. Mas nenhuma medida comum de todas as grandezas contínuas pode ser encontrada, uma vez que existem certas grandezas contínuas incomensuráveis, como a diagonal de um quadrado é incomensurável com um de seus lados. A razão é que não há entre ela e um de seus lados uma razão como a de um número para outro ou de um número para a unidade.

1021. Portanto, quando se diz no caso das grandezas que esta grandeza é maior que aquela, ou está relacionada àquela como o que inclui está relacionado ao que é incluído, não só essa razão não é considerada segundo qualquer espécie definida de número, mas nem sequer é considerada segundo número algum, porque todo número é comensurável com outro. Pois todos os números têm uma medida comum, que é a unidade. Mas o que inclui e o que é incluído não são ditos segundo qualquer medida numérica; pois é o que é tanto e algo mais que se diz ter a relação do que inclui para o que é incluído. E isso é indefinido, seja comensurável ou incomensurável; pois qualquer grandeza que se tome, é igual ou desigual. Se não é igual, então segue-se que é desigual e inclui outra coisa, mesmo que não seja comensurável. Por isso, fica claro que todas as coisas acima mencionadas são ditas relativas segundo o número e as propriedades dos números, que são comensuração, razão e coisas semelhantes.

1022. **Além disso, igual** (494).

Ele agora trata dos termos relativos que têm uma referência à unidade ou ao uno e não se baseiam na relação de um número com outro ou com a unidade. Ele diz que *igual*, *semelhante* e *mesmo* são ditos relativos de uma maneira diferente dos anteriores. Pois estes são assim chamados em referência à unidade. Porque aquelas coisas são as *mesmas* cuja substância é uma; e aquelas são *semelhantes* cuja qualidade é uma; e aquelas são *iguais* cuja quantidade é uma. Ora, como a

unidade é o princípio e a medida do número, fica também claro que os primeiros termos são ditos relativos "numericamente", i.e., em referência a algo pertencente à classe do número. Mas estes últimos termos não são ditos relativos da mesma forma que os primeiros. Pois as primeiras relações vistas são as de número para número, ou de um número para a unidade; mas esta relação tem a ver com a unidade em sentido absoluto.

1023. **Ativo e passivo** (495).

(2) Aqui ele prossegue para tratar do segundo tipo de relações, que diz respeito a coisas ativas e passivas. Ele diz que os seres relativos deste tipo são relativos de duas maneiras: de um modo, segundo a potência ativa e passiva; e de um segundo modo, segundo as atualizações dessas potências, que são ação e passividade; por exemplo, o que pode aquecer é dito relativo ao que pode ser aquecido em virtude da potência ativa e passiva. Pois é o que é capaz de aquecer que pode aquecer, e é o que é capaz de ser aquecido que pode se tornar quente. Novamente, o que está aquecendo em relação ao que está sendo aquecido, e o que está cortando em relação ao que está sendo cortado, são ditos relativos segundo as operações das referidas potências.

1024. Ora, este tipo de relação difere das anteriores; pois aquelas que são numéricas são operações apenas figuradamente, por exemplo, multiplicar, dividir, e assim por diante, como também foi dito em outro lugar, a saber, no Livro II da *Física*, onde ele mostra que os objetos da matemática abstraem do movimento e, portanto, não podem ter operações do tipo que têm a ver com o movimento.

1025. Deve-se notar também que entre os termos relativos baseados na potência ativa e passiva encontramos diversidade do ponto de vista do tempo; pois alguns desses termos são predicados relativamente com relação ao tempo passado, como o que fez algo ao que foi feito; por exemplo, um pai em relação ao seu filho, porque o primeiro gerou e o segundo foi gerado; e estes diferem como o que agiu e o que sofreu a ação. E alguns são usados com respeito ao tempo futuro, como quando o que fará é relacionado ao que será feito. E aquelas relações que se baseiam na privação da potência, como o *impossível* e o *invisível*, são reduzidas a esta classe de relações. Pois algo é dito impossível para esta pessoa ou para aquela; e o invisível é falado da mesma maneira.

1026. **Portanto, as coisas** (496).

(3) Em seguida, ele prossegue para tratar do terceiro tipo de relações. Ele diz que este terceiro tipo difere dos anteriores desta forma, que cada uma das coisas anteriores é dita relativa porque cada uma é referida a outra coisa, não porque outra coisa é referida a ela. Pois o dobro está relacionado à metade, e vice-versa; e de maneira semelhante, um pai está relacionado ao seu filho, e vice-versa. Mas algo é dito relativo deste terceiro modo porque algo é referido a ele. É claro, por exemplo, que o sensível e o cognoscível ou inteligível são ditos relativos porque outras coisas estão relacionadas a eles; pois uma coisa é dita cognoscível porque o conhecimento é tido dela. E da mesma forma, algo é dito sensível porque pode ser sentido.

1027. Portanto, eles não são ditos relativos por causa de algo que lhes pertence, como qualidade, quantidade, ação ou sofrimento, como foi o caso nas relações anteriores, mas apenas por causa da ação de outras coisas, embora estas não terminem neles. Pois se o ver fosse a ação daquele que

vê como se estendendo à coisa vista, assim como o aquecer se estende à coisa que pode ser aquecida, então, assim como o que pode ser aquecido está relacionado àquele que aquece, assim o que é visível estaria relacionado àquele que vê. Mas ver e entender e ações deste tipo, como é dito no Livro IX (1788) desta obra, permanecem nas coisas que agem e não passam para aquelas que sofrem a ação. Portanto, o que é visível ou o que é cognoscível não sofre ação por ser conhecido ou visto. E por esta razão, estes não são referidos a outras coisas, mas outros a eles. O mesmo é verdade em todos os outros casos em que algo é dito relativo porque outra coisa está relacionada a ele, como direito e esquerdo no caso de um pilar. Pois como direito e esquerdo designam pontos de partida do movimento nos seres vivos, eles não podem ser atribuídos a um pilar ou a qualquer coisa não viva, exceto na medida em que os seres vivos estão relacionados a um pilar de alguma forma. É neste sentido que se fala de um pilar à direita porque um homem está à esquerda dele. O mesmo vale para uma imagem em relação ao original; e de um denário, pelo qual se fixa o preço de uma venda. E em todos esses casos, toda a base da relação entre dois extremos depende de outra coisa. Portanto, todas as coisas deste tipo estão relacionadas de maneira algo semelhante ao que é mensurável e sua medida. Pois tudo é medido pela coisa da qual depende.

1028. Ora, deve-se ter em mente que, embora verbalmente o conhecimento pareça ser relativo ao conhecedor e ao objeto do conhecimento (pois falamos tanto do conhecimento do conhecedor quanto do conhecimento da coisa conhecida), e o pensamento ao pensador e ao que é pensado, no entanto, um pensamento como predicado relativamente não é relativo àquele cujo pensamento é como seu sujeito, pois seguir-se-ia que o mesmo termo relativo seria então expresso duas vezes. Pois é evidente que um pensamento é relativo ao que é pensado como ao seu objeto. Novamente, se fosse relativo ao pensador, então seria chamado relativo duas vezes; e como a própria existência do que é relativo é ser relativo de alguma forma a outra coisa, seguir-se-ia que a mesma coisa teria dois atos de existência. Da mesma forma, no caso da visão, é claro que a visão não é relativa ao vidente, mas ao seu objeto, que é a cor, "ou algo deste tipo". Ele diz isso por causa das coisas que são vistas à noite, mas não por meio de sua cor própria, como é dito em *A Alma*, Livro II.

1029. E embora seja correto dizer que a visão é daquele que vê, a visão não está relacionada ao vidente formalmente como visão, mas como um acidente ou potência do vidente. Pois uma relação tem a ver com algo externo, mas um sujeito não, exceto na medida em que é um acidente. É claro, então, que estas são as maneiras pelas quais algumas coisas são ditas relativas diretamente.

1030. **E outras coisas** (497).

Ele agora dá três maneiras pelas quais algumas coisas são ditas relativas não diretamente, mas indiretamente.

A primeira delas é aquela em que as coisas são ditas relativas porque seus gêneros são relativos, como a medicina é dita relativa porque a ciência é relativa. Pois a medicina é chamada de ciência da saúde e da doença. E a ciência é relativa desta forma porque é um acidente.

1031. A segunda maneira é aquela em que certos termos abstratos são ditos relativos porque as coisas concretas às quais esses termos abstratos se aplicam são relativas a outra coisa. Por exemplo, igualdade e semelhança são ditas relativas porque o semelhante e o igual são relativos.

Mas igualdade e semelhança não são consideradas relativas como palavras.

1032. A terceira maneira é aquela em que um sujeito é dito relativo por causa de um acidente. Por exemplo, um homem ou algo branco é dito relativo porque cada um acontece de ser duplo; e desta forma, uma cabeça é dita relativa porque é uma parte.

LIÇÃO 18 - Os Sentidos de Perfeito

TEXTO DE ARISTÓTELES - Capítulo 16: 1021b 12-1022a 3

“ 499. Diz-se que algo é perfeito (ou completo) quando fora dele é impossível encontrar sequer uma única parte; por exemplo, o tempo perfeito de cada coisa é aquele fora do qual é impossível encontrar qualquer tempo que seja parte dele. E aquelas coisas são perfeitas cuja capacidade (virtude) e bondade não admitem grau superior em sua classe; por exemplo, chamamos de médico perfeito e flautista perfeito quando nada lhes falta pertencente à forma de sua capacidade particular. E assim, transferindo este termo para coisas ruins, falamos de um caluniador perfeito e um ladrão perfeito, pois também os chamamos de bons, como um bom caluniador e um bom ladrão. Pois toda capacidade é uma perfeição, já que cada coisa é perfeita e toda substância é perfeita quando, na linha de sua capacidade particular, não lhe falta nenhuma parte de sua medida natural.

500. Além disso, dizem-se perfeitas aquelas coisas que têm um objetivo ou fim que vale a pena buscar. Pois as coisas são perfeitas quando atingiram seu objetivo. Portanto, já que um objetivo é algo final, também dizemos, ao transferir o termo perfeito para coisas ruins, que algo foi perfeitamente arruinado e perfeitamente corrompido quando nada pertencente à sua corrupção e maldade está faltando, mas está em seu último ponto. E por esta razão, a morte é descrita metaforicamente como um fim; pois ambos são coisas finais. Mas um fim é um propósito final.

501. As coisas que se diz serem perfeitas em si mesmas, então, são ditas tais em todos estes sentidos: algumas porque não lhes falta nenhuma parte de sua bondade e não admitem grau superior e não têm parte fora; outras, em geral, na medida em que não admitem grau superior em qualquer classe e não têm parte fora.

502. E outras coisas, agora, são chamadas de perfeitas em referência a estas, seja porque produzem algo tal, ou possuem algo tal, ou conhecem algo tal, ou porque estão de algum modo relacionadas a coisas que se dizem perfeitas nos sentidos primários.

COMENTÁRIO

Perfeito

1033. Após ter tratado os vários sentidos dos termos que significam as causas, o sujeito e as partes do sujeito desta ciência, aqui o Filósofo começa a tratar os vários sentidos dos termos que designam atributos com o caráter de propriedades. Divide-se em duas partes. Na primeira, ele dá os vários sentidos dos termos que se referem à perfeição ou completude do ser. Na segunda (1128), ele trata daqueles que se referem a uma falta de ser ("Falso significa").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, dá os diferentes sentidos dos termos que designam atributos pertencentes à perfeição do ser; e segundo (1085), trata daqueles que designam a totalidade do ser. Pois os termos perfeito e todo têm o mesmo significado ou quase o mesmo, como se diz na *Física*, Livro III. Ele considera a segunda parte desta divisão onde diz: "Vir de algo".

Em relação à primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, trata os vários sentidos do termo perfeito. Segundo (1044), trata os vários sentidos dos termos que significam certas condições daquilo que é perfeito ("O termo limite").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, considera os sentidos em que as coisas são ditas perfeitas em si mesmas; e segundo (1043), trata daqueles em que as coisas são ditas perfeitas por razão de outra coisa ("E outras coisas").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, dá três sentidos em que uma coisa é dita perfeita em si mesma. Segundo (1040), mostra como, de acordo com estes sentidos, uma coisa é dita perfeita de diferentes maneiras ("As coisas que se dizem").

1034. (1) Ele diz, portanto, primeiro, que em um sentido, diz-se que aquela coisa é perfeita fora da qual é impossível encontrar qualquer uma de suas partes. Por exemplo, um homem é dito perfeito quando nenhuma parte dele está faltando; e um período de tempo é dito perfeito quando nenhuma de suas partes pode ser encontrada fora dele. Por exemplo, um dia é dito perfeito ou completo quando nenhuma parte dele está faltando.

1035. (2) Uma coisa é dita perfeita em outro sentido em referência a alguma capacidade. Assim, diz-se que é perfeita a coisa que não admite "nenhum grau além", isto é, excesso ou superabundância, do ponto de vista do bom desempenho em alguma linha particular, e que não é deficiente em nenhum aspecto. Pois dizemos que está em bom estado aquilo que não tem nem mais nem menos do que deveria ter, como se diz no Livro II da **Ética**. Assim, um homem é dito um perfeito médico ou um perfeito flautista quando lhe falta tudo aquilo que pertence à capacidade particular pela qual ele é dito um bom médico ou um bom flautista. Pois a capacidade que cada coisa tem é o que torna bom o seu possuidor e torna boa a sua obra.

1036. E é nesse sentido que também transferimos o termo **perfeito** para as coisas más. Pois falamos de um perfeito "caluniador", ou difamador, e de um perfeito ladrão, quando não lhes falta nenhuma das qualidades próprias a eles enquanto tais. Nem é de estranhar se usamos o termo

perfeito para aquelas coisas que antes designam um defeito, porque mesmo quando as coisas são más predicamos delas o termo *bom* em sentido análogo. Pois falamos de um bom ladrão e de um bom difamador porque em suas operações, embora sejam más, dispõem-se como os homens bons se dispõem em relação às boas operações.

1037. A razão pela qual uma coisa é dita perfeita na linha de sua capacidade particular é que a capacidade é uma perfeição da coisa. Pois cada coisa é perfeita quando não falta nenhuma parte da magnitude natural que lhe pertence segundo a forma de sua própria capacidade. Além disso, assim como cada ser natural tem uma medida definida de magnitude natural na quantidade contínua, como se afirma no Livro II de *Sobre a Alma*, do mesmo modo cada coisa tem uma quantidade definida de sua própria capacidade natural. Por exemplo, um cavalo tem por natureza uma quantidade dimensiva definida, dentro de certos limites; pois há tanto uma quantidade máxima quanto uma quantidade mínima além das quais nenhum cavalo pode ir em tamanho. E de modo semelhante, a quantidade de potência ativa num cavalo tem certos limites em ambas as direções. Pois há alguma potência máxima de um cavalo que, de fato, não é superada em nenhum cavalo; e do mesmo modo há algum mínimo que nunca deixa de ser alcançado.

1038. Portanto, assim como o primeiro sentido do termo *perfeito* se baseava no fato de que uma coisa não carece de nenhuma parte da quantidade dimensiva que é naturalmente determinada a ter, de modo semelhante esse segundo sentido do termo se baseia no fato de que uma coisa não carece de nenhuma parte da quantidade de potência que é naturalmente determinada a ter. E cada um desses sentidos do termo tem a ver com a perfeição interna.

1039. Além disso, aquelas coisas (500).

(3) Aqui ele apresenta o terceiro sentido em que o termo *perfeito* é usado, e ele pertence à perfeição externa. Diz que, num terceiro modo, são ditas perfeitas aquelas coisas "que têm um objetivo", isto é, que já alcançaram seu fim, mas apenas se esse fim é "digno de ser buscado", ou bom. Um homem, por exemplo, é chamado perfeito quando já alcançou a felicidade. Mas aquele que alcançou algum objetivo mau é dito deficiente antes que perfeito, porque o mal é uma privação da perfeição que uma coisa deve ter. Assim, é evidente que, quando os homens maus cumprem sua vontade, não ficam mais felizes, mas mais tristes. E como todo objetivo ou fim é algo final, por isso transferimos o termo *perfeito* um tanto figurativamente para aquelas coisas que alcançaram algum estado final, ainda que mau. Por exemplo, uma coisa é dita perfeitamente estragada ou corrompida quando nada pertencente à sua ruína ou corrupção está faltando. E por essa metáfora a morte é chamada fim, porque é algo final. No entanto, um fim não é apenas algo final, mas é também aquilo por causa do qual uma coisa vem a ser. Isso não se aplica à morte ou à corrupção.

1040. Aqui ele mostra como as coisas são perfeitas de modos diferentes segundo os sentidos de perfeição acima mencionados. (1) Diz que algumas coisas são ditas perfeitas em si mesmas; e isso ocorre de dois modos. (a) Pois algumas coisas são inteiramente perfeitas porque não lhes falta absolutamente nada; elas não têm nenhum "grau além", isto é, excesso, porque não há nada que as supere em bondade; nem recebem nenhum bem de fora, porque não têm necessidade de nenhuma bondade externa. Essa é a condição do primeiro princípio, Deus, no qual se encontra a bondade mais perfeita, e ao qual não falta nenhuma de todas as perfeições encontradas em cada

classe de coisas.

1041. (b) Algumas coisas são ditas perfeitas em alguma linha particular porque "não admitem nenhum grau além", ou excesso, "em sua classe", como se lhes faltasse algo próprio àquela classe. Nem lhes é externo algo que pertença à perfeição daquela classe, como se lhes faltasse; assim como um homem é dito perfeito quando já alcançou a felicidade.

1042. E não apenas essa distinção é feita em referência ao segundo sentido de perfeição dado acima, mas pode também ser feita em referência ao primeiro sentido do termo, como é mencionado no início de **Sobre o Céu**. Pois qualquer corpo individual é uma quantidade perfeita em sua classe, porque tem três dimensões, que são todas as que existem. Mas o mundo é dito universalmente perfeito porque não há absolutamente nada fora dele.

1043. E outras coisas (502).

(2) Agora ele apresenta o sentido em que algumas coisas são ditas perfeitas por causa de sua relação com outra coisa. Diz que outras coisas são ditas perfeitas "em referência a estas", isto é, em referência às coisas que são perfeitas em si mesmas, (a) ou porque fazem algo perfeito de um dos modos precedentes, como a medicina é perfeita porque causa saúde perfeita; ou (b) porque têm alguma perfeição, como um homem é dito perfeito quando tem conhecimento perfeito; ou (c) porque representam tal coisa perfeita, como as coisas que guardam semelhança com as que são perfeitas (como, por exemplo, uma imagem que representa perfeitamente um homem é dita perfeita); ou de qualquer outro modo em que sejam referidas às coisas que são ditas perfeitas em si mesmas nos sentidos primários.

LIÇÃO 19 - Os Sentidos de Limite, de "Segundo o Qual", de "Em Si Mesmo" e de Disposição

TEXTO DE ARISTÓTELES, Capítulos 17 e 18: 1022a 4-1022a 36

“ 504. *E limite significa a forma, seja qual for, de uma quantidade contínua ou de algo que possui quantidade contínua; e significa também o objetivo ou fim de cada coisa. E tal é também aquilo para o qual o movimento e a ação se dirigem, e não aquilo de onde procedem. E às vezes é ambos, não apenas aquilo de onde, mas também aquilo para onde. E significa a razão pela qual algo é feito; e também a substância ou essência de cada coisa. Pois este é o limite ou termo do conhecimento; e se do conhecimento, também da coisa.*

505. *Portanto, fica claro que o termo limite tem tantos significados quanto o termo princípio tem, e ainda mais. Pois um princípio é um limite, mas nem todo limite é um princípio.*

Capítulo 18

506. *A expressão segundo o qual (secundum quod) tem vários significados. Em um sentido, significa a espécie ou substância de cada coisa; por exemplo, aquilo segundo o qual uma coisa é boa é a própria bondade. E em outro sentido, significa o primeiro sujeito no qual um atributo está naturalmente disposto a vir a ser, como a cor na superfície. Portanto, em seu sentido primário, "aquilo segundo o qual" é a forma; e em seu sentido secundário é a matéria de cada coisa e o primeiro sujeito de cada uma. E em geral, aquilo segundo o qual é usado da mesma forma que uma razão. Pois falamos daquilo segundo o qual ele vem, ou a razão de sua vinda; e daquilo segundo o qual ele raciocinou incorretamente ou simplesmente raciocinou, ou a razão pela qual ele raciocinou ou raciocinou incorretamente. Além disso, aquilo segundo o qual é usado em referência ao lugar, como segundo [i.e., próximo] ao qual ele está, ou segundo*

[i.e., ao longo] do qual ele anda; pois em geral estes significam posição e lugar.

507. Portanto, a expressão *em si mesma* (*secundum se*) deve ser usada em muitos sentidos. Pois em um sentido significa a quiddidade de cada coisa, como Cálias e a quiddidade de Cálias. E em outro sentido significa tudo o que se encontra na quiddidade de uma coisa. Por exemplo, Cálias é um animal *em si mesmo*, porque animal pertence à sua definição; pois Cálias é um animal. Novamente, é usado para uma coisa quando algo foi manifestado nela como seu primeiro sujeito ou em alguma parte dela; por exemplo, uma superfície é branca *em si mesma*, e um homem está vivo *em si mesmo*. Pois a alma é uma parte do homem na qual a vida está primeiramente presente. Novamente, significa uma coisa que não tem outra causa. Pois há muitas causas do homem, a saber, animal e bípede, contudo o homem é homem *em si mesmo*. Além disso, significa quaisquer atributos que pertencem a uma coisa sozinha e na medida em que pertencem a ela sozinha, porque o que é separado está *em si mesmo*.

COMENTÁRIO

Termo/limite

1044. Aqui Aristóteles procede a examinar os termos que significam as condições necessárias para a perfeição. Ora, o que é perfeito ou completo, como fica claro pelo que foi dito acima, é o que é determinado e absoluto, independente de qualquer outra coisa, e não privado de nada, mas tendo tudo o que lhe convém em sua própria linha. Portanto, primeiro, ele trata do termo *limite* (fronteira ou termo); segundo (1050), da expressão *em si mesmo* ("A expressão segundo o qual"); e terceiro (1062), do termo *ter* ("Ter significa").

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, ele dá o significado de limite. Ele diz que *limite* significa a última parte de qualquer coisa, de modo que nenhuma parte do que é primeiramente limitado esteja fora deste limite; e todas as coisas que lhe pertencem estão contidas dentro dele. Ele diz "primeiramente" porque a última parte de uma primeira coisa pode ser o ponto de partida de uma segunda coisa; por exemplo, o agora do tempo, que é o último ponto do passado, é o início do futuro.

1045. **E limite significa a forma** (504).

Segundo, ele dá quatro sentidos em que o termo limite é usado:

O primeiro deles se aplica a qualquer tipo de quantidade contínua na medida em que o termo de uma quantidade contínua, ou de uma coisa que tem quantidade contínua, é chamado de limite; por exemplo, um ponto é chamado de limite de uma linha, e uma superfície o limite de um corpo, ou também de uma pedra, que tem quantidade.

1046. O segundo sentido de limite é semelhante ao primeiro na medida em que um extremo de um movimento ou atividade é chamado de limite, i.e., aquilo para o qual há movimento, e não aquilo

de onde há movimento, como o limite da geração é o ser e não o não-ser. Às vezes, porém, ambos os extremos do movimento são chamados de limites em sentido amplo, i.e., tanto aquilo de onde quanto aquilo para onde, na medida em que dizemos que todo movimento está entre dois limites ou extremos.

1047. Em um terceiro sentido, limite significa aquilo para o qual algo vem a ser, pois este é o termo de uma intenção, assim como limite no segundo sentido significava o termo de um movimento ou de uma operação.

1048. Em um quarto sentido, limite significa a substância de uma coisa, i.e., a essência de uma coisa ou a definição que significa o que uma coisa é. Pois este é o limite ou termo do conhecimento, porque o conhecimento de uma coisa começa com certos sinais externos a partir dos quais chegamos a conhecer a definição de uma coisa, e quando chegamos a ela temos o conhecimento completo da coisa. Ou a definição é chamada de limite ou termo do conhecimento porque sob ela estão contidas as notas pelas quais a coisa é conhecida. E se uma diferença é mudada, adicionada ou subtraída, a definição não permanecerá a mesma. Ora, se ela [i.e., a definição] é o limite do conhecimento, ela deve também ser o limite da coisa, porque o conhecimento se dá através da assimilação do conhecedor à coisa conhecida.

1049. **Portanto, é evidente** (505).

Aqui ele conclui comparando um limite com um princípio, dizendo que limite tem tantos significados quanto princípio tem, e até mais, pois todo princípio é um limite, mas nem todo limite é um princípio. Pois aquilo para o qual há movimento é um limite, mas não é de modo algum um princípio, enquanto aquilo a partir do qual há movimento é tanto princípio quanto limite, como fica claro pelo que foi dito acima (1046).

1050. **A expressão "segundo o qual"** (506).

Aqui ele trata da expressão *em si mesmo*; e a respeito disso faz três coisas. Primeiro, estabelece o sentido da expressão *segundo o qual*, que é mais comum do que a expressão *em si mesmo*. Segundo (1054), tira sua conclusão sobre os modos como a expressão *em si mesmo* é usada ("Daí a expressão"). Terceiro (1058), estabelece o significado do termo *disposição*, porque cada um dos sentidos em que usamos as expressões mencionadas acima significa de algum modo disposição. Quanto ao primeiro, ele dá quatro sentidos em que a expressão *segundo o qual* é usada:

O primeiro diz respeito à "espécie", i.e., à forma, ou "à substância de cada coisa", ou sua essência, na medida em que isso é aquilo segundo o qual algo é dito ser; por exemplo, segundo os platônicos, "o bem em si mesmo", i.e., a Ideia do Bem, é aquilo segundo o qual algo é dito ser bom.

1051. Essa expressão tem um segundo sentido, na medida em que o sujeito no qual algum atributo está naturalmente disposto a primeiro surgir é denominado "aquilo segundo o qual", como a cor primeiro surge na superfície; e, portanto, diz-se que um corpo é colorido segundo sua superfície. Ora, esse sentido difere do anterior, porque o sentido anterior pertence à forma, mas este último pertence à matéria.

1052. Há um terceiro sentido em que essa expressão é usada, na medida em que qualquer causa ou razão em geral é dita ser "aquilo segundo o qual". Daí que a expressão "segundo o qual" é usada no mesmo número de sentidos que o termo razão. Pois é o mesmo perguntar "Segundo o que ele vem?" e "Por que razão ele vem?" E, da mesma forma, é o mesmo perguntar "Segundo o que ele raciocinou incorretamente ou simplesmente raciocinou, e por que razão ele raciocinou?"

1053. Essa expressão *segundo o qual* (*secundum quid*) é usada num quarto sentido, na medida em que significa posição e lugar; como na afirmação "segundo o qual ele está de pé", i.e., ao lado do qual, e "segundo o qual ele caminha", i.e., ao longo do qual ele caminha; e ambos significam lugar e posição. Isso aparece mais claramente no idioma grego.

1054. **Daí a expressão** (507).

A partir do que foi dito acima, ele extrai quatro sentidos em que a expressão *em si mesmo* ou *por si mesmo* é usada:

O primeiro deles é encontrado quando a definição, que significa a quiddidade de cada coisa, é dita pertencer a cada uma em si mesma, como Calias "e a quiddidade de Calias", i.e., a essência da coisa, são tais que uma pertence à outra "em si mesma". E não apenas a definição inteira é predicada da coisa definida em si mesma, mas também, de certo modo, tudo o que pertence à definição, que expressa a quiddidade, é predicado da coisa definida em si mesma. Por exemplo, Calias é um animal em si mesmo. Pois animal pertence à definição de Calias, porque Calias é um animal individual, e isso seria dado em sua definição se as coisas individuais pudessem ter uma definição. E esses dois sentidos estão incluídos em um, porque tanto a definição quanto uma parte da definição são predicadas de cada coisa em si mesma pela mesma razão. Pois este é o primeiro tipo de predicação essencial dado nos *Segundos Analíticos*; e corresponde ao primeiro sentido dado acima (1050), em que usamos a expressão *segundo o qual*.

1055. Essa expressão é usada num segundo sentido quando algo é mostrado estar em outra coisa como em um sujeito primeiro, quando lhe pertence por si mesmo. Isso pode ocorrer de duas maneiras: (a) ou o sujeito primeiro de um acidente é o próprio sujeito inteiro do qual o acidente é predicado (como uma superfície é dita colorida ou branca em si mesma; pois o sujeito primeiro da cor é a superfície, e, portanto, um corpo é dito colorido por causa de sua superfície); (b) ou também o sujeito do acidente é alguma parte do sujeito, assim como um homem é dito estar vivo em si mesmo, porque parte dele, a saber, a alma, é o sujeito primeiro da vida. Este é o segundo tipo de predicação essencial dado nos *Segundos Analíticos*, a saber, aquele em que o sujeito é dado na definição do predicado. Pois o sujeito primeiro e próprio é dado na definição de um acidente próprio.

1056. Essa expressão é usada num terceiro sentido quando algo que não tem causa é mencionado como *em si mesmo*; como todas as proposições imediatas, i.e., aquelas que não são provadas por um termo médio. Pois nas demonstrações *a priori* o termo médio é a causa de o predicado pertencer ao sujeito. Portanto, embora o homem tenha muitas causas, por exemplo, animal e bípede, que são sua causa formal, ainda assim nada é a causa da proposição "O homem é homem", uma vez que é imediata; e por essa razão o homem é homem em si mesmo.

E a esse sentido se reduz o quarto tipo de predicação essencial dado nos *Segundos Analíticos*, o caso em que um efeito é predicado de uma causa; como quando se diz que o homem morto pereceu pelo assassinato, ou que a coisa resfriada foi feita fria ou esfriada pelo resfriamento.

1057. Essa expressão é usada num quarto sentido na medida em que são ditas pertencer a algo *em si mesmas* aquelas coisas que lhe pertencem exclusivamente e precisamente como lhe pertencendo exclusivamente. Ele diz isso para diferenciar esse sentido de *em si mesmo* dos sentidos precedentes, nos quais não se dizia que algo pertence a algo em si mesmo porque lhe pertence exclusivamente; embora nesse sentido também algo lhe pertenceria exclusivamente, como a definição à coisa definida. Mas aqui algo é dito estar em si mesmo por causa de sua exclusividade. Pois *em si mesmo* significa algo separado, como um homem é dito estar por si mesmo quando está sozinho.

E a este sentido reduz-se o terceiro sentido dado nos *Analíticos Posteriores*, e o quarto sentido da expressão *segundo o qual*, que implica posição.

LIÇÃO 20 - Os Significados de Disposição, de Posse, de Afecção, de Privação e de "Ter"

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 19-23: 1022b 1-1023a 25

“ 508. Disposição significa a ordem do que tem partes, seja quanto ao lugar, seja quanto à potência, seja quanto à espécie. Pois deve haver uma certa posição, como o próprio termo disposição deixa claro.

Capítulo 20

509. Posse (propriedade ou hábito) significa, em um sentido, uma certa atividade do possuidor e da coisa possuída, como uma espécie de ação ou movimento. Pois quando uma coisa faz e outra é feita, o fazer é intermediário. E igualmente, entre quem possui uma vestimenta e a vestimenta possuída, a posse é intermediária. Por conseguinte, fica claro que não é razoável ter a posse da posse; pois, se fosse possível ter a posse do que é possuído, isso prosseguiria ao infinito. Em outro sentido, posse significa uma certa disposição pela qual a coisa disposta está bem ou mal disposta, seja em relação a si mesma, seja em relação a outra coisa; por exemplo, a saúde é uma espécie de posse e é tal disposição. Além disso, o termo posse é usado se há uma parte de tal disposição. E por esta razão, qualquer virtude relativa às potências da alma é uma espécie de posse.

Capítulo 21

510. Afecção (paixão) significa, em um sentido (modificação), a qualidade segundo a qual ocorre a alteração, como branco e preto, doce e amargo, pesado e leve, e todos os outros atributos tais. E em outro sentido (sofrimento), significa as atualizações e alterações destes; e destas, especialmente as operações e movimentos nocivos; e, mais particularmente, aquelas que são dolorosas e

prejudiciais. Além disso, grande alegria e grande tristeza são chamadas afecções (paixões).

Capítulo 22

511. O termo *privação* é usado em um sentido quando uma coisa não possui um daqueles atributos que é adequado que algumas coisas tenham, ainda que aquela coisa particular não o teria naturalmente. Neste sentido, diz-se que uma planta é privada de olhos. E é usado em outro sentido quando uma coisa é naturalmente disposta a ter algo, seja em si mesma, seja segundo sua classe, e não o tem. Por exemplo, um homem e uma toupeira são privados de visão, mas de maneiras diferentes: esta segundo sua classe e aquele em si mesmo. Além disso, falamos de *privação* em relação a algo que uma coisa é por natureza tal que deveria ter uma certa perfeição e não a tem, mesmo quando está naturalmente disposta a tê-la. Pois a cegueira é uma *privação*, embora um homem não seja cego em qualquer idade, mas apenas se não tiver visão na idade em que está naturalmente disposto a tê-la. E similarmente, usamos o termo *privação* quando uma coisa não possui algum atributo que é naturalmente disposta a ter, em relação a onde, e ao quê, e ao objeto em relação ao qual, e da maneira como pode tê-lo por natureza, se não o tem. Além disso, a remoção de qualquer coisa pela força é chamada de *privação*.

512. E em todas as instâncias em que as negações são expressas pela partícula privativa a [i.e., *des-* ou *in-*], exprimem-se *privações*. Pois uma coisa é dita desigual porque não tem a igualdade que é naturalmente apta a ter. E uma coisa é dita invisível ou porque não tem cor alguma ou porque sua cor é deficiente; e uma coisa é dita sem pés ou porque lhe faltam pés completamente ou porque seus pés são imperfeitos. Além disso, usamos o termo *privação* para uma coisa quando ela tem algo em grau muito pequeno, por exemplo, "não inflamado", e isso significa tê-lo de maneira deficiente. E *privação* também designa o que não é tido fácil ou bem; por exemplo, uma coisa é incortável não apenas porque não pode ser cortada, mas porque não pode ser cortada fácil ou bem. E usamos o termo *privação* para o que não é tido de modo algum. Pois não é apenas o homem de um olho que é dito cego, mas aquele que carece de visão em ambos os olhos. E por esta razão nem todo homem é bom ou mau, justo ou injusto, mas há um estado intermediário.

Capítulo 23

513. Ter (possuir ou conter) tem muitos significados. Em um sentido, significa tratar algo segundo a própria natureza ou o próprio impulso; e por esta razão, diz-se que uma febre possui um homem, e que tiranos possuem cidades, e que pessoas vestidas possuem vestimentas. E em outro sentido, uma coisa é dita ter algo quando isto está presente no sujeito que o recebe; assim, o bronze tem a forma da estátua, e um corpo, a doença. E tudo que contém outra coisa é dito

ter ou conter; pois aquilo que é contido é dito ser contido pelo continente; por exemplo, dizemos que uma garrafa contém um líquido e uma cidade, homens, e um navio, marinheiros. É desta maneira também que um todo tem partes. Além disso, tudo que impede uma coisa de se mover ou de agir segundo seu próprio impulso é dito contê-la, como as colunas contêm o peso imposto sobre elas. É neste sentido que os poetas fazem Atlas conter o céu, como se de outra forma ele caísse sobre a terra, como também dizem certos físicos. E é neste sentido que aquilo que mantém algo unido é dito conter o que mantém unido, porque de outra forma se separaria, cada um segundo seu próprio impulso. E estar em algo é expresso de maneira similar e corresponde aos significados de ter.

COMENTÁRIO

Disposição

1058. Porque a expressão *segundo a qual* significa, em um sentido, posição, o Filósofo, portanto, passa a examinar (1058) o termo *disposição*. Ele dá o significado comum deste termo, dizendo que uma disposição nada mais é do que a ordem das partes em uma coisa que tem partes. Ele também dá os sentidos em que o termo *disposição* é usado; e são três:

O primeiro designa a ordem das partes no lugar, e nesse sentido, disposição ou postura é uma categoria especial.

1059. Disposição é usada em um segundo sentido na medida em que a ordem das partes é considerada em referência à potência ou poder ativo, e então a disposição é colocada na primeira espécie de qualidade. Pois uma coisa é dita estar disposta nesse sentido, por exemplo, segundo a saúde ou a doença, pelo fato de que suas partes têm uma ordem em seu poder ativo ou passivo.

1060. Disposição é usada em um terceiro sentido segundo o qual a ordem das partes é considerada em referência à forma e figura do todo; e então disposição ou posição é tida como uma diferença no gênero de quantidade. Pois diz-se que um tipo de quantidade tem posição, como linha, superfície, corpo e lugar, mas que outro não tem, como número e tempo.

1061. Ele também aponta que o termo *disposição* significa ordem; pois significa posição, como a própria derivação do termo torna claro, e a ordem está envolvida na noção de posição.

1062. **“Ter significa”** (509).

Ele agora passa a examinar o termo *ter*. Primeiro, ele dá os diferentes sentidos do termo *ter*. Segundo (1065), ele dá os diferentes sentidos de certos outros termos que estão intimamente ligados a este. Ele dá, portanto, primeiro, os dois sentidos em que o termo *ter* é usado:

Primeiro, designa algo intermediário entre o possuidor e a coisa possuída. Agora, embora *ter* não seja uma ação, não obstante significa algo à maneira de uma ação. Portanto, *ter* é entendido como algo intermediário entre o possuidor e a coisa possuída e como uma espécie de ação; assim como

aquecer é entendido como algo intermediário entre a coisa sendo aquecida e o aquecedor, seja o intermediário tomado como uma ação, como quando aquecer é tomado em sentido ativo, ou como um movimento, como quando aquecer é tomado em sentido passivo. Pois quando uma coisa faz e outra é feita, o fazer está entre elas. Em grego, o termo *poi,hsij* é usado, e este significa fazer. Além disso, se alguém vai do agente ao paciente, o intermediário é fazer em sentido ativo, e esta é a ação do fazedor. Mas se alguém vai da coisa feita ao fazedor, então o intermediário é fazer em sentido passivo, e este é o movimento da coisa sendo feita. E entre um homem tendo vestimenta e a vestimenta possuída, o *ter* é também um intermediário; porque, se o consideramos indo do homem para sua vestimenta, será como uma ação, como é expresso sob a forma “*ter*”. Mas se o consideramos da maneira oposta, será como o sofrimento de um movimento, como é expresso sob a forma “*ser tido*”.

1063. Agora, embora *ter* seja entendido como intermediário entre um homem e sua vestimenta na medida em que ele a tem, não obstante é evidente que não pode haver outro intermediário entre o *ter* e a coisa possuída, como se houvesse outro *ter* no meio entre o possuidor e o *ter* intermediário. Pois se alguém dissesse que é possível ter o *ter* “do que é tido”, i.e., da coisa possuída, um regresso infinito resultaria então. Pois o homem tem “a coisa tida”, i.e., sua vestimenta, mas ele não tem o *ter* da coisa tida por meio de outro *ter* intermediário. É como o caso de um fazedor, que faz a coisa feita por um fazer intermediário, mas não faz o próprio fazer intermediário por meio de algum outro fazer intermediário. É por esta razão também que as relações pelas quais um sujeito está relacionado a algo mais não estão relacionadas ao sujeito por alguma outra relação intermediária e também não ao termo oposto; paternidade, por exemplo, não está relacionada a um pai ou a um filho por alguma outra relação intermediária. E se algumas relações são ditas intermediárias, elas são meramente relações conceituais e não reais. *Ter* neste sentido é tomado como uma das categorias.

1064. Em um segundo sentido, o termo *ter* significa a disposição pela qual algo é bem ou mal disposto; por exemplo, uma coisa é bem disposta pela saúde e mal disposta pela doença. Agora, por cada um destes, saúde e doença, uma coisa é bem ou mal disposta de duas maneiras: em si mesma ou em relação a algo mais. Assim, uma coisa saudável é aquela que é bem disposta em si mesma, e uma coisa robusta é aquela que é bem disposta para fazer algo. Saúde é um tipo de *ter*, então, porque é uma disposição como a que foi descrita. E *ter* (hábito) designa não apenas a disposição de um todo, mas também a de uma parte, que é uma parte da disposição do todo. Por exemplo, as boas disposições das partes de um animal são elas mesmas partes da boa disposição do animal inteiro. As virtudes pertinentes às partes da alma são também hábitos; por exemplo, temperança é um hábito da parte concupiscível, fortaleza um hábito da parte irascível, e prudência um hábito da parte racional.

1065. **“Afeição”** Aqui ele passa a tratar dos termos que estão associados a *ter*. Primeiro, ele lida com aqueles que estão associados como um oposto; e segundo (1080), ele considera algo que está relacionado a ele como um efeito, a saber, *ter*, que deriva seu nome de *ter*.

Agora, há algo que se opõe a *ter* como o imperfeito se opõe ao perfeito, e isto é *afeição* (ser afetado). E *privação* se opõe por oposição direta. Portanto, primeiro (1065), ele lida com afeição; e segundo (1070), com privação (“O termo privação”). Ele dá, portanto, primeiro, quatro sentidos do termo *afeição*:

Em um sentido (modificação) significa a qualidade segundo a qual a alteração ocorre, como branco e preto e similares. E esta é a terceira espécie de qualidade; pois foi provado no Livro VII da *Física* que pode haver alteração apenas na terceira espécie de qualidade.

1066. Afeição é usada em outro sentido (sofrer) segundo o qual as atualizações deste tipo de qualidade e alteração, que vem através delas, são chamadas afeições. E neste sentido afeição é uma das categorias, por exemplo, ser aquecido e resfriado e outros movimentos deste tipo.

1067. Num terceiro sentido, (sofrimento) "afeição" não significa qualquer tipo de alteração, mas aquelas que são nocivas e terminam em algum mal, e que são lastimáveis ou dolorosas; pois não se diz que uma coisa sofre na medida em que é curada, mas na medida em que é adoecida. Ou também designa qualquer coisa nociva que aconteça a algo, e com razão. Pois um paciente, pela ação de algum agente que lhe é contrário, é afastado de sua disposição natural para uma semelhante à do agente. Por isso, diz-se que um paciente sofre mais propriamente quando alguma parte de algo que lhe é adequado está sendo removida e enquanto sua disposição está sendo mudada para uma contrária, do que quando ocorre o oposto. Pois então se diz que ele é aperfeiçoado.

1068. E porque as coisas que não são muito grandes são consideradas como nada, portanto, num quarto sentido, (paixão) "afeição" não significa qualquer tipo de alteração nociva, mas aquelas que são extremamente prejudiciais, como grandes calamidades e grandes tristezas. E porque o prazer excessivo se torna nocivo (pois às vezes as pessoas morreram ou adoeceram como resultado dele) e porque a prosperidade excessiva se transforma em algo nocivo para aqueles que não sabem fazer bom uso dela, por isso outro texto diz: "grande alegria e grande pesar são chamados de afeições." E ainda outro texto concorda com isso, dizendo: "grandíssimas tristezas e prosperidades."

1069. Deve-se notar agora que, porque estes três — disposição, hábito ou posse, e afeição — significam uma categoria apenas em um dos sentidos em que são usados, como é evidente pelo que foi dito acima, ele, portanto, não os colocou entre as outras partes do ser, ou seja, com a quantidade, qualidade e relação. Pois todos ou a maioria dos sentidos em que eram usados pertenciam à categoria significada por esses termos.

1070. O termo “privação” (511).

Aqui ele dá os diferentes sentidos em que o termo *privação* é usado. E, uma vez que a privação inclui em sua estrutura inteligível tanto a negação quanto a aptidão de algum sujeito para possuir algum atributo, ele dá, primeiro, os diferentes sentidos de privação que se referem a esta aptidão ou capacidade para algum atributo. Segundo (1074), ele trata dos vários sentidos de negação ("E em todos os casos"). Em relação ao primeiro, ele dá quatro sentidos de privação:

O primeiro diz respeito a esta aptidão natural tomada em referência ao atributo do qual o sujeito é privado e não em referência ao próprio sujeito. Pois falamos de privação neste sentido quando algum atributo que é naturalmente apto a ser possuído não é possuído, mesmo que o sujeito que o falta não seja designado pela natureza para tê-lo. Por exemplo, diz-se que uma planta é privada de olhos porque os olhos são naturalmente designados para serem possuídos por algo, embora não

por uma planta. Mas no caso daqueles atributos que um sujeito não é naturalmente apto a ter, o sujeito não pode ser dito privado deles, por exemplo, que o olho, por seu poder de visão, deva penetrar um corpo opaco.

1071. Um segundo sentido do termo privação é notado em referência à aptidão de um sujeito para ter algum atributo. Pois neste sentido, privação refere-se apenas a algum atributo que uma coisa é naturalmente apta a ter, em si mesma ou de acordo com sua classe; em si mesma, por exemplo, como quando uma pessoa cega é dita privada da visão, que ela é naturalmente apta a ter em si mesma. E diz-se que uma toupeira é privada da visão, não porque seja naturalmente apta a tê-la, mas porque a classe, animal, à qual a toupeira pertence, é assim apta. Pois há muitos atributos que uma coisa não é impedida de ter por razão de seu gênero, mas por razão de sua diferença; por exemplo, um homem não é impedido de ter asas por razão de seu gênero, mas por razão de sua diferença.

1072. Um terceiro sentido do termo privação é notado em referência às circunstâncias. E neste sentido, diz-se que uma coisa é privada de algo se não o tem quando é naturalmente apta a tê-lo. Este é o caso, por exemplo, com a privação cegueira; pois um animal não é dito cego em qualquer idade, mas apenas se não tem visão numa idade em que é naturalmente apto a tê-la. Por isso, um cão não é dito cego antes do nono dia. E o que é verdadeiro para a circunstância "quando" também se aplica a outras circunstâncias, como "para onde", ou lugar. Assim, a noite significa a privação de luz num lugar onde a luz pode naturalmente existir, mas não em cavernas, que os raios do sol não podem penetrar. E aplica-se "a que parte", como um homem não é dito desdentado se não tem dentes na mão, mas apenas se não os tem naquela parte em que estão naturalmente dispostos a existir; e "ao objeto em relação ao qual", como um homem não é dito pequeno ou imperfeito em estatura se não é grande em comparação com uma montanha ou com qualquer outra coisa com a qual não é naturalmente comparável em tamanho. Por isso, um homem não é dito lento em movimento se não corre tão rápido quanto uma lebre ou se move tão rápido quanto o vento; nem é dito ignorante se não entende como Deus.

1073. Privação é usada num quarto sentido na medida em que a remoção de algo por violência ou força é chamada de privação. Pois o que é forçado é contrário ao impulso natural, como foi dito acima (829); e assim a remoção de algo pela força tem referência a algo que uma pessoa é naturalmente apta a ter.

1074. E em todos (512).

Então ele dá os diferentes sentidos de privação que envolvem negação:

Pois os gregos usam o prefixo *av-*, ao compor palavras, para designar negações e privações, assim como nós usamos o prefixo *in-*, *im-* ou *des-*; e, portanto, ele diz que em todos os casos em que se expressam negações designadas pelo prefixo *av-*, usado em composição no início de uma palavra, são designadas privações. Pois *desigual* significa, num sentido, o que carece de igualdade, desde que seja naturalmente tal que a tenha; e *invisível* significa o que carece de cor; e *sem pés*, o que carece de pés.

1075. Negações deste tipo são usadas num segundo sentido para indicar não o que não é possuído de todo, mas o que é possuído de forma ruim ou feia; por exemplo, diz-se que uma coisa é incolor porque tem uma cor ruim ou inadequada; e diz-se que uma coisa é sem pés porque tem pés defeituosos ou deformados.

1076. Num terceiro sentido, um atributo é significado privativamente ou negativamente porque é possuído em pequeno grau; por exemplo, o termo *avpu,rhnon*, i.e., não-aceso, é usado no texto grego, e significa uma situação onde a menor quantidade de fogo existe. E de certa forma este sentido está contido no segundo, porque ter algo em pequeno grau é de certa forma tê-lo de forma defeituosa ou inadequada.

1077. Algo é designado como uma privação ou negação num quarto sentido porque não é feito facilmente ou bem; por exemplo, diz-se que algo é incortável não apenas porque não é cortado, mas porque não é cortado fácil ou bem.

1078. E algo é designado como privação ou negação em um quinto sentido porque não é possuído de modo algum. Portanto, não é uma pessoa com um olho só que é dita cega, mas aquela que carece da visão em ambos os olhos.

1079. Disso ele extrai um corolário, a saber, que existe um intermediário entre o bem e o mal, o justo e o injusto. Pois uma pessoa não se torna má quando carece de bondade em qualquer grau, como diziam os estoicos (pois eles consideravam todos os pecados iguais), mas quando se desvia amplamente da virtude e é levada a um hábito contrário. Por isso, diz-se no Livro II da *Ética* que um homem não deve ser culpado por se desviar um pouco da virtude.

1080. **“Ter”** (513).

Em seguida, ele apresenta quatro maneiras pelas quais o termo *ter* (possuir ou segurar) é usado:

Primeiro, ter uma coisa é tratá-la de acordo com a própria natureza no caso das coisas naturais, ou de acordo com o próprio impulso no caso das questões voluntárias. Assim, diz-se que uma febre possui um homem porque ele é levado de um estado normal a um estado de febre. E no mesmo sentido, diz-se que os tiranos possuem cidades, porque os negócios cívicos são realizados de acordo com a vontade e o impulso dos tiranos. E também nesse sentido, aqueles que estão vestidos são ditos possuir ou ter roupas, porque a roupa se ajusta a quem a veste, de modo a tomar sua forma. E possuir algo também se reduz a esse sentido de ter, porque qualquer coisa que um homem possui, ele usa como quer.

1081. Ter é usado num segundo sentido na medida em que aquilo no qual algum atributo existe como seu sujeito próprio é dito tê-lo. É nesse sentido que o bronze tem a forma de uma estátua, e um corpo tem doença. E ter uma ciência ou quantidade ou qualquer acidente ou forma está incluído sob esse sentido.

1082. Ter é usado num terceiro sentido (conter) quando um recipiente é dito ter ou conter a coisa contida, e a coisa contida é dita estar contida pelo recipiente. Por exemplo, dizemos que uma garrafa tem ou “contém um líquido”, i.e., algum fluido, como água ou vinho; e uma cidade, homens; e um navio, marinheiros.

É nesse sentido também que um todo é dito ter partes; pois um todo contém uma parte assim como um lugar contém a coisa no lugar. Mas um lugar difere de um todo nesse aspecto: um lugar pode ser separado da coisa que o ocupa, enquanto um todo não pode ser separado de suas partes. Portanto, qualquer coisa que ocupa um lugar é como uma parte separada, como se diz no Livro IV da *Física*.

1083. Ter é usado num quarto sentido (segurar/suster) na medida em que uma coisa é dita segurar outra porque a impede de operar ou ser movida de acordo com seu próprio impulso. É nesse sentido que se diz que os pilares sustentam os corpos pesados colocados sobre eles, porque impedem que esses corpos caiam de acordo com sua própria inclinação. E nesse sentido também os poetas disseram que Atlas sustenta os céus; pois os poetas supunham que Atlas era um gigante que impedia os céus de cair sobre a terra. E certos filósofos naturais também dizem isso, sustentando que os céus serão corrompidos em algum momento e cairão em dissolução sobre a terra. Isso é evidentíssimo nas opiniões expressas por Empédocles, pois ele sustentava que o mundo é destruído um número infinito de vezes e vem a ser um número infinito de vezes. E as fábulas dos poetas têm algum fundamento na realidade; pois Atlas, que era um grande astrônomo, fez um estudo preciso do movimento dos corpos celestes, e disso surgiu a história de que ele sustenta os céus.

Mas esse sentido do termo *ter* difere do primeiro. Pois segundo o primeiro, como se viu, a coisa que tem obriga a coisa tida a seguir por razão de seu próprio impulso, e assim é a causa do movimento forçado. Mas aqui a coisa que tem impede a coisa tida de ser movida por seu próprio movimento natural, e assim é a causa do repouso forçado.

O terceiro sentido de ter, segundo o qual um recipiente é dito ter ou conter a coisa contida, é reduzido a esse sentido, porque as partes individuais da coisa contida seriam separadas umas das outras por seu próprio impulso peculiar se o recipiente não impedisse isso. Isso é claro, por exemplo, no caso de uma garrafa contendo água, na medida em que a garrafa impede que as partes da água se separem.

1084. Para encerrar, ele diz que a frase *estar em* uma coisa é usada da mesma maneira que ter, e os modos de estar em uma coisa correspondem aos de ter uma coisa. Agora, os oito modos de estar em uma coisa foram tratados no Livro IV da *Física*. Dois deles são os seguintes: (1&2) aquele em que um todo integral está em suas partes, e o inverso disso. Dois outros são: (3&4) o modo como um todo universal está em suas partes, e vice-versa. (8) E outro é aquele em que uma coisa num lugar está num lugar, e isso corresponde ao terceiro sentido de ter, segundo o qual um todo tem partes, e um lugar tem a coisa que o ocupa. (6) Mas o modo como uma coisa é dita estar em algo como numa causa eficiente ou motor (como as coisas pertencentes a um reino estão no rei) corresponde ao primeiro sentido de ter dado aqui (1080). (7) E o modo como uma coisa está num fim ou objetivo é reduzido ao quarto sentido de ter dado aqui (1083), ou também ao primeiro, porque aquelas coisas que estão relacionadas a um fim são movidas ou estão em repouso por causa dele. [(5) O modo como a saúde está num equilíbrio de temperatura, e qualquer forma está na matéria ou num sujeito, seja a forma accidental ou substancial.]

LIÇÃO 21 - Os significados de "Vir de Algo", Parte, Todo e Mutilado

TEXTO DE ARISTÓTELES — Capítulos 24-27: 1023a 26-1024a 28

“ 514. *Vir de algo (esse ou fieri ex aliquo) significa, num sentido, vir de algo como de matéria, e isso de dois modos: ou em referência ao primeiro gênero ou à espécie última; por exemplo, todas as coisas liquefazíveis vêm da água, e uma estátua vem do bronze. E noutro sentido significa vir de uma coisa como de um primeiro princípio movente; por exemplo: De que veio a briga? De uma provocação; porque isso foi a causa da briga. Noutro sentido significa vir do composto de matéria e forma, como as partes vêm de um todo, e um verso da Ilíada, e pedras de uma casa. Pois a forma é um fim ou objetivo, e o que está de posse de seu fim é completo. E uma coisa vem de outra no sentido de que uma espécie vem de uma parte de uma espécie, e o homem vem de bípede, e uma sílaba de um elemento. Pois isso é diferente do modo como uma estátua vem do bronze, porque a substância composta vem da matéria sensível, mas uma espécie vem também da matéria de uma espécie. Esses são, então, os sentidos nos quais algumas coisas são ditas vir de algo. Mas outras coisas são ditas vir de algo se vêm de uma parte daquela coisa em qualquer um dos sentidos acima mencionados. Por exemplo, uma criança vem de seu pai e de sua mãe, e as plantas vêm da terra, porque vêm de uma parte deles. E algumas coisas vêm de outras apenas porque vêm uma depois da outra no tempo, como a noite vem do dia, e a tempestade da bonança. E algumas dessas são assim descritas apenas porque admitem mudança umas nas outras, como nos casos recém-mencionados. E algumas apenas porque se seguem umas às outras no tempo, como uma viagem é feita a partir do equinócio porque ocorre depois do equinócio. E as festas vêm umas das outras desse modo, como a Targélia da Dionísia, porque vem depois da Dionísia.*

Capítulo 25

515. *Parte significa, num sentido, aquilo em que uma quantidade é dividida de qualquer modo; pois o que é subtraído de uma quantidade é sempre chamado*

de parte dela. Por exemplo, o número dois é dito, em certo sentido, ser uma parte do número três. E noutro sentido, parte significa apenas tais coisas que medem um todo. E por essa razão o número dois é dito, num sentido, ser uma parte do número três, e noutro, não. Além disso, aquelas coisas em que uma espécie é dividida independentemente da quantidade também são chamadas de partes dessa espécie; e é por essa razão que as espécies são ditas partes de um gênero. Além disso, partes significam aquelas coisas em que um todo é dividido ou das quais um todo é composto, quer o todo seja uma espécie, quer a coisa que tem a espécie, como o bronze é uma parte de uma esfera de bronze ou de um cubo de bronze (pois esta é a matéria na qual a forma inere). Um ângulo também é uma parte. E aqueles elementos contidos na expressão inteligível, que manifesta o que cada coisa é, também são partes de um todo. E por essa razão o gênero também é chamado de parte da espécie, embora noutro aspecto a espécie seja chamada de parte do gênero.

Capítulo 26

516. *Todo significa aquilo do qual não falta nenhuma das coisas de que se diz consistir por natureza; e aquilo que contém as coisas contidas de modo tal que formam uma só coisa.*

517. *Mas isso ocorre de dois modos: ou na medida em que cada uma é a coisa em questão, ou na medida em que uma coisa é constituída delas.*

518. *Pois um todo é um universal, ou o que é predicado em geral como sendo alguma coisa una, como um universal é uno, no sentido de que contém muitas coisas porque é predicado de cada uma, e todas elas, tomadas singularmente, são aquela coisa una, como homem, cavalo e Deus, porque todos são viventes.*

519. *Um todo é algo contínuo e limitado quando uma coisa é constituída de muitas partes que estão presentes nele, particularmente quando estão presentes potencialmente; mas, se não, mesmo quando estão presentes em atividade.*

520. *E dessas mesmas coisas, as que são todos por natureza o são em maior grau do que as que são todos por arte, como também dizemos de uma coisa que é una (424:C 848), na medida em que a totalidade é uma espécie de unidade.*

521. *Além disso, como uma quantidade tem um começo, um ponto médio e um fim, aquelas quantidades para as quais a posição não faz diferença designamos pelo termo todo; mas aquelas para as quais a posição faz diferença designamos pelo termo todo; e aquelas às quais ambas as descrições se aplicam designamos por ambos os termos — todo e o todo inteiro. Ora, essas são as coisas cuja natureza permanece a mesma quando rearranjadas, mas cuja forma não permanece, como a cera e uma vestimenta; pois tanto todo quanto o todo*

inteiro são predicados delas, uma vez que verificam ambos. Mas a água e todas as coisas úmidas e o número têm todo aplicado a eles, embora a água e o número sejam chamados de todos apenas em sentido metafórico. Mas aquelas coisas das quais o termo cada é predicado com referência a um, têm o termo todos predicado delas com referência a vários; por exemplo, todo este número, todas estas unidades.

Capítulo 27

522. Não é qualquer quantidade que é dita mutilada, mas deve ser um todo e também divisível. Pois duas coisas não são mutiladas quando uma é retirada da outra, porque a parte mutilada nunca é igual ao resto. E, em geral, nenhum número é mutilado, pois sua substância deve permanecer. Se um cálice é mutilado, deve continuar sendo um cálice; mas um número não é o mesmo quando uma parte é retirada. Além disso, nem todas as coisas compostas de partes dessemelhantes são ditas mutiladas. Pois um número é como algo que tem partes dessemelhantes, como dois e três. E, em geral, aquelas coisas para as quais a posição não faz diferença, como a água e o fogo, não são mutiladas; mas devem ter posição em sua substância. E devem ser contínuas; pois uma harmonia é composta de partes dessemelhantes e tem posição, mas não é mutilada.

523. Além disso, nem todo todo é mutilado pela privação de toda parte. Pois as partes que são removidas não devem ser coisas que são próprias da substância, ou coisas que existam em qualquer lugar; por exemplo, um cálice não é mutilado se um buraco é feito nele, mas apenas se uma asa ou algum extremo é removido; e um homem não é mutilado se sua carne ou baço é removido, mas apenas se um extremo é removido. E isso não significa qualquer extremo, mas aqueles que, quando removidos do todo, não podem se regenerar. Por isso, ter a cabeça raspada não é uma mutilação.

COMENTÁRIO

Parte

1085. Aqui ele começa a tratar das coisas que pertencem à noção de todo e de parte. Primeiro, trata daquelas que pertencem à noção de parte; e segundo (1098), daquelas que pertencem à noção de todo ("Todo significa").

E como um todo é constituído de partes, ele faz portanto duas coisas ao tratar do primeiro membro desta divisão. Primeiro, explica os vários modos pelos quais uma coisa é dita vir de algo; e segundo (1093), considera os diferentes sentidos em que o termo *parte* é usado ("Parte significa").

Quanto ao primeiro, faz três coisas. Primeiro, considera os modos pelos quais uma coisa é dita vir de algo no sentido primário e próprio. Segundo (1090), indica os modos pelos quais uma coisa vem

de outra, mas não no sentido primário ("Mas outras coisas"). Terceiro (1091), considera os modos pelos quais uma coisa vem de outra, mas não no sentido próprio ("E algumas coisas"). Ao tratar da primeira parte, apresenta quatro modos pelos quais uma coisa é dita vir de algo:

Primeiro, uma coisa é dita vir de algo como de matéria, e isso pode ocorrer de dois modos: (a) De um modo, na medida em que a matéria é tomada como "a matéria do primeiro gênero", isto é, a matéria comum; como a água é a matéria de todos os líquidos e liquefazíveis, todos os quais são ditos vir da água. (b) De outro modo, "em referência à espécie última", isto é, à espécie ínfima; como a espécie estátua é dita vir do bronze.

1086. De um segundo modo, uma coisa é dita vir de algo como "de um primeiro princípio movente", como uma briga vem de uma provocação, que é o princípio que move a alma da pessoa provocada a brigar. E é desse modo também que uma casa é dita vir de um construtor, e a saúde, da arte médica.

1087. De um terceiro modo, uma coisa é dita vir de outra como algo simples "vem do composto de matéria e forma". Isso pertence ao processo de dissolução; e é desse modo que dizemos que as partes vêm de um todo, "e um verso da *Ilíada*" (isto é, do tratado inteiro de Homero sobre Troia); pois a *Ilíada* é dividida em versos como um todo é dividido em partes. E é do mesmo modo que as pedras são ditas vir de uma casa. A razão disso é que a forma é o objetivo ou fim no processo de geração; pois é o que alcançou seu fim que é dito ser perfeito ou completo, como foi explicado acima (500:C 1039). Por isso é evidente que é perfeito o que tem forma. Portanto, quando um todo perfeito é decomposto em suas partes, há movimento, em certo sentido, da forma para a matéria; e, de modo semelhante, quando as partes são combinadas, há um movimento oposto, da matéria para a forma. Por isso a preposição *de*, que designa um começo, se aplica a ambos os processos: tanto ao processo de composição, porque significa um princípio material, quanto ao de dissolução, porque significa um princípio formal.

1088. De um quarto modo, uma coisa é dita vir de algo como "uma espécie vem de uma parte de uma espécie". E *parte de uma espécie* pode ser tomada de dois modos: ou em referência à ordem conceitual, ou à ordem real. (a) É tomada em referência à ordem conceitual quando dizemos, por exemplo, que *bípede* é uma parte do homem; porque, embora seja parte de sua definição, não é uma parte real; de outro modo, não seria predicada do todo. Pois é próprio de todo homem ter dois pés. (b) E é tomada em referência à ordem real quando dizemos, por exemplo, que "uma sílaba vem de um elemento", ou letra, como de uma parte da espécie. Mas aqui o quarto modo em que o termo é usado difere do primeiro; pois no primeiro modo uma coisa era dita vir de uma parte da matéria, como uma estátua vem do bronze. Pois essa substância, uma estátua, é composta de matéria sensível como parte de sua substância. Mas essa espécie é composta de parte da espécie.

1089. Pois algumas partes são partes da espécie e algumas são partes da matéria. Aquelas que são chamadas partes da espécie são aquelas das quais depende a perfeição da espécie e sem as quais ela não pode ser uma espécie. E é por essa razão que tais partes são postas na definição do todo, como o corpo e a alma são postos na definição de um animal, e um ângulo na definição de um triângulo, e uma letra na definição de uma sílaba. E aquelas partes que são chamadas partes da matéria são aquelas das quais a espécie não depende, mas são, em certo sentido, acidentais à espécie; por exemplo, é acidental a uma estátua que venha do bronze ou de qualquer matéria

particular. E também é accidental que um círculo seja dividido em dois semicírculos; e que um ângulo reto tenha um ângulo agudo como parte. Partes desse tipo, então, não são postas na definição do todo, mas antes o contrário, como será mostrado no Livro VII desta obra (1542). Por isso fica claro que desse modo algumas coisas são ditas vir de outras no sentido primário e próprio.

1090. Mas algumas coisas são ditas vir de algo não no sentido primário, mas (+) segundo uma parte daquela coisa em "qualquer um dos sentidos acima mencionados". Por exemplo, uma criança é dita vir de seu pai como princípio eficiente, e de sua mãe como matéria; porque uma certa parte do pai causa o movimento, isto é, o sêmen, e uma certa parte da mãe tem o caráter de matéria, isto é, o fluido menstrual. E as plantas vêm da terra, embora não de toda ela, mas de alguma parte.

1091. E de outro modo uma coisa é dita vir de algo em sentido impróprio, a saber, do fato de que isso implica ordem ou sucessão apenas; e desse modo uma coisa é dita vir de outra no sentido de que vem depois dela, como "a noite vem do dia", isto é, depois do dia, "e a tempestade da bonança", isto é, depois da bonança. E isso é dito em referência a duas coisas. Pois nos casos em que uma coisa é dita vir de outra, a ordem às vezes é notada em referência ao movimento e não meramente ao tempo; porque ou são os dois extremos do mesmo movimento, como quando se diz que o branco vem do negro, ou são um resultado de extremos diferentes do movimento, como a noite e o dia são um resultado de diferentes localizações do sol. E o mesmo se aplica ao inverno e ao verão. Por isso, em alguns casos, uma coisa é dita vir de outra porque uma é mudada na outra, como fica claro nos exemplos acima.

1092. Mas às vezes a ordem ou sucessão é considerada em referência ao tempo apenas; por exemplo, diz-se que "uma viagem é feita a partir do equinócio", isto é, depois do equinócio. Pois esses dois extremos não são extremos de um único movimento, mas pertencem a movimentos diferentes. E de modo semelhante diz-se que a festa Targélia [de Apolo e Ártemis] vem da Dionísia porque vem depois da Dionísia, sendo essas duas festas que eram celebradas entre os gentios, uma das quais precedia a outra no tempo.

1093. "Parte" significa (515).

Ele agora apresenta quatro sentidos nos quais algo é dito ser uma parte:

Num sentido, *parte* significa aquilo em que uma coisa é dividida do ponto de vista da quantidade; e isso pode ser tomado de dois modos. (a) Pois, de um modo, não importa quão menor seja a quantidade em que uma quantidade maior é dividida, ela é chamada de parte dessa quantidade. Pois qualquer coisa que é retirada de uma quantidade é sempre chamada de parte dela; por exemplo, o número dois é, em certo sentido, uma parte do número três. (b) E, de outro modo, apenas uma quantidade menor que mede uma maior é chamada de parte. Nesse sentido, o número dois não é uma parte do número três, mas uma parte do número quatro, porque duas vezes dois é igual a quatro.

1094. Num segundo sentido, *partes* significam aquelas coisas em que algo é dividido independentemente da quantidade; e é nesse sentido que as espécies são ditas partes de um gênero. Pois um gênero é dividido em espécies, mas não como uma quantidade é dividida em

partes quantitativas. Pois uma quantidade inteira não está em cada uma de suas partes, mas um gênero está em cada uma de suas espécies.

1095. Num terceiro sentido, *partes* significam aquelas coisas em que algum todo é dividido ou das quais é composto, quer o todo seja uma espécie, quer a coisa que tem uma espécie, isto é, o indivíduo. Pois, como já foi apontado (1089), há partes da espécie e partes da matéria, e estas (espécie e matéria) são partes do indivíduo. Por isso o bronze é uma parte de uma esfera de bronze ou de um cubo de bronze como a matéria na qual a forma é recebida, e assim o bronze não é uma parte da forma, mas da coisa que tem a forma. E um cubo é um corpo composto de superfícies quadradas. E um ângulo é parte de um triângulo como parte de sua forma, como foi dito acima (1099).

1096. Num quarto sentido, *partes* significam aquelas coisas que são postas na definição de qualquer coisa, e essas são partes de sua estrutura inteligível; por exemplo, *animal* e *bípede* são partes do homem.

1097. Disso fica claro que um gênero é parte de uma espécie nesse quarto sentido, mas que uma espécie é parte de um gênero num sentido diferente, isto é, no segundo sentido. Pois no segundo sentido uma parte era tomada como uma parte subjetiva de um todo universal, enquanto nos outros três sentidos era tomada como uma parte integral. E no primeiro sentido era tomada como uma parte da quantidade; e nos outros dois sentidos como uma parte da substância; porém de tal modo que uma parte no terceiro sentido significa uma parte de uma coisa, quer seja uma parte da espécie, quer do indivíduo. Mas no quarto sentido é uma parte da estrutura inteligível.

Todo

1098. "Todo" significa (516).

Ele procede a tratar das coisas que pertencem a um todo. Primeiro, considera um todo de modo geral; e segundo (1119), trata de um tipo particular de todo, a saber, um gênero.

Quanto à primeira parte, faz duas coisas. Primeiro, procede a tratar do termo *todo*; e segundo (1109), do seu oposto, *mitigado*.

Quanto ao primeiro, faz três coisas. Primeiro, enuncia o significado comum de *todo*, que envolve duas coisas. (1) A primeira é que a perfeição de um todo é derivada de suas partes. Ele indica isso quando diz que "um todo significa aquilo do qual nenhuma das coisas", isto é, das partes, "de que se diz consistir por natureza", isto é, das quais o todo é composto segundo sua própria natureza, "está faltando". (2) A segunda é que as partes se tornam uma no todo. Assim, ele diz que um todo é "aquilo que contém as coisas contidas", a saber, as partes, de modo tal que as coisas contidas no todo são alguma coisa uma.

1099. Mas isso ocorre (517).

Segundo, ele nota dois modos pelos quais uma coisa é um todo. Diz que uma coisa é dita ser um todo de dois modos: (1) ou no sentido de que cada uma das coisas contidas pelo todo que contém é "a coisa em questão", isto é, o todo que contém, que está no todo universal que é predicado de

qualquer uma de suas próprias partes; ou (2) no sentido de que é uma coisa composta de partes de tal modo que nenhuma das partes é essa coisa. Essa é a noção de um todo integral, que não é predicado de nenhuma de suas próprias partes integrais.

1100. Pois um todo (518).

Terceiro, ele explica os sentidos acima mencionados de *todo*. Primeiro, explica o primeiro sentido. Diz que um todo é um universal "ou o que é predicado em geral", isto é, um predicado comum, como sendo alguma coisa una como um universal é uno, no sentido de que é predicado de cada indivíduo assim como o universal, que contém muitas partes, é predicado de cada uma de suas partes. E todas estas são unas num todo universal de tal modo que cada uma delas é esse todo uno; por exemplo, *vivente* contém homem, cavalo e Deus, porque "todos são viventes", isto é, porque *vivente* é predicado de cada um. Por Deus ele entende aqui um corpo celeste, como o sol ou a lua, que os antigos diziam ser corpos vivos e consideravam deuses; ou entende certos seres vivos etéreos, que os platônicos chamavam de demônios, e que eram adorados pelos pagãos como deuses.

1101. Um todo é algo (519).

Segundo, ele explica o significado de *todo* no sentido de todo integral; e a esse respeito faz duas coisas. Primeiro, apresenta o significado comum desse tipo de todo, e particularmente daquele que é dividido em partes quantitativas, que nos é mais evidente. Ele diz que um todo é algo "contínuo e limitado", isto é, perfeito ou completo (pois o que é ilimitado não tem o caráter de todo, mas de parte, como se diz no Livro III da *Física*, quando uma coisa é composta de muitas partes que estão presentes nele. Ele diz isso para excluir o sentido em que uma coisa vem de outra como de um contrário.

1102. Ora, as partes das quais um todo é composto podem estar presentes nele de dois modos: de um modo, potencialmente; de outro, atualmente. As partes estão potencialmente presentes num todo que é contínuo, e atualmente presentes num todo que não é contínuo, como as pedras estão atualmente presentes num monte. Mas o que é contínuo é uno em maior grau e, portanto, é todo em maior grau do que o que não é contínuo. Por isso ele diz que as partes devem estar presentes num todo, especialmente as partes potenciais, como estão num todo contínuo; e se não potencialmente, então ao menos "em atividade", ou atualmente. Pois "atividade" significa ação interior.

1003. Ora, embora uma coisa seja um todo em maior grau quando suas partes estão presentes potencialmente do que quando estão presentes atualmente, não obstante, se olharmos para as partes, elas são partes em maior grau quando existem atualmente do que quando existem potencialmente. Por isso outro texto diz: "especialmente quando estão presentes perfeita e atualmente; mas, de outro modo, mesmo quando estão presentes potencialmente." E também acrescenta as palavras dadas acima: "particularmente quando estão presentes potencialmente; mas, se não, mesmo quando estão presentes em atividade." Por isso parece que o tradutor encontrou dois textos, que traduziu, e depois cometeu o erro de combinar ambos de modo a fazer um único texto. Isso fica claro a partir de outra tradução, que contém apenas uma dessas afirmações; pois ela diz o seguinte: "E um todo é contínuo e limitado quando alguma coisa una é

composta de muitas partes intrínsecas, especialmente quando estão presentes potencialmente; mas, se não, quando estão presentes atualmente."

1104. E dessas mesmas coisas (520).

Segundo, ele indica duas diferenças dentro desse segundo sentido de *todo*. A primeira é que algumas coisas contínuas o são por arte e algumas por natureza. As que são contínuas por natureza são "tais", isto é, todos, em maior grau do que as que o são por arte. E como falamos do mesmo modo acima (848) a respeito das coisas que são unas, dizendo que as coisas contínuas por natureza são unas em maior grau, como se a totalidade fosse unidade, fica claro disso que qualquer coisa que é una em maior grau é um todo em maior grau.

1105. Além disso, como uma quantidade (521).

Ele apresenta a segunda diferença. Pois, como é verdade que há uma ordem das partes na quantidade, porque uma quantidade tem um começo, um ponto médio e um fim, e a noção de posição envolve estas coisas, as posições das partes em todas essas quantidades devem ser contínuas. Mas, se considerarmos a posição das partes, um todo se encontra contínuo de três modos. (1) Pois há alguns todos que não são afetados por uma diferença de posição em suas partes. Isso é evidente no caso da água, pois não faz diferença como as partes da água são intercambiadas. O mesmo é verdadeiro de outros líquidos, como o óleo e o vinho e similares. E nessas coisas um todo é significado pelo termo *todo* e não pelo termo *o todo inteiro*. Pois dizemos toda a água ou todo o vinho ou todos os números, mas não o todo *inteiro*, exceto metaforicamente. Isso talvez se aplique ao idioma grego, mas para nós é um modo próprio de falar.

1106. (2) E há algumas coisas para as quais a posição das partes faz diferença, por exemplo, um homem e qualquer animal e uma casa e similares. Pois uma coisa não é uma casa se suas partes estão dispostas de qualquer modo, mas apenas se têm uma disposição definida; e destas usamos o termo *o todo inteiro* e não *todo*. E de modo semelhante, uma coisa não é um homem ou um animal se suas partes estão dispostas de qualquer modo. Pois quando falamos de apenas um animal, dizemos o animal inteiro e não todo o animal.

1107. (3) E há algumas coisas às quais ambos se aplicam, porque, em certo sentido, a posição de suas partes responde por suas diferenças; e destas usamos ambos os termos — *todo* e *o todo inteiro*. E essas são as coisas nas quais, quando as partes são intercambiadas, a matéria permanece a mesma, mas não a forma ou a figura. Isso fica claro, por exemplo, no caso da cera; pois não importa como suas partes sejam intercambiadas, a cera ainda permanece, mas não tem a mesma figura. O mesmo é verdadeiro de uma vestimenta e de todas as coisas que têm partes semelhantes e assumem uma figura diferente. Pois mesmo que os líquidos tenham partes semelhantes, não podem ter uma figura própria, porque não são limitados por seus próprios limites, mas pelos de outras coisas. Por isso, quando suas partes são intercambiadas, nenhuma mudança ocorre em algo que lhes é próprio.

1108. A razão dessa diferença é que o termo *todo* é distributivo e, portanto, requer uma multidão atual, ou uma em potência próxima de agir; e porque aquelas coisas têm partes semelhantes, são divididas em partes inteiramente similares ao todo, e desse modo ocorre a multiplicação do todo.

Pois se toda parte da água é água, então em cada parte da água há muitas águas, embora estejam presentes potencialmente, assim como num número há muitas unidades atualmente. Mas o *todo inteiro* significa uma coleção de partes numa coisa una; e, portanto, naqueles casos em que o termo *o todo inteiro* é usado propriamente, uma coisa completa é feita de todas as partes tomadas em conjunto, e a perfeição do todo pertence a nenhuma das partes. Uma casa e um animal são exemplos disso. Por isso, "cada animal" não é dito de um só animal, mas de muitos.

Portanto, no fim dessa parte de sua discussão, ele diz que aqueles todos dos quais o termo *cada* é usado, como é feito de uma coisa quando se faz referência a um todo, podem ter o termo *todos* (no plural) usado deles, como é feito de várias coisas quando se faz referência a elas como partes. Por exemplo, diz-se "todo este número", e "todas estas unidades", e "toda esta água", quando o todo foi indicado, e "todas estas águas" quando as partes foram indicadas.

1109. Não é qualquer quantidade (522).

Aqui ele esclarece a questão sobre o oposto de "todo", que é *mutilado*, em lugar do qual outra tradução lê "diminuído (ou reduzido) por um membro"; mas isso nem sempre se ajusta. Pois o termo *mutilado* é usado apenas de animais, que são os únicos que têm membros. Ora, *mutilado* parece significar "cortado", e assim Boécio o traduziu como "mancado", isto é, "defeituoso". Por isso o objetivo do Filósofo aqui é mostrar o que é exigido para que uma coisa possa ser dita mutilada: e primeiro, o que é exigido do lado do todo; e segundo (1117), o que é exigido do lado da parte que está faltando ("Além disso, nem").

1110. Ora, para que um todo possa ser dito mutilado, sete coisas são exigidas.

Primeiro, o todo deve ser um ser quantificado que tenha partes nas quais possa ser quantitativamente dividido. Pois um todo universal não pode ser dito mutilado se uma de suas espécies é removida.

1111. Segundo, nem todo tipo de ser quantificado pode ser dito mutilado, mas deve ser um que é "divisível em partes", isto é, capaz de ser separado, e ser "um todo", isto é, algo composto de partes diferentes. Por isso as partes últimas em que qualquer todo é dividido, como carne e tendão, embora tenham quantidade, não podem ser ditas mutiladas.

1112. Terceiro, (~) duas coisas não são mutiladas, isto é, qualquer coisa que tenha duas partes, se uma delas é retirada da outra. E isso é verdadeiro porque uma "parte mutilada", isto é, o que quer que seja retirado da coisa mutilada, nunca é igual ao resto, mas o resto deve ser sempre maior.

1113. Quarto, nenhum (~) número pode ser mutilado, não importa quantas partes tenha, porque a substância da coisa mutilada permanece depois que a parte é retirada. Por exemplo, quando um cálice é mutilado, ele ainda permanece um cálice; mas um número não permanece o mesmo, não importa qual parte dele seja retirada. Pois quando uma unidade é acrescentada a um número ou subtraída dele, isso muda a espécie do número.

1114. Quinto, a coisa mutilada deve ter partes dessemelhantes. Pois aquelas coisas que têm partes semelhantes não podem ser ditas mutiladas, porque a natureza do todo permanece verificada em cada parte. Por isso, se alguma das partes é retirada, as outras não são ditas mutiladas. Nem todas

as coisas que têm partes dessemelhantes, no entanto, podem ser ditas mutiladas; pois um número não pode, como foi dito, embora em certo sentido tenha partes dessemelhantes; por exemplo, o número doze tem o número dois e o número três como partes. No entanto, em certo sentido, todo número tem partes semelhantes, porque todo número é constituído de unidades.

1115. Sexto, nenhuma daquelas coisas (~) em que a posição das partes não faz diferença pode ser dita mutilada, por exemplo, a água ou o fogo. Pois as coisas mutiladas devem ser tais que a estrutura inteligível de sua substância contenha a noção de uma disposição determinada de partes, como no caso de um homem ou de uma casa.

1116. Sétimo, as coisas mutiladas devem ser contínuas. Pois uma harmonia musical não pode ser dita mutilada quando uma nota ou um acorde é retirado, mesmo que seja composta de sons graves e agudos, e mesmo que suas partes tenham uma posição determinada; não é qualquer disposição de sons graves e agudos que constitui tal harmonia.

1117. Além disso, nem (523).

Em seguida, ele indica as condições que devem prevalecer com relação à parte cortada para que uma coisa seja mutilada; e há três delas. Diz que, assim como nem todo tipo de todo pode ser dito mutilado, do mesmo modo não pode haver mutilação pela remoção de toda parte. Pois, primeiro, a parte que é removida não deve ser uma (~) parte principal da substância, isto é, uma que constitui a substância da coisa e sem a qual a substância não pode ser, porque a coisa mutilada deve permanecer quando uma parte é removida, como foi dito acima (1113). Por isso um homem não pode ser dito mutilado quando sua cabeça foi cortada.

1118. Segundo, a parte removida não deve estar em toda parte, mas em algum extremo. Assim, se um cálice é perfurado no meio pela remoção de alguma parte, não pode ser dito mutilado; mas isso é dito se alguém remove "a asa de um cálice", isto é, uma parte que é semelhante a uma asa, ou qualquer outro extremo. De modo semelhante, um homem não é dito mutilado se perde um pouco de sua carne da perna, do braço ou da cintura, ou se perde o baço ou uma parte dele, mas se perde um de seus extremos, como uma mão ou um pé.

1118a. Terceiro, uma coisa não é dita mutilada se apenas qualquer parte que é um extremo é removida, mas se é tal parte que não se regenera quando toda ela é removida, como uma mão ou um pé. Mas se uma cabeleira inteira é cortada, ela cresce de novo. Assim, se tais partes são removidas, o homem não é dito mutilado, mesmo que sejam extremos. E por essa razão as pessoas de cabeça raspada não são ditas mutiladas.

LIÇÃO 22 - Os Significados de Gênero, de Falso e de Acidente

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 28-30: 10-24a 29-1025a 34

“ 524. O termo gênero (ou raça) é usado se há uma geração contínua de coisas que têm a mesma espécie; por exemplo, "enquanto durar o gênero humano" significa "enquanto houver geração contínua de homens". E o termo também designa aquilo a partir do qual as coisas são primeiramente trazidas à existência. Pois é desta forma que alguns homens são chamados Helenos por raça e outros Jônios, porque os primeiros vêm de Heleno e os últimos de Íon como os que os geraram. Novamente, o termo é aplicado aos membros do gênero mais a partir do genitor do que a partir do princípio material. Pois alguns também são ditos derivar sua raça da fêmea, como aqueles que vêm de Pleia. Além disso, o termo é usado no sentido de que o plano é chamado de gênero das figuras planas, e o sólido o gênero das figuras sólidas. Pois cada uma das figuras é ou um plano de tal e tal tipo ou um sólido de tal e tal tipo; e este é o sujeito subjacente às diferenças. Novamente, gênero significa o elemento primário presente nas definições, que é predicado quidditativamente da coisa cujas diferenças são chamadas qualidades. O termo gênero, então, é usado em todos estes sentidos: em um como a geração contínua de uma espécie; em outro como o motor primário da mesma espécie; e em outro como matéria. Pois aquilo a que pertence a diferença ou qualidade é o sujeito que chamamos matéria.

525. São ditas diversas (ou outras) em espécie aquelas coisas cujo primeiro sujeito é diverso e não pode ser resolvido uma na outra ou ambas na mesma coisa. Por exemplo, forma e matéria são diversas em gênero. E todas as coisas que são predicadas de acordo com uma figura categórica diferente do ser são diversas em gênero. Pois algumas significam a quiddidade dos seres, outras qualidade, e outras algo mais, no sentido de nossas distinções anteriores. Pois elas não são analisadas umas nas outras ou em alguma coisa una.

526. Falso significa, em um sentido, o que é falso como uma coisa, e isso ou porque não está combinado ou é incapaz de ser combinado. Por exemplo, a afirmação de que a diagonal é comensurável ou de que você está sentado pertencem a esta classe; pois a primeira é sempre falsa e a última é às vezes assim; pois é nestes sentidos que estas coisas são não-seres. Mas há coisas que existem e são por natureza aptas a aparecer ou diferentes do que são ou como coisas que não existem, como uma sombra projetada e os sonhos. Pois estas, de fato, são algo, mas não aquilo de que causam uma imagem em nós. Portanto, as coisas são ditas falsas ou porque não existem ou porque a imagem derivada delas não é de algo real.

527. Uma noção falsa na medida em que é falsa é a noção de algo não-existente. Por isso, toda noção é falsa quando aplicada a algo outro que não aquilo de que é verdadeira; por exemplo, a noção de um círculo é falsa quando aplicada a um triângulo. Ora, de cada coisa há, em um sentido, uma noção, que é sua essência; mas também há, em um sentido, muitas, já que a própria coisa e a coisa com uma modificação são, em um sentido, as mesmas, como Sócrates e Sócrates músico. Mas uma noção falsa é, absolutamente falando, a noção de nada. E é por esta razão que Antístenes sustentou uma opinião tola quando pensou que nada poderia ser expresso exceto por sua noção própria — um termo sempre para uma coisa. Disso se seguiria que não pode haver contradição e quase nenhum erro. É possível, no entanto, expressar cada coisa não apenas por sua própria noção, mas também por aquela que pertence a algo outro, não apenas falsamente, mas também verdadeiramente, como oito pode ser dito ser o dobro através da noção de dois. Estas são as maneiras, então, pelas quais as coisas são ditas falsas.

528. Um homem falso é aquele que escolhe tais pensamentos não por qualquer outra razão, mas por si mesmos; e aquele que é a causa de tais pensamentos em outros; assim como dizemos que aquelas coisas são falsas que produzem uma imagem ou impressão falsa.

529. Por isso, o discurso no *Hípias*, que diz que o mesmo homem é verdadeiro e falso, é refutado; pois assume que aquele homem é falso que é capaz de enganar, ainda que seja conhecedor e prudente.

530. E além disso, supõe que aquele que é capaz de querer coisas más é melhor. E chega-se a essa falsa opinião por indução. Pois quem manca voluntariamente é melhor do que quem o faz involuntariamente; e por mancar entendemos imitar uma manqueira. Porque se um homem mancasse voluntariamente, ele seria pior nesse aspecto, assim como aconteceria no caso do caráter moral.

531. Um acidente é o que se atribui a algo e que é verdadeiro afirmar que assim é, embora não necessariamente nem na maioria das vezes; por exemplo, se alguém descobre um tesouro ao cavar um buraco para plantar, a descoberta do tesouro é um acidente para quem cava. Pois uma coisa não decorre necessariamente da outra nem a sucede, nem acontece na maioria das vezes que alguém encontre um tesouro ao cavar um buraco para plantar uma muda. E um músico pode ser branco; mas como isso não acontece necessariamente nem na maioria das vezes, dizemos que é accidental. Mas, como algo pertence a algo, e algumas coisas pertencem a algum lugar e em algum tempo, então o que se atribui a um sujeito, mas não porque é agora ou aqui, será accidental. Tampouco o acidente tem uma causa determinada, mas apenas uma causa contingente ou casual, ou seja, indeterminada. Pois foi por acidente que alguém veio a Egina; e se ele não veio para lá com o intuito de chegar, mas porque foi levado até lá por uma tempestade ou foi capturado por piratas, o evento ocorreu e é um acidente; contudo, não por si mesmo, mas por causa de outra coisa. Pois a tempestade é a causa de sua vinda ao lugar para o qual não estava navegando, e esse lugar era Egina. E, em outro sentido, acidente significa tudo o que pertence a cada coisa por si mesma, mas não em sua substância; por exemplo, é um acidente de um triângulo ter seus ângulos iguais a dois retos. E esses mesmos acidentes podem ser eternos, mas nenhum dos outros pode ser. Mas uma explicação sobre isso foi dada em outra obra.

COMENTÁRIO

Gênero

1119. Aqui ele apresenta suas opiniões sobre um tipo particular de todo, a saber, o gênero. Primeiro, ele expõe os diferentes sentidos em que o termo gênero é usado; e, em segundo lugar (1124), trata dos diferentes sentidos em que se diz que as coisas são diversas (ou outras) em gênero ("Diz-se que as coisas são"). Assim, ele diz, primeiro, que o termo gênero é usado em quatro sentidos:

Em primeiro lugar, significa a geração contínua de coisas que têm a mesma espécie; por exemplo, diz-se: "enquanto existir 'o gênero do homem'", i.e., "enquanto durar a geração contínua dos homens". Este é o primeiro sentido de gênero dado em Porfírio, i.e., uma multidão de coisas que têm uma relação entre si e com um único princípio.

1120. Em um segundo sentido, gênero (raça) significa aquilo a partir do qual "as coisas são primeiramente trazidas à existência", i.e., algumas coisas procedem de um gerador. Por exemplo, alguns homens são chamados de helenos por raça porque são descendentes de um homem chamado Hélio; e alguns são chamados de jônios por raça porque são descendentes de um certo Íon como seu primeiro gerador. Ora, as pessoas são mais comumente nomeadas a partir de seu pai, que é seu gerador, do que a partir de sua mãe, que produz a matéria da geração, embora alguns derivem o nome de sua raça da mãe; por exemplo, alguns são nomeados a partir de uma

certa mulher chamada Pleia. Este é o segundo sentido de gênero dado em Porfírio.

1121. O termo gênero é usado em um terceiro sentido quando a superfície ou o plano é chamado de gênero das figuras planas, "e o sólido", ou corpo, é chamado de gênero das figuras sólidas, ou corpos. Esse sentido de gênero não é aquele que significa a essência de uma espécie, como animal é o gênero de homem, mas aquele que é o sujeito próprio na espécie de diferentes acidentes. Pois a superfície é o sujeito de todas as figuras planas. E isso tem alguma semelhança com um gênero, porque o sujeito próprio é dado na definição de um acidente assim como um gênero é dado na definição de uma espécie. Daí o sujeito próprio de um acidente ser predicado como um gênero. "Pois cada uma das figuras", i.e., figuras planas, é tal e tal superfície. "E isto", i.e., uma figura sólida, é tal e tal sólido, como se a figura fosse uma diferença qualificando a superfície ou o sólido. Pois a superfície está relacionada às figuras planas (de superfície), e o sólido às figuras sólidas, como um gênero, que é o sujeito dos contrários; e a diferença é predicada no sentido de qualidade. E por essa razão, assim como quando dizemos animal racional, significa-se tal e tal animal, também quando dizemos superfície quadrada, significa-se tal e tal superfície.

1122. Em um quarto sentido, gênero significa o elemento primário dado em uma definição, que é predicado quiditativamente, e as diferenças são suas qualidades. Por exemplo, na definição de homem, animal é dado primeiro e, em seguida, bípede ou racional, que é uma certa qualidade substancial do homem.

1123. É evidente, então, que o termo gênero é usado em tantos sentidos diferentes: (1) em um sentido como a geração contínua da mesma espécie, e isso pertence ao primeiro sentido; (2) em outro como o primeiro princípio motor, e isso pertence ao segundo sentido; (3 e 4) e em outro como matéria, e isso pertence ao terceiro e ao quarto sentidos. Pois um gênero está relacionado a uma diferença da mesma forma que um sujeito está relacionado a uma qualidade. Assim, é evidente que o gênero como predicável e o gênero como sujeito estão incluídos de certo modo sob um mesmo significado, e que cada um tem o caráter de matéria. Pois, embora o gênero como predicável não seja matéria, ainda assim é tomado da matéria, assim como a diferença é tomada da forma. Pois uma coisa é chamada de animal porque tem uma natureza sensitiva; e é chamada de racional porque tem uma natureza racional, que está relacionada à natureza sensitiva como a forma está para a matéria.

1124. **Diz-se que as coisas são** (525). Aqui ele explica os diferentes sentidos em que se diz que as coisas são *diversas* (ou outras) em gênero; e ele dá dois sentidos disso correspondentes aos dois últimos sentidos de gênero. Pois os dois primeiros sentidos são de pouca importância para o estudo da filosofia.

No primeiro sentido, então, algumas coisas são ditas diversas em gênero porque seu primeiro sujeito é diverso; por exemplo, o primeiro sujeito da cor é a superfície, e o primeiro sujeito dos sabores é algo úmido. Logo, com relação ao seu sujeito-gênero, sabor e cor são diversos em gênero.

1125. Além disso, os dois diferentes sujeitos devem ser tais que um deles não seja redutível ao outro. Ora, um sólido é de certo modo redutível a superfícies e, portanto, figuras sólidas e figuras planas não pertencem a gêneros diversos. Novamente, eles não devem ser redutíveis à mesma

coisa. Por exemplo, forma e matéria são diversas em gênero se são consideradas de acordo com sua própria essência, porque não há nada comum a ambas. E de maneira similar, os corpos celestes e os corpos inferiores são diversos em gênero na medida em que não têm uma matéria comum.

1126. Em outro sentido, dizem-se diversas em gênero aquelas coisas que são predicadas "segundo uma figura diferente da categoria do ser", i.e., da predicação do ser. Pois algumas coisas significam a quiddidade, algumas a qualidade, e algumas significam de outras maneiras, que são dadas na divisão feita acima onde ele tratou do ser (889-94). Pois estas categorias não são redutíveis umas às outras, porque uma não está incluída sob a outra. Nem são redutíveis a algo uno, porque não há um gênero comum a todas as categorias.

1127. Ora, é claro, a partir do que foi dito, que algumas coisas estão contidas sob uma categoria e estão em um único gênero neste segundo sentido, embora sejam diversas em gênero no primeiro sentido. Exemplos disso são os corpos celestes e os corpos elementares, e as cores e os sabores. O primeiro modo pelo qual as coisas são diversas em gênero é considerado mais pelo cientista natural e também pelo filósofo, porque é mais real. Mas o segundo modo pelo qual as coisas são diversas em gênero é considerado pelo lógico, porque é conceitual.

Falso

1128. "**Falso**" **significa** (526).

Aqui ele dá os vários sentidos dos termos que significam uma falta de ser ou um ser incompleto. Primeiro, ele dá os sentidos em que o termo falso é usado. Segundo (1139), ele trata dos vários sentidos de acidente.

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, mostra como o termo falso é usado das coisas reais; e segundo (1130), como é usado das definições ("Uma noção falsa"); e terceiro (1135), como os homens são ditos falsos ("Um homem falso").

Ele diz, portanto, primeiro, que o termo *falso* é aplicado em um sentido às coisas reais na medida em que uma enunciação que significa uma realidade não é composta adequadamente. E há duas maneiras pelas quais isso pode ocorrer:

De uma maneira, formando uma proposição que não deveria ser formada; e isso é o que acontece, por exemplo, no caso de proposições contingentes falsas. De outra maneira, formando uma proposição sobre algo impossível; e isso é o que acontece no caso de proposições impossíveis falsas. Pois se dissermos que a diagonal de um quadrado é comensurável com um de seus lados, é uma proposição impossível falsa; pois é impossível combinar "comensurável" e "diagonal". E se alguém disser que você está sentado enquanto está de pé, é uma proposição contingente falsa; pois o predicado não se atribui ao sujeito, embora não seja impossível que o faça. Portanto, uma destas — a impossível — é sempre falsa; mas a outra — a contingente — não é sempre assim. Portanto, aquelas coisas são ditas falsas que são não-entes em sua totalidade; pois uma enunciação é dita falsa quando o que é significado pela enunciação é inexistente.

1129. O termo falso é aplicado às coisas reais de uma segunda maneira na medida em que algumas coisas, embora sejam entes em si mesmas, são por natureza aptas a parecer ou ser outras do que são, ou como coisas que não existem, como "uma sombra", i.e., uma delineação em sombra. Pois às vezes as sombras parecem ser as coisas das quais são as sombras, como a sombra de um homem parece ser um homem. O mesmo se aplica aos sonhos, que parecem ser coisas reais, embora sejam apenas as semelhanças das coisas. E fala-se da mesma maneira de ouro falso, porque ele se assemelha ao ouro verdadeiro. Ora, este sentido difere do primeiro, porque no primeiro sentido as coisas eram ditas falsas porque não existiam, mas aqui as coisas são ditas falsas porque, embora sejam algo em si mesmas, não são as coisas "das quais causam uma imagem", i.e., às quais se assemelham.

É claro, então, que as coisas são ditas falsas (1) ou porque não existem, ou (2) porque surge delas a aparência do que não existe.

1130. Uma noção "falsa" (527).

Ele indica como o termo falso se aplica às definições. Ele diz que "uma noção", i.e., uma definição, na medida em que é falsa, é a noção de algo inexistente. Ora, ele diz "na medida em que é falsa" porque uma definição é dita falsa de duas maneiras:

Ou é uma definição falsa em si mesma, e então não é a definição de nada, mas diz respeito inteiramente ao inexistente; ou é uma definição verdadeira em si mesma, mas falsa na medida em que é atribuída a algo outro que não o propriamente definido; e então é dita falsa na medida em que não se aplica à coisa definida.

1131. É claro, então, que toda definição que é uma definição verdadeira de uma coisa é uma definição falsa de outra coisa; por exemplo, a definição que é verdadeira de um círculo é falsa quando aplicada a um triângulo. Ora, para uma coisa há, em um sentido, apenas uma definição que significa sua quiddidade; e em outro sentido há muitas definições para uma coisa. Pois em um sentido, o sujeito tomado em si mesmo e "a coisa com uma modificação", i.e., tomada em conjunção com uma modificação, são o mesmo, como Sócrates e Sócrates músico. Mas em outro sentido, não são, pois é a mesma coisa acidentalmente, mas não em si mesma. E é claro que eles têm definições diferentes. Pois a definição de Sócrates e a de Sócrates músico são diferentes, embora em um sentido ambas sejam definições da mesma coisa.

1132. Mas uma definição que é falsa em si mesma não pode ser a definição de nada. E uma definição é dita falsa em si mesma, ou falsa sem qualificação, em razão do fato de que uma parte dela não pode coexistir com a outra; e tal definição seria obtida, por exemplo, se alguém dissesse "ser vivo inanimado".

1133. Fica claro, portanto, que a opinião de Antístenes era tola. Pois, como as palavras são sinais das coisas, ele sustentava que, assim como uma coisa não possui nenhuma essência além da sua própria, também numa proposição nada pode ser predicado de um sujeito a não ser sua própria definição, de modo que apenas um predicado absoluto ou sempre poderia ser usado de um sujeito. E dessa posição segue-se que não existe contradição; porque se animal, que está incluído em sua noção, é predicado de homem, não-animal não pode ser predicado dele, e assim uma proposição

negativa não pode ser formulada. Dessa posição também segue que não se pode falar falsamente, porque a definição própria de uma coisa é verdadeiramente predicada dela. Logo, se apenas a definição própria de uma coisa pode ser predicada dela, nenhuma proposição pode ser falsa.

1134. Mas sua opinião é falsa, porque de cada coisa podemos predicar não apenas sua própria definição, mas também a definição de outra coisa. E quando isso ocorre de modo universal ou geral, a predicação é falsa. No entanto, de certa forma, pode haver uma predicação verdadeira; por exemplo, oito é dito duplo na medida em que possui o caráter de dualidade, porque o caráter de dualidade é estar relacionado como dois está para um. Mas na medida em que é duplo, oito é, de certo modo, dois, porque é dividido em duas quantidades iguais. Essas coisas, então, são ditas falsas da maneira anterior.

1135. Em seguida, mostra como o termo *falso* pode ser predicado de um homem; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, dá duas maneiras pelas quais um homem é dito falso. (1) De um modo, um homem é dito falso se está disposto a pensar, ou tem prazer em pensar, pensamentos desse tipo, i.e., falsos, e escolhe tais pensamentos não por qualquer outra razão, mas por eles mesmos. Pois quem tem um hábito acha prazerosa e facilmente realizável a operação relativa a esse hábito; e assim, quem tem um hábito age de acordo com esse hábito e não por causa de algo extrínseco. Por exemplo, um devasso comete fornicação por causa do prazer resultante da cópula; mas se ele comete fornicação por algum outro fim, por exemplo, para roubar, ele é mais ladrão do que devasso. E similarmente, quem escolhe falar falsamente por causa de dinheiro é mais avarento do que falso.

1136. (2) De um segundo modo, um homem é dito falso se causa noções falsas nos outros, de maneira muito semelhante à qual dissemos acima que as coisas são falsas quando causam uma imagem ou impressão falsa. Pois fica claro pelo que foi dito que o falso tem a ver com o não-existente. Logo, um homem é dito falso na medida em que faz declarações falsas, e uma noção é dita falsa na medida em que é acerca de algo não-existente.

1137. **Portanto, o discurso** (529).

Em segundo lugar, ele exclui duas opiniões falsas do que foi estabelecido acima. Ele extrai a primeira dos pontos levantados acima. Diz que, visto que um homem falso é aquele que escolhe e cria opiniões falsas, pode-se refutar ou rejeitar logicamente uma declaração feita no *Hípias*, i.e., uma das obras de Platão, que dizia que a mesma noção é tanto verdadeira quanto falsa. Pois essa opinião considerava falso aquele homem que é capaz de enganar, de modo que, sendo capaz tanto de enganar quanto de falar a verdade, o mesmo homem é verdadeiro e falso. E similarmente, a mesma declaração será verdadeira e falsa, porque a mesma declaração é capaz de ser tanto verdadeira quanto falsa; por exemplo, a declaração "Sócrates está sentado" é verdadeira quando ele está sentado, mas é falsa quando ele não está sentado. Ora, é evidente que isso é tomado indevidamente, porque mesmo um homem prudente e conhecedor é capaz de enganar; contudo, ele não é falso, porque não causa nem escolhe noções ou opiniões falsas, e esta é a razão pela qual um homem é dito falso, como foi dito (1135).

1138. **E além disso** (530).

Em seguida, ele rejeita a segunda opinião falsa. Essa opinião sustentava que um homem que faz coisas vis e quer o mal é melhor do que aquele que não as faz. Mas isso é falso. Pois alguém é definido como mau com base no fato de estar disposto a fazer ou escolher coisas más. No entanto, essa opinião deseja aceitar esse sentido de falso a partir de uma espécie de indução de um caso semelhante. Pois quem manca voluntariamente é melhor e mais nobre do que quem manca involuntariamente: Daí ele diz que fazer o mal é como mancar, na medida em que a mesma noção se aplica a ambos. E, de certo modo, isso é verdade; pois quem manca voluntariamente é pior quanto ao seu caráter moral, embora seja mais perfeito quanto à sua capacidade de andar. E similarmente, quem voluntariamente faz o mal é pior quanto ao seu caráter moral, embora talvez não seja pior quanto a alguma outra capacidade. Por exemplo, mesmo que aquele homem seja moralmente mais mau, que diz voluntariamente o que é falso, ainda assim ele é mais inteligente do que aquele que acredita que diz a verdade quando de fato fala falsamente, embora não intencionalmente.

Acidente

1139. **Um "acidente"** (531).

Aqui, finalmente, ele dá os diferentes sentidos em que o termo acidente é usado; e há dois deles:

(1) Primeiro, acidente significa qualquer coisa que se liga a uma coisa e é verdadeiramente afirmada dela, embora não necessariamente ou "na maioria das vezes", i.e., na maioria dos casos, mas em minoria; por exemplo, se alguém encontrasse um tesouro enquanto cavava um buraco para plantar uma muda. Logo, encontrar um tesouro enquanto (cava um buraco) é um acidente. Pois um não é necessariamente a causa do outro, de modo que um decorre necessariamente do outro. Tampouco se acompanham necessariamente, de modo que o segundo vem após o primeiro como o dia segue a noite, mesmo que um não seja a causa do outro. Tampouco acontece na maioria das vezes, ou na maioria dos casos, que isso ocorra, i.e., que quem planta uma muda encontre um tesouro. E similarmente, um músico é dito branco, embora isso não seja necessariamente assim nem aconteça na maioria das vezes. Logo, nossa declaração é acidental. Mas este exemplo difere do primeiro; pois no primeiro exemplo o termo acidente é tomado em referência ao vir-a-ser, e no segundo exemplo é tomado em referência ao ser.

1140. Ora, assim como algo pertence a algum sujeito definido, também é considerado "pertencer a algum lugar", i.e., a algum lugar definido, "e a algum tempo", i.e., a algum tempo definido. E, portanto, acontece de pertencer a todos estes acidentalmente se não lhes pertence por sua própria natureza; por exemplo, quando branco é predicado de um músico, isso é acidental, porque branco não pertence a um músico enquanto tal. E similarmente, se há abundância de chuva no verão, isso é acidental, porque não acontece no verão enquanto é verão. E novamente, se o que é pesado está no alto, isso é acidental, pois não está em tal lugar enquanto o lugar é tal, mas por causa de alguma causa externa.

1141. E deve-se ter em mente que não há causa determinada para o tipo de acidente aqui mencionado, "mas apenas uma causa contingente", i.e., qualquer que seja a que acontece, ou "uma causa casual", i.e., uma fortuita, que é uma causa indeterminada. Por exemplo, foi um acidente que alguém "tenha vindo a Egina", i.e., àquela cidade, se não veio lá "para chegar lá",

i.e., se começou a se dirigir àquela cidade não para alcançá-la, mas porque foi forçado a isso por alguma causa externa; por exemplo, porque foi levado para lá pelo vento de inverno que causou uma tempestade no mar, ou mesmo porque foi capturado por piratas e levado para lá contra sua vontade. Fica claro, então, que isso é acidental, e que pode ser causado por diferentes causas. No entanto, o fato de que navegando ele chega a este lugar ocorre "não por si mesmo", i.e., na medida em que estava navegando (pois pretendia navegar para outro lugar), mas "por causa de outra coisa", i.e., outra causa externa. Pois uma tempestade é a causa de sua chegada ao lugar "para o qual não estava navegando", i.e., Egina; ou piratas; ou algo desse tipo.

1142. (2) [*propriedade*] Em um segundo sentido, acidente significa o que quer que pertença a cada coisa por si mesma mas não está em sua substância. Este é o segundo modo de predicação essencial, como foi notado acima (1055); pois o primeiro modo existe quando algo é predicado essencialmente de algo que é dado em sua definição, como animal é predicado de homem, o que não é de modo algum um acidente. Ora, pertence essencialmente a um triângulo ter dois ângulos retos, mas isso não pertence à sua substância. Logo, é um acidente.

1143. Essa acepção de acidente difere da primeira, pois os acidentes nesse segundo sentido podem ser eternos. De fato, um triângulo tem sempre três ângulos iguais a dois retos. Porém, nenhuma daquelas coisas que são acidentes no primeiro sentido pode ser eterna, pois ocorrem sempre em minoria de casos. A discussão sobre esse tipo de acidente é empreendida em outro lugar, por exemplo, no Livro VI desta obra (1172) e no Livro II da *Física*. Portanto, o acidente no primeiro sentido opõe-se ao que existe em si mesmo; mas o acidente no segundo sentido opõe-se ao que é substancial. Isso conclui o Livro V.